

A POUSADA EM SUNSET HARBOR — LIVRO I

SOPHIE LOVE



AGORA
e para
SEMPRE



Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

AGORA E PARA SEMPRE

(A POUSADA EM SUNSET HARBOR — LIVRO 1)

S O P H I E L O V E

Sophie Love

Fã de longa data de romances, Sophie Love está muito feliz em publicar sua primeira série de livros: AGORA E PARA SEMPRE (A POUSADA EM SUNSET HARBOR – LIVRO 1). Sophie adoraria ouvir seus comentários, então, visite www.sophieloveauthor.com se quiser enviar-lhe um e-mail, receber eBooks de graça, saber das novidades e manter contato!

Copyright © 2016 por Sophie Love. Todos os direitos reservados. Exceto como permitido pelo Ato de Direitos Autorais dos EUA, publicado em 1976, nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida em qualquer formato ou por qualquer meio, ou armazenada num banco de dados ou sistema de recuperação, sem permissão prévia da autora. Este eBook está licenciado apenas para uso pessoal. Este eBook não pode ser revendido ou doado a outras pessoas. Se você quiser compartilhar este eBook com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada indivíduo. Se você está lendo este livro sem tê-lo comprado, ou se não foi adquirido apenas para seu uso, por favor, devolva-o e compre seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho da autora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência. Foto da capa: STILLFX, todos os direitos reservados. Usada sob licença da Shutterstock.com.

SUMÁRIO

[CAPÍTULO UM](#)
[CAPÍTULO DOIS](#)
[CAPÍTULO TRÊS](#)
[CAPÍTULO QUATRO](#)
[CAPÍTULO CINCO](#)
[CAPÍTULO SEIS](#)
[CAPÍTULO SETE](#)
[CAPÍTULO OITO](#)
[CAPÍTULO NOVE](#)
[CAPÍTULO DEZ](#)
[CAPÍTULO ONZE](#)
[CAPÍTULO DOZE](#)
[CAPÍTULO TREZE](#)
[CAPÍTULO CATORZE](#)
[CAPÍTULO QUINZE](#)
[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)
[CAPÍTULO DEZESSETE](#)
[CAPÍTULO DEZOITO](#)
[CAPÍTULO DEZENOVE](#)
[CAPÍTULO VINTE](#)

Capítulo Um

De novo, Emily passou as mãos pelo tecido acetinado do vestido para desamassá-lo, provavelmente pela centésima vez naquela noite.

“Você parece nervosa”, Ben disse. “Não comeu quase nada”.

Ela olhou para o frango praticamente intocado no prato e, então, voltou-se para Ben, sentado à sua frente na mesa lindamente arrumada, o rosto iluminado pela luz da vela. Para o aniversário de sete anos deles, seu namorado havia escolhido o restaurante mais romântico de Nova York.

É claro que ela estava nervosa.

Sobretudo desde que notou que a pequena caixa da Tiffany escondida na gaveta de meias dele, que ela havia encontrado há poucas semanas, não estava lá quando foi checar naquela noite. Tinha certeza de que esta era a noite em que ele finalmente a pediria em casamento.

Esse pensamento fez seu coração bater mais rápido, com a expectativa.

“Não estou com tanta fome”, respondeu.

“Ah”, Ben falou, parecendo um pouco perturbado com a resposta. “Isso significa que você não vai querer sobremesa? Estou de olho na mousse de caramelo com flor de sal”.

Certamente, ela não ia querer sobremesa, mas teve um súbito temor de que talvez Ben tivesse escondido o anel na mousse. Seria uma forma meio brega de pedir sua mão, mas, àquela altura, ela não se importava. Dizer que Ben tinha medo de compromisso era pouco. Levou dois anos de namoro antes que ele lhe permitisse deixar sua escova de dente no apartamento dele – e quatro anos para finalmente decidir que poderiam morar juntos.

Quando ela apenas mencionava a palavra filhos, ele ficava pálido como uma parede.

“Por favor, peça a mousse, se quiser”, ela disse. “Ainda estou terminando meu vinho”.

Ben encolheu um pouco os ombros, e então chamou o garçom, que removeu rapidamente o prato vazio dele e o frango semi-intacto dela.

Ben estendeu os braços e envolveu a mão dela nas suas.

“Já disse que você está linda?”, perguntou.

“Ainda não”, ela disse, sorrindo.

Ele sorriu de volta. “Então, direi agora: você está linda”.

Em seguida, levou a mão ao bolso.

O coração de Emily pareceu parar de bater. Era agora. Estava realmente acontecendo. Todos aqueles anos de angústia, de *paciência-de-monge-budista*, estavam prestes a, finalmente, dar retorno. Ela ia mostrar a sua mãe que ela estava errada, sua mãe, que parecia sentir prazer em dizer a Emily que ela nunca conseguiria casar com um homem como Ben. Sem falar na sua melhor amiga, Amy, que recentemente desenvolveu a tendência, após beber algumas taças de vinho a mais, de implorar a Emily para não desperdiçar mais tempo com Ben, porque 35 anos, definitivamente, não era “velha demais para encontrar o verdadeiro amor”.

Ela tentou disfarçar o nó na garganta quando Ben tirou a caixa da Tiffany do bolso e a deslizou sobre a mesa, em sua direção.

“O que é isto?” Ela conseguiu dizer.

“Abra”, ele respondeu, com um sorriso.

Ele não estava ajoelhado, Emily percebeu, mas tudo bem. Não tinha que ser da maneira tradicional. Ela só precisava de um anel. Qualquer um serviria.

Emily pegou a caixa, abriu – e então franziu a testa.

“Que... diabos...?”, balbuciou.

Ela ficou olhando em choque. Era uma miniatura de perfume.

Ben sorriu, parecendo muito animado pelo seu achado.

“Eu também não sabia que eles vendiam perfumes. Achei que só vendiam joias absurdamente caras. Quer que passe um pouco em você?”

De repente, incapaz de conter as emoções, Emily começou a chorar. Todas as suas esperanças desmoronaram ao seu redor. Ela se sentiu como uma idiota por imaginar que ele a pediria em casamento naquela noite.

“Por que está chorando?” Ben disse, franzindo o cenho, sentindo-se subitamente ofendido. “As pessoas estão olhando”.

“Pensei...” Emily balbuciou, enxugando os olhos com a toalha da mesa, “... que por causa do restaurante, e porque hoje é nosso aniversário...” Ela mal conseguia falar.

“Sim”, Ben disse, friamente. “É nosso aniversário e comprei um presente para você. Sinto muito se não é bom o bastante, mas você não comprou nenhum para mim”.

“Pensei que você me pediria em casamento!” Emily finalmente gritou, jogando seu guardanapo na mesa.

O burburinho das conversas no salão do restaurante desapareceu e as pessoas pararam de comer, virando-se para olhar para ele. Emily nem ligava mais.

Os olhos de Ben se arregalaram de medo. Ele parecia ainda mais assustado do que quando ela mencionou a possibilidade de começar uma família.

“Para que você quer *se casar*?” ele perguntou.

Emily teve um momento de clareza. Olhou para o namorado como se o visse pela primeira vez. Ben nunca mudaria. Ele nunca se comprometeria. Sua mãe, Amy, as duas estavam certas. Ela havia passado anos esperando por algo que obviamente nunca ia acontecer, e este frasco de perfume em miniatura era a gota d'água.

“Acabou”, disse Emily, sem fôlego e, subitamente, sem lágrimas. “Acabou mesmo”.

“Está bêbada?” Ben falou, sem acreditar. “Primeiro, você quer se casar – e agora quer acabar o namoro?”

“Não”, disse Emily. “É só que não estou mais cega. Isto – você, eu – nunca foi certo”. Ela ficou de pé, colocando seu guardanapo sobre a cadeira. “Vou me mudar”, ela disse. “Dormirei na casa de Amy hoje, e pego minhas coisas amanhã”.

“Emily”, Ben disse, inclinando-se para ela. “Por favor, podemos falar sobre isto?”

“Pra quê?” ela disparou de volta. “Para que possa me convencer a esperar mais sete anos antes de comprarmos nossa casa? Mais uma década antes de termos uma conta conjunta? Dezesete anos antes que você possa chegar a pensar na ideia de termos um gato?”

“Por favor”, Ben falou em voz baixa, olhando para o garçom que se aproximava com a sobremesa. “Você está fazendo uma cena”.

Emily sabia que estava, mas não ligava. Ela não mudaria de ideia.

“Não há nada mais pra falar. Acabou. Aproveite sua mousse de caramelo e flor de sal!”

E com essas palavras finais, ela saiu furiosa do restaurante.

Capítulo Dois

Emily ficou olhando para seu teclado, querendo que os dedos se movessem, tentando fazer algo, qualquer coisa. Outro e-mail apareceu em sua caixa de entrada e ela olhou para a tela sem interesse. O burburinho do escritório ao redor entrava por um ouvido e saía pelo outro. Não conseguia se concentrar. Sentia-se num torpor. A falta total de sono depois de uma noite no desconfortável sofá de Amy também não havia ajudado muito.

Ela chegou no trabalho há uma hora, mas não tinha conseguido fazer mais do que ligar seu computador e beber uma xícara de café. Sua mente estava completamente tomada pelas lembranças da noite passada. A expressão de Ben continuava a aparecer em flashes em sua mente. Ela se sentia levemente em pânico toda vez que revivia aquela noite terrível.

Seu celular começou a piscar, e ela olhou para a pequena tela, vendo o nome de Ben aparecer pela zilionésima vez. Ele estava ligando, de novo. Ela não havia respondido a uma única ligação dele. O que poderiam ter ainda para conversar? Ele havia tido sete anos para refletir se queria estar com ela ou não – uma tentativa de última hora de salvar as coisas não adiantaria de nada.

Seu telefone do escritório começou a tocar e ela deu um salto.

“Alô?”

“Oi, Emily, é Stacey, do 15º andar. Consta aqui que você deveria ter participado da reunião hoje de manhã e queria saber por que não foi”.

“MERDA!” Emily gritou, batendo o telefone. Ela havia esquecido completamente a reunião.

Levantou-se subitamente de sua mesa e correu até o elevador. Seu estado frenético parecia divertir os colegas de trabalho, que começaram a cochichar como crianças. Quando chegou ao elevador, ela apertou o botão várias vezes, batendo nele com a palma da mão.

“Vamos, vamos, vamos!”

Levou um século, mas, finalmente, o elevador chegou. Quando as portas se abriram, Emily entrou apressada, esbarrando em alguém que estava saindo. Ao se afastar, sem fôlego, percebeu que a pessoa em quem havia esbarrado era sua chefe, Izelda.

“Mil desculpas”, Emily balbuciou.

Izelda olhou-a de cima a baixo. “Pelo que, exatamente? Por esbarrar em mim, ou por perder a reunião?”

“Por ambos”, Emily disse. “Eu estava indo para lá agora mesmo. Esqueci completamente.”

Ela podia sentir cada par de olhos no escritório queimando em suas costas. A última coisa de que precisava agora era de uma dose de humilhação pública, algo que Izelda tinha grande prazer em proporcionar.

“Você tem uma agenda com calendário?” Izelda disse friamente, cruzando os braços.

“Sim”.

“E você sabe como funciona? Como marcar compromissos nela?”

Atrás de si, Emily podia ouvir as pessoas abafando o riso. Seu primeiro instinto foi murchar como um flor. Ser feita de boba na frente de uma plateia era sua ideia perfeita de um pesadelo.

Mas, assim como aconteceu no restaurante na noite passada, um estranho senso de clareza tomou conta dela. Izelda não era uma figura de autoridade que ela devia respeitar e nem precisava se curvar diante de qualquer capricho seu. Era apenas uma mulher amarga descontando sua raiva em qualquer um que pudesse. E aqueles colegas cochichando atrás dela não significavam nada para Emily.

Uma súbita onda de clareza tomou conta de Emily. Ben não era a única coisa de que ela não gostava em sua vida. Ela também odiava seu emprego. Estas pessoas, este escritório, Izelda. Havia ficado presa aqui por anos, assim como com Ben. E não iria mais tolerar aquilo.

“Izelda”, Emily disse, chamando sua chefe pelo nome pela primeira vez, “terei que ser sincera. Perdi a reunião, esqueci completamente. Não é a pior coisa do mundo”.

O rosto de Izelda se iluminou.

“Como ousa!” ela disparou. “Vou fazê-la trabalhar em sua mesa até meia-noite pelo próximo mês inteiro até aprender o valor de ser responsável!”

Izelda falou essas palavras enquanto passava por Emily, batendo em seu ombro, querendo sair dali e dar o assunto claramente como resolvido, na opinião dela.

Mas Emily não pensava assim.

Num impulso, foi até a chefe e agarrou seu ombro, fazendo-a parar.

Izelda se virou e sorriu de volta, afastando a mão de Emily como se tivesse sido picada por uma cobra.

Mas Emily não recuou.

“Eu não terminei”, continuou, mantendo a voz completamente calma. “A pior coisa do mundo é este lugar. É você. É este emprego estúpido, medíocre, que destrói a alma”.

“Como?” Izelda gritou, seu rosto ficando vermelho de raiva.

“Você me ouviu”, Emily respondeu. “Na verdade, tenho certeza de que *todo mundo* me ouviu”.

Emily olhou sobre o ombro para seus colegas, que a olharam de volta, pegos de surpresa. Ninguém esperava que a quieta e obediente Emily revidasse daquele jeito. Então, lembrou-se de Ben, avisando que ela estava “fazendo uma cena” na noite passada. E aqui estava Emily, fazendo outra. Só que, desta vez, ela estava gostando.

“Pode pegar seu emprego, Izelda”, Emily acrescentou, “e enfiar no rabo”.

Praticamente, dava para ouvir o sobressalto dos seus colegas atrás de si.

Ela passou rapidamente por Izelda até o elevador e então se virou. Apertou o botão do térreo pelo que, ela percebeu, com um alívio imenso, seria a última vez em sua vida, e então observou a cena de seus colegas atônitos olhando para ela enquanto as portas se fechavam, tirando-os de vista. Ela deu um grande suspiro, sentindo-se mais livre e leve do que nunca.

*

Emily subiu a escada para seu apartamento, percebendo que não era realmente seu – nunca havia sido. Ela sempre sentira como se estivesse vivendo no espaço de Ben, que ela precisava se tornar o mais invisível e discreta possível. Ela procurou suas chaves, grata por Ben estar no

trabalho e ela não ter que lidar com ele.

Emily entrou e olhou para o lugar com novos olhos. Nada aqui era do seu gosto. Tudo parecia assumir um novo significado; o sofá horrível que ela e Ben compraram depois de uma discussão (que ele ganhou); a estúpida mesinha de centro da qual ela queria se desfazer porque uma das pernas era mais curta que as outras e, por isso, era bamba (mas Ben era apegado ao móvel por “razões sentimentais”, então, permaneceu); a TV imensa que havia sido cara demais e que ocupava muito espaço (mas que Ben insistiu que precisava para assistir a esportes, porque era a “única coisa” que evitava que ele enlouquecesse). Ela pegou alguns livros da estante, percebendo como seus romances haviam sido relegados às sombras das prateleiras de baixo (Ben sempre teve medo que seus amigos o achassem menos intelectual se vissem romances na estante – ele preferia textos acadêmicos e filosóficos, apesar de nunca lê-los).

Ela olhou para os porta-retratos sobre a lareira para ver se havia algum que valesse a pena levar, e percebeu como toda foto que a incluía era com a família de Ben. Lá estavam eles no aniversário da sobrinha dele, no casamento da irmã dele... Não havia uma única foto dela com sua mãe, a única pessoa em sua família, quanto mais de Ben passando algum tempo com as duas. Subitamente, ocorreu a Emily que ela vinha sendo uma estranha em sua própria vida. Vinha percorrendo o caminho de outra pessoa há vários anos, ao invés de forjar o seu próprio.

Ela se dirigiu rapidamente para o banheiro. Aqui estavam as únicas coisas que realmente importavam para ela – seus produtos de banho e maquiagem, todos de muito boa qualidade. Mas até isso era um problema para Ben. Ele reclamava constantemente que ela tinha produtos demais, dizendo que eram um desperdício de dinheiro.

“É meu dinheiro e eu gasto como quiser!” Emily gritou para seu reflexo no espelho enquanto jogava todos os seus pertences numa bolsa plástica.

Ela tinha consciência de que parecia uma louca, correndo pelo banheiro jogando frascos meio vazios de xampu em sua sacola, mas não ligava. Sua vida com Ben havia sido nada mais que uma mentira, e queria sair dela o mais rápido possível.

Em seguida, correu para o quarto e pegou a mala sob a cama. Rapidamente, colocou todas as suas roupas e sapatos dentro dela. Depois de empacotar suas coisas, ela arrastou tudo para fora. Então, como um gesto simbólico final, entrou novamente no apartamento e colocou sua chave sobre a mesa de centro com valor “sentimental” para Ben, e então foi embora, para nunca mais voltar.

Foi só quando ficou de pé na calçada que Emily realmente se deu conta do que havia feito. Em poucas horas, havia conseguido ficar sem emprego e sem casa. Estar solteira era uma coisa, mas jogar sua vida toda fora era outra bem diferente.

Leves ondas de pânico começaram a correr por seu corpo. Com mãos trêmulas, ela pegou seu celular e ligou para Amy.

“Oi, e aí?” Amy falou.

“Fiz uma loucura”, ela respondeu.

“Pode dizer...”

“Deixei meu emprego”.

Emily ouviu a amiga suspirar no outro lado da linha.

“Ai, graças a Deus”, falou Amy. “Pensei que você ia me dizer que havia reatado com Ben”.

“Não, não, muito pelo contrário. Eu empacotei minhas coisas e fui embora. Estou de pé na calçada, parecendo uma moradora de rua”.

Amy começou a rir. “Eu estou visualizando você agora”.

“Isso não tem graça!” Emily respondeu, seu pânico crescendo. “O que vou fazer agora? Estou desempregada. Não posso alugar um apartamento sem emprego!”

“Admita que é um pouquinho engraçado”, Amy replicou, rindo. “Traga tudo pra cá”, ela acrescentou, de maneira despreocupada. “Você sabe que pode ficar comigo até decidir o que fazer”.

Mas não era isso que Emily queria. Essencialmente, ela havia desperdiçado anos de sua vida vivendo no espaço de outra pessoa, sentindo-se como uma hóspede em sua própria casa, como se Ben estivesse lhe fazendo um favor apenas por deixá-la morar na casa dele. Ela não queria mais isso. Precisava forjar sua própria vida, sustentar-se com as próprias pernas.

“Agradeço muito”, Emily disse, “mas preciso ficar sozinha por um tempo”.

“Entendo”, Amy respondeu. “Então, e agora? Vai sair da cidade por alguns dias? Esfriar a cabeça?”

Isso fez Emily refletir. Seu pai tinha uma casa no Estado do Maine. Eles costumavam ir para lá no verão quando ela era criança, mas estava vazia desde que ele desaparecera, há vinte anos. Era uma casa velha, mas cheia de personalidade, e foi gloriosa em sua época de ouro, de um jeito meio histórico; sempre pareceu mais uma pousada descuidada, com a qual ele não sabia lidar, do que uma casa.

Na época, seu estado era apenas razoável, e Emily sabia que não estaria melhor depois de passar vinte anos abandonada; também não seria o mesmo vê-la vazia — ou agora que ela não era mais uma criança. Sem falar que o verão ainda ia demorar pra chegar. Estávamos em fevereiro!

Ainda assim, a ideia de passar alguns dias sentada na varanda, olhando para o mar, num lugar que era *dela* (mais ou menos), pareceu, subitamente, muito romântica. Sair de Nova York no final de semana seria uma boa maneira de limpar sua mente e tentar pensar no que fazer com sua vida.

“Tenho que ir”, Emily disse.

“Espere”, Amy respondeu. “Primeiro, diga-me para onde está indo!”

Emily respirou fundo.

“Estou indo para Maine”.

Capítulo Três

Emily teve que pegar vários metrô para chegar ao estacionamento de longa permanência em Long Island City, onde seu carro velho, surrado e abandonado estava. Fazia anos que ela não o dirigia, já que Ben sempre assumiu essa responsabilidade para exibir seu precioso Lexus, e enquanto ela caminhava pelo imenso estacionamento escuro, arrastando sua mala, ela se perguntava se ainda poderia dirigir. Era mais uma coisa que havia deixado escapar ao longo de seu relacionamento.

Só a viagem para chegar até aqui – a este estacionamento na periferia da cidade – parecia não acabar nunca. Enquanto caminhava até o carro, seus passos ecoando no estacionamento frio como gelo, ela quase se sentiu cansada demais para continuar.

Estava cometendo um erro? Ela se perguntou. Devia voltar?

“Aqui está ele”.

Emily se virou e viu o atendente do estacionamento sorrindo para seu carro surrado, como se demonstrasse simpatia por ela. Ele lhe estendeu as chaves.

A ideia de ainda ter que dirigir por oito horas pareceu esmagadora, impossível. Ela já estava exausta, física e emocionalmente.

“Você vai pegar as chaves?” ele perguntou, por fim.

Emily piscou, surpresa, sem perceber que havia passado alguns instantes pensando.

Parada ali, sabia que aquele era um momento decisivo, de certa forma. Ela iria colapsar, correndo de volta para sua antiga vida?

Ou seria forte o bastante para seguir em frente?

Finalmente, Emily afastou os pensamentos sombrios e se obrigou a ser forte. Pelo menos por ora.

Ela pegou as chaves e caminhou triunfante para seu carro, tentando demonstrar coragem e confiança enquanto se afastava, mas secretamente com medo de que não conseguiria nem mesmo ligá-lo – e, se conseguisse, que ela nem lembraria como dirigir.

Entrou no carro gelado, fechou os olhos e pôs a chave na ignição. Se o motor ligasse, ela disse a si mesma, era um sinal. Se estivesse morto, ela podia voltar atrás.

Emily odiava admitir isso para si mesma, mas secretamente tinha esperança de que estaria morto.

Ela girou a chave.

O carro ligou.

*

Foi surpreendente e reconfortante para Emily notar que, apesar de ser uma motorista meio errática, ela ainda sabia o básico do que estava fazendo. Tudo o que precisava fazer era pisar no acelerador e dirigir.

Era libertador observar o mundo passar voando por ela e, lentamente, ela sentiu seu humor melhorar. Até ligou o rádio, lembrando que tinha um.

Com o rádio no volume máximo, os vidros das janelas abaixados, Emily segurou bem o volante com as duas mãos. Em sua mente, ela parecia uma sereia glamorosa dos anos 40 num filme em preto e branco, com o vento desalinhando seu penteado perfeito. Na verdade, o ar gelado de fevereiro deixou seu nariz vermelho como uma cereja e bagunçou seu cabelo todo.

Em pouco tempo, ela saiu da cidade, e quanto mais se aproximava do norte, mais as estradas se tornavam margeadas por pinheiros. Ela admirava sua beleza enquanto passava voando por eles. Com que facilidade ficara presa na agitação do estilo de vida da cidade, pensava. Quantos anos ela havia deixado passar sem reservar tempo para contemplar a natureza?

Logo, as estradas se tornaram mais largas, o número de faixas aumentou e, então, ela chegou à rodovia. Acelerou ainda mais, fazendo seu carro surrado ir mais rápido, sentindo-se viva e animada com a velocidade. Todas essas pessoas em seus carros embarcando em aventuras para algum lugar, e ela, Emily, finalmente era uma delas. A excitação pulsava através de seu corpo enquanto fazia o carro ir mais rápido, aumentando sua velocidade até onde sua ousadia lhe permitisse.

Sua confiança aumentava à medida em que os pneus do carro planavam sobre a estrada. Quando passou pela fronteira estadual para entrar em Connecticut, realmente caiu a ficha de que ela estava, de fato, indo embora. Seu emprego, Ben, ela havia finalmente jogado fora toda aquela tralha.

Quanto mais se aproximava do norte, mais frio ficava, e Emily finalmente teve que admitir que estava frio demais para manter as janelas abertas. Ela as fechou e esfregou as mãos, lamentando por não estar vestindo algo um pouco mais apropriado para o clima. Ela havia saído de Nova York em seu desconfortável terno de trabalho, e em mais um momento de impulsividade, havia atirado a jaqueta sob medida e os sapatos de salto *stiletto* pela janela. Agora, vestia apenas uma blusa fina, e os dedos de seus pés descalços pareciam ter se tornado blocos de gelo. A imagem da estrela de cinema dos anos 40 se despedaçou em sua mente quando ela viu seu reflexo no retrovisor. Ela parecia uma estátua de cera. Mas não ligava para isso. Estava livre, e era só o que importava.

Horas se passaram, e antes que percebesse, havia deixado Connecticut para trás, uma lembrança distante, apenas um lugar pelo qual passara em seu caminho para um futuro melhor. A paisagem de Massachusetts era mais aberta. Ao invés da folhagem verde-escura dos pinheiros, as árvores daqui haviam perdido suas folhas de verão e erguiam-se como longos, compridos esqueletos nos dois lados da estrada, revelando traços de neve e de gelo no chão duro sob elas. Acima de Emily, o céu começava a mudar de cor, de um azul claro para um cinza macilento, lembrando a ela que chegaria a Maine quando já estivesse escuro.

Ela dirigiu por Worcester, onde muitas das casas eram altas, revestidas de madeira, e pintadas em vários tons pastéis. Emily imaginou que tipo de pessoas viviam aqui, divagando sobre suas vidas e experiências. Ela estava apenas há algumas horas de casa, mas tudo já parecia estranho para ela – todas as possibilidades, todos os diferentes lugares para viver, estar e visitar. Ela havia passado sete anos vivendo apenas uma versão da vida, seguindo a rotina antiga, familiar, repetindo o mesmo dia várias vezes, esperando, esperando, esperando por algo

mais. Todo aquele tempo esperando Ben pedi-la em casamento, para que ela então pudesse começar o próximo capítulo da sua vida. Mas, o tempo todo, ela tinha o poder de ser a mola, a força propulsora de sua própria história.

Emily se viu dirigindo sobre uma ponte, seguindo a Rota 290 até ela se tornar a Rota 495. Foram-se as maravilhosas árvores, agora substituídas por paredes rochosas íngremes. Seu estômago começou a roncar, lembrando-a de que a hora do almoço havia passado e ela não fizera nada a respeito. Pensou em parar num posto de gasolina, mas a compulsão para chegar em Maine era grande demais. Ela podia comer quando chegasse lá.

Mais horas se passaram, e ela cruzou a fronteira estadual, entrando em New Hampshire. O céu se abriu, as estradas se tornaram largas e numerosas, as planícies se estendendo em todas as direções, até onde seus olhos alcançavam. Emily não pôde deixar de pensar sobre como o mundo era grande, sobre quantas pessoas ele continha.

Seu senso de otimismo a carregou o caminho todo, passando por Portsmouth, onde aviões precipitavam-se ruidosos sobre ela, seus motores roncando enquanto se aproximavam da pista para aterrissar. Ela acelerou, passando da próxima cidade, onde o gelo cobria os bancos nos dois lados da rodovia, e então seguiu em frente através de Portland, em que a estrada seguia ao longo dos trilhos de trem. Emily absorveu cada detalhe, sentindo-se impressionada pelo tamanho do mundo.

Ela acelerou sobre a ponte que cruzava a fronteira final de Portland, querendo desesperadamente parar o carro para admirar a vista do oceano. Mas o céu estava cada vez mais escuro e ela sabia que tinha que pisar fundo se quisesse chegar a Sunset Harbor antes da meia-noite. Seriam, pelo menos, mais três horas de estrada, e o relógio em seu painel já indicava que eram nove horas da noite. Seu estômago protestou novamente, repreendendo-a por ter ignorado o jantar e o almoço.

Havia várias coisas que Emily queria fazer quando chegasse, mas dormir a noite toda era a principal. A fadiga estava começando a se instalar; o sofá de Amy não era exatamente confortável, sem mencionar o turbilhão emocional em que Emily havia estado durante toda a noite. Mas, esperando por ela na casa em Sunset Harbor estava a linda cama de carvalho escuro com dossel do quarto principal, a que seus pais dividiram nos bons tempos. A ideia de tê-la toda para si era muito interessante.

Apesar da ameaça de neve, Emily decidiu não seguir pela rodovia até Sunset Harbor. Seu pai gostava de dirigir pelo caminho menos movimentado – uma série de pontes que se estendia sobre a miríade de rios correndo para o oceano, por toda aquela parte do Maine.

Ela saiu da rodovia, aliviada por pelo menos diminuir a velocidade. As estradas pareciam mais traiçoeiras, mas a paisagem era incrível. Emily levantou os olhos e viu as estrelas brilhando sobre a água clara, prateada.

Ela permaneceu na Rota 1 margeando a costa, absorvendo a beleza a seu dispor. O céu passou de cinza para preto, a água refletindo seu reflexo. Parecia que ela estava dirigindo pelo espaço, em direção ao infinito.

Indo em direção ao começo do resto de sua vida.

Cansada por causa da viagem sem fim, lutando para manter seus olhos exaustos abertos, ela se animou quando seus faróis finalmente iluminaram uma placa que lhe dizia que estava entrando em Sunset Harbor. Seu coração bateu mais rápido, com o alívio e a antecipação.

Ela passou pelo pequeno aeroporto e dirigiu até a ponte que a levaria para a Ilha Mount Desert, lembrando-se, com uma pontada de nostalgia, de estar no carro da família enquanto corria sobre esta mesma ponte. Ela sabia que a casa estava a apenas 16 km, que não levaria mais de vinte minutos para chegar ao seu destino. Seu coração começou a bater forte com a excitação. Sua fome e seu cansaço pareceram desaparecer.

Ela viu a pequena placa de madeira que lhe dava as boas-vindas a Sunset Harbor e sorriu. Árvores altas margeavam os dois lados da estrada, e Emily se sentiu bem ao notar que eram as mesmas árvores que ela havia visto quando criança enquanto seu pai dirigia ao longo desta mesma estrada.

Alguns minutos mais tarde, ela passou sobre uma ponte em que se lembrava de passar quando criança, numa bela tarde de outono, com folhas vermelhas estalando sob seus pés. A lembrança era tão vívida que ela até mesmo podia ver as luvas roxas de lã que estava usando enquanto andava de mãos dadas com seu pai. Ela não podia ter mais de cinco anos na época, mas a lembrança lhe veio tão clara como se tivesse sido ontem.

Mais lembranças surgiram em sua mente enquanto passava por outros lugares – o restaurante que servia panquecas incríveis, o acampamento, que estaria cheio de grupos de escoteiros durante todo o verão, o caminho de mão-única que levava até Salisbury Cove. Quando ela alcançou o letreiro do Parque Nacional Acadia, sorriu, sabendo que estava a apenas três quilômetros de seu destino final. Parecia que ela chegaria na casa bem na hora; a neve estava começando a cair e seu carro surrado provavelmente não teria forças para enfrentar uma nevasca.

Como que entendendo a deixa, o veículo começou a emitir um barulho estranho, como se algo estivesse rangendo sob o capô. Emily mordeu o lábio, angustiada. Ben sempre foi o prático, o mais racional no relacionamento. As habilidades mecânicas dela eram nulas. Começou a rezar para que o carro resistisse pelo último quilômetro.

Mas o barulho ficou pior, logo foi acompanhado por um estranho zumbido, por um clique-claque irritante e, finalmente, por um resfolego. Emily bateu os punhos contra o volante e começou a falar palavrões em voz baixa. A neve começou a cair mais rápido e mais grossa e seu carro passou a reclamar mais ainda, antes dos ruídos diminuírem um pouco e o motor, finalmente, estancar.

Ouvindo o motor sibilar, Emily ficou ali parada, em desespero, tentando pensar no que fazer. O relógio marcava meia-noite. Não havia outros carros, ninguém àquela hora da noite. O lugar estava silencioso como um cemitério e, sem seus faróis para providenciar luz, espetacularmente escuro; não havia postes nesta estrada e nuvens cobriam as estrelas e a lua. Parecia estranho e assustador, e Emily pensou que era o cenário perfeito para um filme de terror.

Pegou o celular como se fosse um consolo, mas viu que não havia sinal. A visão daquelas cinco barras vazias na tela do aparelho a fez se sentir ainda mais preocupada, isolada e sozinha. Pela primeira vez desde que deixou sua vida em Nova York até agora, Emily começou a sentir que havia tomado uma decisão terrivelmente estúpida.

Ela saiu do carro e tremeu enquanto o ar frio e a neve mordiscavam sua carne. Caminhou ao redor do carro e deu uma olhada no motor, sem saber nem mesmo exatamente pelo que estava procurando.

Nesse momento, ela ouviu o ronco de um caminhão. Seu coração saltou de alívio quando olhou ao longe e conseguiu distinguir dois faróis se arrastando ao longo da estrada em sua direção. Ela começou a balançar os braços, sinalizando para que o caminhão parasse.

Felizmente, ele encostou, parando logo atrás de seu carro, pulverizando gases do escapamento no ar frio, suas luzes duras, severas, iluminando os flocos de neve que caíam.

A porta do motorista rangeu ao abrir, e dois pés calçados com botas pesadas esmagaram a neve logo abaixo. Emily pôde distinguir apenas a silhueta da pessoa diante dela e sentiu um súbito e terrível pânico ao pensar que podia estar pedindo ajuda ao assassino local.

“Você se colocou numa situação bem ruim, não foi?” ela ouviu a voz rouca de um homem velho dizer.

Emily esfregou os braços, sentindo os arrepios sob sua blusa, tentando parar de tremer – mas aliviada por ele ser um velho.

“Sim, não sei o que aconteceu”, ela disse. “Ele começou a fazer um barulho estranho e então, simplesmente, parou”.

O homem se aproximou, seu rosto finalmente revelado pelos faróis do caminhão. Ele era muito velho, com cabelos brancos ao redor de seu rosto enrugado. Seus olhos eram pretos, mas se mostravam brilhantes e curiosos ao olhar para Emily e, em seguida, para o carro.

“Não sabe o que houve?” ele perguntou, rindo baixinho. “Vou lhe dizer como aconteceu. Este carro aí não passa de um monte de lixo. Estou surpreso por você ter conseguido tirá-lo da garagem, em primeiro lugar! Aparentemente, não passou por nenhuma revisão, e então você decide trazê-lo aqui para fora, para a neve?”

Emily não estava a fim de ser zombada, especialmente porque ela sabia que o velho tinha razão.

“Na verdade, vim dirigindo desde Nova York. Ele se aguentou muito bem por oito horas”, ela replicou, sem conseguir esconder o tom seco de sua voz.

O velho deu um assovio baixo. “Nova York? Bem, eu nunca... O que lhe traz de tão longe?”

Emily não estava com vontade de divulgar sua história, então, simplesmente respondeu: “Estou indo para Sunset Harbor”.

O homem não fez mais perguntas. Emily ficou parada olhando para ele, seus dedos rapidamente se tornando dormentes enquanto esperava que ele oferecesse algum tipo de ajuda. Mas o velho parecia mais interessado em caminhar ao redor de seu carro enferrujado, chutando de leve os pneus com a ponta da bota, retirando lascas da pintura com uma unha e balançando a cabeça. Ele abriu o capô e examinou o motor por um longo, longo tempo, murmurando de

vez em quando para si mesmo.

“E então?” Emily finalmente disse, exasperada por sua lentidão. “Qual o problema do carro?”

Ele olhou por cima do capô, quase surpreso, como se tivesse até esquecido que ela estava lá, e coçou a cabeça. “Está quebrado”.

“Sei disso”, disse, irritada. “Mas você pode fazer algo para consertar?”

“Ah, não”, o homem respondeu, rindo. “Nadinha mesmo”.

Emily teve vontade de gritar. A fome e o cansaço causado pela longa viagem estavam começando a afetá-la, levando-a quase às lágrimas. Tudo o que ela queria era chegar em casa, para poder dormir.

“O que vou fazer?” ela disse, em desespero.

“Bem, você tem duas opções”, o velho replicou. “Caminhar até a oficina mecânica, que fica a mais ou menos 1,5 km daqui, nesta direção”. Ele apontou para o lado de onde ela tinha vindo com um de seus dedos enrugados, nodosos. “Ou posso rebocar seu carro para seja lá qual for seu destino”.

“Faria isso?” Emily disse, impressionada pela gentileza, algo com que não estava acostumada a ver, depois de viver em Nova York por tanto tempo.

“É claro”, o homem replicou. “Não vou deixar você aqui fora à meia-noite numa nevasca. Ouvi que vai piorar na próxima hora. Para onde você está indo?”

Emily estava imensamente grata. “Rua Oeste. Número 15”.

O homem inclinou a cabeça para o lado, curioso. “Rua Oeste, 15? Aquela casa velha, caindo aos pedaços?”

“Sim”, Emily respondeu. “Pertence a minha família. Preciso passar algum tempo sozinha, sossegada”.

O velho sacudiu a cabeça. “Não posso lhe deixar naquele lugar. A casa está caindo aos pedaços. Duvido que tenha ao menos isolamento contra infiltrações. Por que não vem para a minha casa? Moramos em cima da loja de conveniência, eu e minha mulher, Bertha. Ficaríamos felizes de tê-la como nossa hóspede”.

“É muita gentileza sua”, Emily disse. “Mas, realmente, só quero ficar sozinha no momento. Então, se puder me rebocar até a Rua Oeste, eu agradeceria muito”.

O velho observou-a por um momento e então, cedeu, por fim. “Certo, moça. Se você insiste”.

Emily sentiu um certo alívio quando ele voltou para seu caminhão e dirigiu-o até a frente do seu carro. Ela observou-o tirar uma corda grossa de seu caminhão e amarrá-la ao seu carro, unindo os dois veículos.

“Quer dirigir comigo?” ele perguntou. “Pelo menos, tenho aquecedor”.

Emily sorriu meio sem graça, e balançou a cabeça. “Eu prefiro...”

“Ficar sozinha”, o velho terminou a frase junto com ela. “Entendi. Entendi.”

Emily voltou para seu carro, perguntando-se que tipo de impressão ela tinha causado no velho. Ele deve estar pensando que ela era meio louca, aparecendo despreparada e mal vestida à meia-noite enquanto uma nevasca estava quase descendo, pedindo para ser levada até uma

casa abandonada, caindo aos pedaços, para poder estar completamente só.

O caminhão à sua frente rugiu, e ela sentiu um pequeno solavanco enquanto seu carro começava a ser rebocado. Emily recostou-se e olhou pela janela enquanto eles avançavam.

A estrada que ela percorreu pelos últimos três quilômetros passava ao lado do parque nacional, de um lado, e pelo oceano, no outro. Através da densa cortina de neve que caía, Emily podia ver o oceano e as ondas batendo contra as rochas. Ao entrar na cidade, o oceano desapareceu de vista, e surgiram hotéis e moteis, agências de passeios de barco e campos de golfe, através das áreas mais povoadas, apesar de, para Emily, quase não ter muitas construções, em comparação com Nova York.

Então, eles viraram e entraram na Rua Oeste, e o coração de Emily deu um salto quando passou pela grande casa de tijolos vermelhos, coberta de hera, na esquina. Ela estava igual à última vez em que Emily tinha estado lá, há vinte anos. Ela passou pela casa azul, pela casa amarela, pela branca, e então mordeu o lábio, sabendo que a próxima casa seria a sua, a casa de pedras cinzas.

Quando a construção apareceu na sua frente, Emily foi tomada por um sentimento esmagador de nostalgia. A última vez em que havia estado lá tinha 15 anos, seu corpo sacudido pelos hormônios da adolescência e pela perspectiva de viver um romance de verão. Ela nunca teve um, mas lembrar-se da emoção da possibilidade bateu nela como uma onda.

O caminhão parou e o carro de Emily também.

Antes mesmo das rodas pararem de girar, Emily já estava do lado de fora, de pé e sem fôlego diante da casa que já fora de seu pai. Suas pernas estavam tremendo e ela não sabia se era de alívio por finalmente ter chegado ou pela emoção de estar de volta aqui após tantos anos.

Mas enquanto as outras casas da rua pareciam não ter mudado nada, a do seu pai era uma sombra de sua antiga glória. As persianas das janelas, que eram brancas, agora estavam listradas de poeira. Enquanto antes todas ficavam abertas, agora estavam fechadas, fazendo a casa parecer muito menos convidativa do que costumava ser. O vasto gramado da frente, onde Emily havia passado dias intermináveis de verão lendo romances, estava surpreendentemente bem cuidado, e os pequenos arbustos de cada lado da porta da frente, podados. Mas a casa em si... ela compreendia agora a expressão atônita do velho quando disse a ele que era para ali que estava indo. Parecia tão mal-cuidada, não-amada, relegada ao abandono. Emily ficou triste ao ver o quanto a bela casa antiga havia decaído ao longo dos anos.

“É uma boa casa”, o velho disse, parando ao lado dela.

“Obrigada”, Emily falou, quase em transe, com os olhos grudados na construção antiga. A neve esvoaçava ao seu redor. “E obrigada por ter me trazido sã e salva até aqui”, adicionou.

“Sem problema”, o velho replicou. “Tem certeza que quer ficar aqui esta noite?”

“Tenho certeza”, Emily replicou, apesar de estar começando a pensar que vir até aqui havia sido um grande erro.

“Deixe-me ajudá-la com suas malas”, o homem disse.

“Não, não”, Emily protestou. “Sinceramente, você já fez demais. Posso assumir daqui”. Ela remexeu em seu bolso e encontrou uma nota amassada. “Tome, dinheiro para a gasolina”.

O homem olhou para a nota e então de volta para ela. “Não quero isso”, ele disse, sorrindo de forma gentil. “Fique com seu dinheiro. Se realmente quiser me retribuir o favor, por que não visita a mim e a Bertha em algum momento durante sua estada para tomar um café e comer um pedaço de torta?”

Emily sentiu um nó se formar na sua garganta enquanto escondia o dinheiro novamente no seu bolso. A gentileza deste homem era um choque para o sistema após a hostilidade de Nova York.

“Quanto tempo você planeja ficar, aliás?” ele acrescentou, enquanto lhe dava um pequeno pedaço de papel com um número de telefone e endereço rabiscados nele.

“Apenas durante o final de semana”, Emily respondeu, pegando o papel.

“Bem, se precisar de qualquer coisa, basta me ligar. Ou vá até o posto de gasolina, onde trabalho. É ao lado da loja de conveniência. Não tem erro”.

“Obrigada”, Emily disse novamente, com o máximo de gratidão que podia sentir.

Assim que o barulho do motor desapareceu, o silêncio desceu sobre ela novamente e Emily sentiu um súbito sentimento de paz. A neve estava caindo ainda mais agora, tornando o mundo tão quieto como o silêncio podia ser.

Emily voltou para seu carro e pegou suas coisas, e então bamboleou pelo caminho que levava até a casa com sua mala pesada nos braços, sentindo a emoção crescer em seu peito. Quando chegou à porta da frente, ela parou, examinou a maçaneta gasta e familiar, lembrando de tê-la girado centenas de vezes. Talvez, vir até aqui havia sido uma boa ideia, afinal. Era estranho, mas ela não podia deixar de sentir que estava exatamente onde precisava estar.

*

Emily ficou parada no corredor escuro da velha casa de seu pai, a poeira flutuando ao seu redor, esperando estupidamente por calor, mas esfregando os ombros contra o frio. Ela não sabia no que estava pensando. Esperava mesmo que esta casa antiga, negligenciada por vinte anos, estaria esperando por ela, aquecida?

Tentou acender a luz e percebeu que nada acontecia.

É claro, ela percebeu. Até onde ia sua estupidez? Esperava que a eletricidade estivesse funcionando?

Não lhe ocorreu trazer uma lanterna. Ela repreendeu a si mesma. Como sempre, havia sido apressada demais e não tinha reservado tempo para se planejar.

Emily colocou sua mala no chão e então caminhou mais à frente, as tábuas do assoalho estalando sob seus pés; ela passou as pontas dos dedos em círculos ao longo do papel de parede, assim como havia feito quando era apenas uma menina. Até podia ver as marcas que fizera ao longo dos anos através desse mesmo movimento. Emily passou pela escada, um longo, largo conjunto de degraus em madeira escura. Uma parte do balaústre estava faltando, mas ela não poderia se importar menos. Estar de volta na casa era muito revigorante.

Ela tentou outro interruptor, apenas por hábito, mas, novamente, sem sorte. Então, chegou até a porta no final do corredor, que levava até a cozinha, e a empurrou para abrir.

Emily ficou sem fôlego quando uma onda de ar gelado lhe atingiu. Ela entrou, o chão de mármore da cozinha congelante sob seus pés descalços.

Tentou abrir as torneiras na pia, mas nada aconteceu. Mordeu o lábio, consternada. Sem aquecedor, nem eletricidade, nem água. O que mais a casa tinha reservado para ela?

Ela caminhou pela casa, procurando por qualquer interruptor ou alavanca que pudesse controlar a água, o gás e a eletricidade. No painel sob as escadas, encontrou uma caixa de fusíveis, mas acionar os interruptores não teve efeito algum. A caldeira, ela lembrava, ficava embaixo, no porão – mas a ideia de descer até lá sem luz para guiar seus passos a encheu de apreensão. Ela precisava de uma lanterna ou de uma vela, mas sabia que não haveria nada do tipo na casa abandonada. Ainda assim, conferiu nas gavetas da cozinha só para garantir – mas elas estavam apenas cheias de talheres.

O pânico começou a se agitar no peito de Emily e ela se pôs a pensar. Voltou sua mente para os momentos que ela e sua família passaram na casa. Ela se lembrou da forma como seu pai costumava encomendar a entrega de óleo para aquecer a casa durante os meses de inverno. Isso enlouquecia sua mãe, porque era muito caro, e ela achava que aquecer uma casa vazia era um desperdício de dinheiro. Mas o pai de Emily insistia que a casa precisava ser mantida aquecida para proteger o encanamento.

Emily percebeu que tinha que pedir por telefone a entrega de um pouco de óleo se quisesse que a casa ficasse aquecida. Mas sem sinal no seu celular, ela não tinha ideia de como conseguiria isso.

De repente, alguém bateu na porta. Era uma batida pensada, firme, que ecoou através dos corredores vazios.

Emily congelou, sobressaltada. Quem poderia ser, a esta hora, no meio da neve?

Ela saiu da cozinha e caminhou silenciosamente sobre o assoalho do corredor, com seus pés descalços. Sua mão pairou sobre a maçaneta, e após um segundo de hesitação, ela conseguiu se controlar e abrir a porta.

De pé diante dela, usando uma jaqueta xadrez, seus cabelos escuros até a altura do queixo salpicados com flocos de neve, estava um homem que Emily não podia deixar de pensar que se assemelhava a um lenhador, ou ao caçador da história de Branca de Neve. Geralmente, não era seu tipo, mas certamente havia beleza em seus olhos azuis frios, na sua barba por fazer emoldurando um queixo bem definido, e Emily ficou chocada pelo poder de sua atração por ele.

“Posso ajudá-lo?” ela perguntou.

O homem apertou os olhos, como se estivesse avaliando-a. “Eu sou Daniel”, ele disse. E estendeu a mão para ela. Ela apertou a mão dele, notando a pele áspera. “Quem é você?”

“Emily”, ela respondeu, subitamente tomando consciência das batidas de seu próprio coração. “Meu pai é dono desta casa. Vim passar o final de semana”.

O olhar de Daniel se tornou ainda mais apertado. “O proprietário não vem aqui há vinte anos. Você tem permissão para aparecer, sem aviso?”

Seu tom era áspero, levemente hostil, e Emily recuou.

“Não”, ela disse, sem jeito, um pouco desconfortável ao ser lembrada da experiência mais

dolorosa de sua vida – o desaparecimento do seu pai – enquanto era trazida de volta pela voz ríspida de Daniel. “Mas tenho a permissão dele para ir e vir como quiser. Por que você quer saber, aliás?” Ela devolveu o tom áspero dele com sua própria hostilidade.

“Sou o zelador daqui”, ele replicou. “Moro na antiga garagem, que fica nos fundos do terreno”.

“Você mora aqui?” Emily falou exasperada, sua visão de um final de semana tranquilo na velha casa de seu pai se despedaçando diante dela. “Mas eu queria ficar sozinha neste final de semana”.

“Sim, bem, você e eu também”, Daniel replicou. “Não estou acostumado a ter pessoas aparecendo sem avisar.”

Ele olhou sobre o ombro dela, desconfiado. “E mexendo na propriedade”.

Emily cruzou os braços. “O que lhe faz pensar que mexi na propriedade?”

Daniel levantou uma sobancelha em resposta. “Bem, a menos que esteja planejando ficar aqui no escuro e no frio o final de semana inteiro, então, acho que você mexeu. Pôs a caldeira em funcionamento. Drenou os canos. Esse tipo de coisa”.

A rispidez de Emily deu lugar ao constrangimento. Ela corou.

“Você não conseguiu fazer a caldeira funcionar, não foi?” Daniel replicou. Havia um sorriso irônico em seus lábios que fez Emily perceber que ele estava se divertindo um pouco com a sua situação.

“Eu só não tive a chance ainda”, ela replicou, arrogante, tentando manter as aparências.

“Quer que eu mostre como?” ele perguntou, quase preguiçosamente, como se fazer isso não fosse problema algum.

“Faria isso?” Emily perguntou, um pouco chocada e confusa por ele oferecer ajuda.

Ele deu mais um passo e pisou sobre o capacho. Flocos de neve esvoaçaram de sua jaqueta, criando uma mini nevasca no hall de entrada.

“Prefiro fazer isso eu mesmo ao invés de ver você quebrar algo”, ele falou, à guisa de explicação, enquanto dava de ombros, mostrando indiferença.

Emily notou que a neve caindo do lado de fora havia se transformado numa nevasca. Mesmo que não quisesse admitir, ela estava imensamente grata por Daniel ter aparecido naquele momento. Se não, provavelmente congelaria até morrer durante a noite.

Ela fechou a porta e os dois caminharam pelo corredor até a porta que levava até o porão. Daniel veio preparado. Ele puxou uma lanterna, iluminando um caminho pela escada, indo para baixo. Emily o seguiu, um pouco assustada pela escuridão e teias de aranha enquanto descia para dentro da escuridão. Quando era criança, ela morria de medo do porão e raramente se aventurava lá embaixo. O lugar era estava tomado pelo maquinário antigo e equipamentos que mantinham a casa funcionando. A visão de tudo aquilo lhe oprimiu, e ela se perguntou mais uma vez se vir até aqui havia sido um erro.

Felizmente, Daniel deu partida na caldeira em questão de segundos, como se fosse a coisa mais fácil do mundo. Emily não pôde evitar se sentir um pouco sem graça pelo fato de precisar da ajuda de um homem, quando havia vindo até aqui, em primeiro lugar, para reconquistar sua independência. Ela percebeu então que, apesar da sensualidade rústica de Daniel e de sua

inegável atração por ele, era preciso que ele fosse embora imediatamente. Ela não poderia embarcar numa jornada de auto-conhecimento com ele na casa. Tê-lo por perto no terreno já era ruim o suficiente.

Após terminar de ligar a caldeira, eles saíram do porão. Emily estava aliviada por estar fora daquele lugar úmido e mofado e voltar para a parte principal da casa. Ela seguiu Daniel enquanto ele descia pelo corredor e entrava na área de serviço, na parte de trás da cozinha. Imediatamente, começou a drenar os canos.

“Você está preparada para manter a casa aquecida durante todo o inverno todo?” ele perguntou a ela, enquanto mexia nos canos embaixo da bancada. “Porque, caso contrário, eles congelarão”.

“Só vou ficar durante o final de semana”, Emily replicou.

Daniel saiu de baixo do balcão e se sentou, seu cabelo despenteado e molhado, colado ao rosto. “Você não devia mexer numa casa velha como esta”, ele disse, balançando a cabeça.

Mas ainda assim, ele conseguiu resolver o problema da água.

“Então, onde está o aquecimento?” Emily perguntou, ao perceber que ele havia terminado. Ainda estava muito frio, apesar da caldeira estar ligada e dos canos estarem desobstruídos. Ela esfregou seus braços, tentando estimular a circulação.

Daniel riu, limpando suas mãos sujas numa toalha. “Não começa a funcionar milagrosamente, sabe? Você precisa ligar para a entrega de óleo. Tudo o que pude fazer foi dar a partida no negócio”.

Emily suspirou, frustrada. Então, Daniel não era bem o Cavaleiro num Cavalo Branco que ela pensou que era.

“Tome”, Daniel disse, dando a ela um cartão. “É o número de Eric. Ele fará a entrega”.

“Obrigada”, ela murmurou. “Mas parece que não tenho sinal aqui”.

Ela pensou no seu celular, nas barras vazias e se lembrou de quão completamente sozinha ela realmente estava.

“Há um orelhão no início da rua”, Daniel disse. “Mas eu não arriscaria ir lá no meio de uma nevasca. E, de toda forma, eles estão fechados agora”.

“É claro”, Emily balbuciou, sentindo-se frustrada e completamente perdida.

Daniel deve ter notado que Emily estava desanimada e abatida. “Posso acender a lareira para você”, ele ofereceu, apontando a sala de estar com a cabeça. Suas sobrelhas se levantaram com a expectativa, quase timidamente, fazendo-o parecer um garoto.

Emily queria protestar, dizer a ele para deixá-la sozinha na casa gelada, porque era o mínimo que ela merecia, mas algo a fez hesitar. Talvez fosse porque ter Daniel na casa a fizesse sentir menos solitária, menos isolada da civilização. Ela achava que não conseguiria sinal de celular, nem poderia falar com Amy, e enfrentar sua primeira noite sozinha na casa fria e escura era desanimadora.

Daniel deve ter entendido sua hesitação, porque ele saiu do cômodo antes que ela tivesse a chance de abrir a boca e dizer alguma coisa.

Ela o seguiu, silenciosamente grata por ele poder ler a solidão em seus olhos e ter se oferecido para ficar, mesmo sob o pretexto de acender a lareira. Ela encontrou Daniel na sala

de estar, ocupado em criar uma boa pilha de lenha, carvão e toras dentro da lareira. Imediatamente, ela foi tomada pela lembrança de seu pai, agachado, habilmente acendendo o fogo, dedicando tanto cuidado e tempo quanto um artista faria com sua grande obra de arte. Emily o havia observado acender o fogo milhares de vezes, e sempre adorou. Ela achava fogueiras hipnóticas e passava horas deitada no tapete diante do fogo, observando as chamas alaranjadas e vermelhas dançando, ficando lá por tanto tempo que o calor chegava a fazer seu rosto arder.

A emoção começou a subir pela garganta de Emily, ameaçando sufocá-la. Pensar em seu pai, ver a lembrança tão clara em sua mente, fez lágrimas há muito reprimidas encherem seus olhos. Ela não queria chorar na frente de Daniel, não queria parecer uma donzela patética, desesperada. Então, abafou as emoções dentro de si e caminhou com determinação até a sala.

“Na verdade, eu sei como acender a lareira”, ela disse a Daniel.

“Ah, você sabe?” Daniel replicou, olhando para ela com uma sobrancelha levantada. “Fique à vontade”. Ele lhe estendeu os fósforos.

Emily pegou-os rapidamente das mãos de Daniel e ligou um deles, a luz da pequena flama laranja tremulando em seus dedos. A verdade era que ela havia apenas observado seu pai acender a lareira; ela mesma nunca tinha realmente acendido uma, na realidade. Mas Emily podia ver tão vividamente em sua memória como fazer isso que se sentiu confiante em sua própria habilidade. Então, ajoelhou-se e tocou fogo nos gravetos que Daniel havia colocado no fundo da lareira. Em questão de segundos, o fogo subiu, fazendo um som alto e ao mesmo tempo abafado, mais familiar, reconfortante e nostálgico para ela que qualquer outra coisa presente na grande casa. Ela se sentiu muito orgulhosa de si mesma quando as chamas começaram a crescer. Mas ao invés de subir para a chaminé, a fumaça negra começou a fazer redemoinhos dentro da sala.

“MERDA!” Emily gritou enquanto nuvens de fumaça se elevavam ao seu redor.

Daniel começou a rir. “Pensei que você tinha dito que sabia como acender uma lareira”, ele disse, abrindo o cano do exaustor. A nuvem de fumaça foi imediatamente sugada para cima, pela chaminé. “Ta-dá!”, ele acrescentou, com um sorriso.

Quando a fumaça ao redor deles diminuiu, Emily lhe deu um olhar de desagrado, orgulhosa demais para agradecê-lo pela ajuda de que ela tão evidentemente precisava. Mas sentiu alívio por finalmente estar aquecida. Ela sentiu sua circulação voltar à ativa, e o calor retornou ao seu nariz e aos dedos de seus pés. Seus dedos rígidos se tornaram mais flexíveis.

À luz da lareira, a sala de estar estava banhada por uma luminosidade suave, alaranjada. Emily finalmente podia ver toda a mobília antiga com a qual seu pai havia enchido a casa. Ela olhou ao seu redor, notando os móveis velhos, abandonados. A estante de livros alta em um canto, que já esteve cheia dos livros que ela lia em seus intermináveis dias de verão, agora só exibía poucos volumes. E havia o antigo piano de cauda perto da janela. Sem dúvida, estava desafinado agora, mas houve um tempo em que seu pai tocava música para ela e ela o acompanhava, cantando. Seu pai tinha tanto orgulho da casa, e vê-la agora, na luz que revelava seu estado descuidado, a aborrecia.

Os dois sofás estavam cobertos com lençóis brancos. Emily pensou em removê-los, mas

sabia que iria formar uma nuvem de poeira. Depois da nuvem de fumaça, ela não estava certa se seus pulmões poderiam suportar isso. E, de toda forma, Daniel parecia muito confortável sentado no chão perto da lareira. Assim, ela simplesmente se sentou ao lado dele.

“Então”, Daniel falou, aquecendo as mãos perto do fogo. “Conseguimos algum calor para você, pelo menos. Mas não há eletricidade na casa e acho que você não pensou em pôr uma lanterna ou vela naquela mala”.

Emily balançou a cabeça. Sua mala estava cheia de coisas frívolas, não tinha nada de útil, nada de que ela realmente precisaria para se virar na casa.

“Papai costumava ter sempre velas e fósforos”, ela disse. “Ele estava sempre preparado. Eu acho que esperei que ainda houvesse um armário inteiro cheio dessas coisas, mas, após vinte anos...”

Ela se calou, subitamente ciente de ter articulado uma lembrança de seu pai em voz alta. Não era algo que fazia frequentemente; em geral, mantinha seus sentimentos sobre ele bem escondidos dentro de si. A facilidade com a qual ela havia falado a chocou.

“Podemos apenas ficar aqui, então”, Daniel disse de maneira gentil, como se percebesse que Emily estava revivendo alguma lembrança dolorosa. “Com o fogo, há luz bastante para enxergar. Quer um pouco de chá?”

Emily franziu o cenho. “Chá? Como exatamente você vai preparar, sem eletricidade?”

Daniel sorriu, como se aceitando algum tipo de desafio. “Observe e aprenda”.

Ele se levantou e desapareceu da grande sala de estar, voltando alguns minutos depois com uma pequena panela redonda que parecia um caldeirão.

“O que você tem aí?” Emily perguntou, curiosa.

“Ah, você está prestes a beber o melhor chá de sua vida”, ele disse, colocando o caldeirão sobre as chamas. “Você nunca bebeu chá de verdade até provar o chá que é fervido no fogo”.

Emily o observava, a maneira como a luz do fogo dançava em seus traços fisionômicos, acentuando-os de uma maneira que o tornava ainda mais bonito. A forma como ele estava tão focado em sua tarefa aumentava a atração que ela sentiu. Emily não podia deixar de se maravilhar com seu senso prático, sua desenvoltura.

“Tome”, ele disse, dando a ela uma xícara e tirando-a de seus devaneios. Ele observou cheio de expectativa enquanto ela dava o primeiro gole.

“Ah, está bom mesmo”, Emily disse, aliviada, pelo menos, por estar banindo o frio de seus ossos.

Daniel começou a rir.

“O que foi?” Emily o desafiou.

“Ainda não havia visto você sorrir, é só isso”, ele respondeu.

Emily desviou o olhar, sentindo-se subitamente tímida. Daniel era tão diferente de Ben quanto um homem podia ser, e ainda assim sua atração por ele era poderosa. Talvez, em outro local, outra época, ela cedesse ao seu desejo. Ela não esteve com mais ninguém a não ser Ben por sete anos, afinal, e merecia um pouco de atenção, de aventura.

Mas agora não era o momento certo. Não com tudo o que estava acontecendo, com sua vida num completo caos, e com as lembranças de seu pai rodopiando em sua cabeça. Ela sentia que,

para qualquer lugar para onde olhava, podia ver as sombras dele; sentado no sofá com uma Emily criança abraçada ao seu lado, lendo em voz alta para ela; irrompendo pela porta sorrindo de orelha a orelha após descobrir alguma antiguidade preciosa no mercado de pulgas, e então passando horas cuidadosamente limpando-a, restaurando-a para recuperar seu antigo esplendor. Onde estavam todas as antiguidades agora? Todas as estatuetas e obras de arte, a louça comemorativa e os talheres da época da Guerra Civil? A casa não havia permanecido parada, congelada no tempo, como na memória dela. O tempo afetou a propriedade de uma maneira que ela não tinha sequer considerado.

Mais uma onda de pesar quebrou em cima de Emily quando ela olhou ao redor pela sala empoeirada, desarrumada, que já esteve cheia de vida e de risadas.

“Como este lugar ficou neste estado?” ela subitamente falou, incapaz de evitar o tom acusatório em sua voz. Ela franziu a testa. “Quero dizer, você deveria estar tomando conta dela, não devia?”

Daniel estremeceu, como que pego de surpresa pela súbita agressividade dela. Há apenas alguns instantes, eles tiveram um momento terno, doce. Segundos depois, ela estava lhe colocando numa posição difícil. Daniel olhou para ela com frieza. “Faço meu melhor. É uma casa grande. Sou só um”.

“Desculpe”, Emily disse, imediatamente voltando atrás, incomodada por ser a causa da expressão sombria de Daniel. “Não quis descontar em você. Só quero dizer...” Ela olhou para sua xícara e girou as folhas de chá. “Esta casa era como um lugar saído de um conto de fadas quando eu era criança. Era magnífica, sabe? Tão linda”. Ela levantou os olhos e viu que Daniel a observava atentamente. “É triste vê-la assim”.

“O que você esperava?” Daniel replicou. “Está abandonada há vinte anos”.

Emily desviou o olhar triste. “Eu sei. Acho que só queria imaginar que tinha estado parada no tempo”.

Parada no tempo, como a imagem que ela guardava do seu pai. Ele ainda tinha quarenta anos, nunca tendo envelhecido um dia sequer, parecendo idêntico à última vez em que esteve com ele. Mas seja lá onde ele estivesse, o tempo o afetou, assim como afetou a casa. A determinação de Emily de consertar a casa ao longo do final de semana cresceu ainda mais. Ela não queria mais nada a não ser restaurar o lugar, ainda que superficialmente, para que retornasse à sua antiga glória. Talvez, ao fazer isso, sentisse como trazer seu pai de volta para si. Ela poderia fazer isso em sua homenagem.

Emily bebeu o último gole de chá e pôs a xícara no chão. “Eu deveria ir me deitar”, ela disse. “Foi um dia longo”.

“É claro”, Daniel replicou, ficando de pé. Ele se movia rapidamente, quase dançando enquanto caminhava para fora da sala e pelo corredor em direção à porta da frente, deixando Emily para trás. “É só me chamar se tiver algum problema, certo?” ele acrescentou. “Estou na antiga garagem, ali atrás”.

“Não será necessário”, Emily disse, aborrecida. “Posso fazer tudo sozinha.”

Daniel abriu a porta da frente, deixando a neve gelada entrar em espirais dentro da casa. Ele se refugiou em sua jaqueta, e então olhou para trás sobre o ombro. “O orgulho não vai lhe levar

muito longe neste lugar, Emily. Não há nada de errado em pedir ajuda”.

Ela quis gritar algo para ele, discutir, refutar sua afirmação de que ela era orgulhosa demais, mas ao invés apenas observou suas costas enquanto Daniel desaparecia no turbilhão de neve escura, incapaz de falar, sua língua completamente amarrada.

Emily fechou a porta, isolando-se do mundo externo e da fúria da nevasca. Agora, ela estava completamente sozinha. A luz da lareira acesa na sala de estar se espalhava pelo corredor, mas não era forte o bastante para alcançar as escadas. Ela olhou para a longa escada de madeira, como desaparecia na escuridão. A menos que estivesse preparada para dormir em um dos sofás empoeirados, teria que ter o sangue-frio de se aventurar no andar de cima e entrar na escuridão completa. Ela se sentiu como uma menina de novo, com medo de descer no porão escuro, inventando todos os tipos de monstros e demônios que estavam esperando-a lá embaixo para pegá-la. Só que agora ela era uma mulher adulta de 35 anos, assustada demais para subir as escadas, porque ela sabia que a visão do abandono era pior que qualquer monstro que sua mente pudesse criar.

Ao invés de subir, Emily voltou para a sala de estar, esperando banhar-se no calor do fogo, enquanto ele durasse. Ainda havia alguns poucos livros na estante — O Jardim Secreto, Cinco Crianças e Um Segredo, A Coisa — clássicos que seu pai lia para ela. Mas o que houve com o resto? Para onde foram os pertences de seu pai? Eles haviam desaparecido naquele lugar desconhecido, assim como ele.

Quando as brasas começaram a se apagar, a escuridão se estabeleceu ao redor dela, combinando com seu humor sombrio. Emily não podia mais suportar a fadiga; chegara o momento de subir a escada.

Assim que ela saiu da sala de estar, ouviu um barulho estranho vindo da porta da frente. Seu primeiro pensamento foi de alguma criatura selvagem fuçando em busca de restos, mas o barulho era preciso demais, pensado demais.

Com o coração batendo forte, ela percorreu o corredor em passos silenciosos e ficou de pé atrás da porta, aproximando o ouvido dela. Seja lá o que for que pensou ter ouvido, tinha ido embora. Tudo o que podia distinguir agora era o vento uivando. Mas algo a fez abrir a porta.

Ela a abriu e viu que, sobre o batente, estavam velas, uma lanterna e fósforos. Daniel deve ter voltado e deixado tudo aquilo para ela.

Emily pegou tudo rapidamente, aceitando de má-vontade a ajuda dele, com o orgulho ferido. Mas, ao mesmo tempo, ela estava imensamente grata por haver alguém cuidando dela. Ela pode até ter desistido da sua vida e fugido para este lugar, mas não estava completamente sozinha aqui.

Emily acendeu a lanterna e finalmente se sentiu corajosa o bastante para subir a escada. Quando a luz suave da lanterna iluminou seu caminho para cima através da escada, ela observou os retratos na parede, as imagens desbotadas com o tempo, as teias de aranha suspensas por cima deles, cobertas de poeira. A maioria das fotos eram aquarelas da região – barcos à vela no mar, pinheiros do parque nacional – mas uma era um retrato de família. Ela parou, olhando para a foto, olhando para a imagem dela mesma quando era menina. Havia esquecido completamente esta foto, confinando-a em alguma parte de sua memória e deixando-

a trancada lá por vinte anos.

Sufocando a onda de emoção, ela continuou a subir as escadas. Os degraus velhos estalavam alto sob ela e ela notou que alguns haviam rachado. Eles estavam desgastados por anos de passos e uma lembrança lhe voltou à mente: ela correndo para cima e para baixo por estes degraus com seus sapatos vermelhos *T-bar*.

Lá em cima, no hall, a luz da lanterna iluminou o longo corredor – as várias portas de madeira de carvalho escuro, a janela que ia do chão ao teto no final, e que agora estava fechada com tábuas. Seu antigo quarto era o último à direita, oposto ao banheiro. Ela não podia suportar a ideia de entrar em nenhum dos quartos. Memórias demais estariam contidas em cada um deles, lembranças demais para ela lidar no momento. E Emily não estava muito a fim de descobrir que tipo de bichos asquerosos havia adotado o banheiro como seu lar ao longo dos anos.

Então, cambaleou ao longo do corredor, passando pela velha cômoda em que tropeçara constantemente, batendo nela seu dedão do pé incontáveis vezes, e entrou no quarto dos seus pais.

À luz da lanterna, Emily podia ver o quanto a cama estava empoeirada e como as cobertas foram destruídas pelas traças ao longo dos anos. A lembrança da bela cama com dossel que seus pais dividiram se despedaçou em sua mente quando se confrontou com a realidade. Vinte anos de abandono devastaram o quarto. As cortinas estavam encardidas e amassadas, pendendo frouxas ao lado das janelas vedadas. As luminárias das paredes estavam cobertas por uma grossa camada de poeira e de teias de aranha, dando a impressão que gerações inteiras de aranhas as tinham usado como casa. A poeira espessa cobria tudo, incluindo uma penteadeira ao lado da janela, o pequeno banco em que sua mãe se sentara há vários anos enquanto passava creme com aroma de lavanda em seu rosto, olhando-se no espelho.

Emily podia ver tudo, todas as lembranças que havia enterrado ao longo dos anos. Ela não pôde conter as lágrimas. Todas as emoções que havia sentido ao longo dos últimos dias desabaram sobre ela, intensificadas pelos pensamentos sobre seu pai, subitamente chocada ao perceber o quanto sentia falta dele.

Do lado de fora, o som da nevasca se intensificou. Emily colocou a lanterna sobre o criado-mudo, levantando uma nuvem de poeira ao fazer isso, e se dirigiu à cama. O calor do fogo não chegava até aqui e ela sentia o frio cortante do ar ao redor enquanto tirava suas roupas. Na sua mala, encontrou sua camisola de seda e percebeu que não seria de muita utilidade aqui; ela estaria melhor com calças compridas e meias grossas.

Emily puxou a colcha de retalhos carmim e dourado e então deslizou para dentro da cama. Ela olhou para o teto por um momento, refletindo sobre tudo que havia acontecido nos últimos dias. Sozinha, com frio e se sentindo desesperada, apagou a luz da lanterna, mergulhando na escuridão, e chorou até dormir.

Capítulo Quatro

Emily acordou cedo na manhã seguinte, sentindo-se desorientada. Havia tão pouca luz entrando pelas janelas vedadas, que levou um momento para ela perceber onde estava. Seus olhos se ajustaram lentamente à penumbra, o quarto se materializou ao seu redor, e ela lembrou – Sunset Harbor. A casa do seu pai.

Passou-se mais um momento antes dela lembrar que também estava sem emprego, sem casa e completamente sozinha.

Emily arrastou seu corpo cansado para fora da cama. O ar da manhã estava frio. Sua aparência no espelho empoeirado da penteadeira a alarmou; o rosto estava inchado pelas lágrimas da noite passada, sua pele, repuxada e pálida. De repente, ocorreu-lhe que ela não havia comido o suficiente no dia anterior. A única coisa que havia consumido tinha sido a xícara do chá que Daniel preparou na lareira.

Ela hesitou por um momento ao lado do espelho, olhando para seu corpo refletido no vidro velho, encardido, enquanto sua mente relembrava a noite passada – o fogo acolhedor, ela sentada junto à lareira com Daniel, bebendo chá, ele zombando da inabilidade dela de cuidar da casa. Lembrou-se dos flocos de neve em seus cabelos quando havia aberto a porta para ele pela primeira vez, e a maneira como ele sumiu nevasca adentro, desaparecendo na noite escura como breu tão rapidamente como tinha aparecido.

Seu estômago roncando a tirou dos seus devaneios e de volta para o momento atual. Emily se vestiu rapidamente. A blusa amassada era fina demais para o ar frio, então, ela se enrolou no cobertor empoeirado ao redor de seus ombros. Em seguida, saiu do quarto e desceu as escadas descalça.

O andar de baixo estava silencioso. Ela espiou através da janela gelada na porta da frente e ficou surpresa ao ver que, apesar da tempestade ter passado, a neve chegava à altura de um metro, transformando o mundo exterior numa brancura macia, calma e infinita. Ela nunca havia visto tanta neve assim em sua vida.

Emily podia apenas distinguir as pegadas de um pássaro, que havia pulado de um lado para o outro no caminho que levava até a casa, mas, tirando isso, nada mais foi perturbado. Tudo parecia pacífico, mas, ao mesmo tempo, desolado, lembrando-a de sua total solidão.

Percebendo que se aventurar lá fora não era uma opção, ela decidiu explorar a casa e ver o que continha, se é que continha algo. A casa estava tão escura na noite passada que ela não pôde ver muito ao redor, mas agora, na luz da manhã, a tarefa era, de certa forma, mais fácil. Ela foi primeiro até a cozinha, movida instintivamente por seu estômago roncando.

A cozinha estava pior do que ela havia imaginado ao caminhar por lá na noite passada. A geladeira – uma Prestcold creme original de 1950 que seu pai havia encontrado numa venda de garagem durante o verão – não estava funcionando. Ela tentou se lembrar se alguma vez ela havia funcionado, ou se era mais uma fonte de aborrecimento para sua mãe, mais um daqueles trecos com os quais seu pai havia entulhado a casa. Quando criança, Emily havia achado as coleções de seu pai chatas, mas agora ela valorizava essas lembranças, agarrando-se a elas o máximo que podia.

Dentro da geladeira, ela só encontrou um cheiro horrível. Fechou-a rapidamente, trancando a porta com a alavanca, antes de examinar o interior dos armários. Neles, encontrou uma velha lata de milho, seu rótulo desbotado pelo sol a ponto de não ser mais legível, e uma garrafa de vinagre balsâmico. Ela considerou, por um momento, a ideia de preparar algum tipo de refeição com os itens, mas decidiu que seu desespero ainda não tinha chegado a esse ponto. De toda forma, o abridor de lata estava completamente enferrujado, então, não havia maneira de chegar ao milho, mesmo que seu desespero fosse tão grande.

Em seguida, foi até a área de serviço, onde ficavam a lavadora e a secadora. O cômodo estava escuro, a pequena janela coberta com lâminas de compensado, como várias outras na casa. Emily pressionou um botão da máquina de lavar, mas não ficou surpresa ao descobrir que não funcionava. Cada vez mais frustrada com sua situação, Emily resolveu agir. Ela subiu no aparador e tentou arrancar um pedaço do compensado. Era mais difícil do que esperava, mas estava determinada. Ela puxou e puxou, usando toda a força dos seus braços. Por fim, a tábua começou a rachar. Emily forçou mais uma vez e o compensado cedeu, saindo completamente da janela. A força foi tanta que ela caiu do balcão, a tábua pesada caindo de sua mão e oscilando na direção da janela. Emily ouviu o som do vidro se quebrando ao mesmo tempo em que ela aterrissava no chão, encolhendo-se.

O ar gelado correu para dentro da casa. Emily gemeu e se levantou, sentando-se, antes de checar seu corpo machucado para garantir que nada havia quebrado. Suas costas doíam e ela a esfregou-a enquanto olhava para cima, para a janela quebrada, deixando entrar um fraco raio de luz. Sentiu-se frustrada quando notou que, ao tentar resolver um problema, havia apenas piorado as coisas para si mesma.

Ela inspirou profundamente e ficou de pé, e então, cuidadosamente, pegou o pedaço de compensado sobre o balcão. Pedacos de vidro caíram no chão e se despedaçaram. Emily inspecionou a tábua e viu que os pregos estavam completamente curvados. Mesmo que ela pudesse encontrar um martelo – algo muito improvável – os pregos estariam curvados demais, de toda forma. Então, percebeu que tinha conseguido quebrar a moldura da janela enquanto tentava arrancar o compensado. Agora, toda a estrutura teria que ser substituída.

Emily estava com frio demais para permanecer na área de serviço. Pela janela quebrada, ela teve a mesma visão da neve branca a perder de vista. Apanhando rapidamente seu cobertor do chão e enrolando-o firmemente ao redor de seus ombros mais uma vez, ela saiu da área de serviço e se dirigiu à sala de estar. Ao menos, aqui ela poderia acender a lareira e aquecer um pouco seus ossos.

Na sala, o cheiro reconfortante de madeira queimada ainda pairava no ar. Emily se agachou ao lado da lareira e começou a empilhar gravetos e toras numa forma piramidal. Desta vez, ela se lembrou de abrir o cano do exaustor, e ficou aliviada quando a primeira chama apareceu, estalando.

Ela se acorou enquanto aquecia suas mãos frias. Então, notou a panela em que Daniel havia feito chá ao lado da lareira. Ela não havia arrumada nada. A panela e as canecas ainda estavam no mesmo lugar em que haviam deixado. As lembranças surgiram em sua mente: ela e Daniel compartilhando o chá, conversando sobre a velha casa. Seu estômago roncou,

lembrando-a de sua fome, e ela decidiu preparar um pouco de chá, assim como Daniel havia demonstrado, pensando que iria espantar sua fome, ao menos por um tempo.

Logo que ela terminou de colocar a panela sobre o fogo, ela ouviu o som de seu celular tocando em algum lugar da casa. Apesar de ser um som familiar, ela teve que fazer um grande esforço para ouvi-lo agora, ecoando pelos corredores. Havia desistido dele quando percebeu que não havia sinal, por isso, o som de seu toque era uma surpresa para ela.

Emily se levantou de um pulo, abandonando o chá, e seguiu o som do seu celular. Ela o encontrou no armário que ficava no hall de entrada. Um número estranho estava ligando e ela atendeu, um tanto confusa.

“Ah, hum... oi”, ela ouviu a voz de um homem idoso no outro lado da linha. “Você é a moça que está no número 15, da Rua Oeste?” A ligação estava ruim e a voz baixa e hesitante do homem era quase inaudível.

Emily franziu o cenho, confusa pela ligação. “Sim. Quem é?”

“Meu nome é Eric. Eu, eh... entrego óleo para todas as casas da área. Ouvi dizer que você estava naquela casa velha, então pensei em passar por aí para uma entrega. Quero dizer, se você, hum... precisar”.

Emily mal podia acreditar. A notícia certamente havia se espalhado rápido pela pequena comunidade. Mas espere; como Eric tinha o número do seu celular? Então, ela se lembrou de Daniel olhando para ele na noite anterior, quando ela lhe disse que o sinal estava fraco. Ele deve ter visto o número e memorizado, planejando dá-lo a Eric. Apesar de seu orgulho, ela quase não pôde conter sua alegria.

“Sim, isso seria maravilhoso”, ela respondeu. “Quando você pode vir?”

“Bem”, o homem replicou na mesma voz ansiosa, quase envergonhada. “Na verdade, estou no meu caminhão agora, indo pra aí”.

“Está vindo?” Emily balbuciou, quase sem acreditar na sua sorte. Ela olhou rapidamente a hora na tela do seu celular. Não eram nem oito da manhã ainda. Ou Eric começa a trabalhar super cedo, normalmente, ou estava fazendo essa entrega especialmente para ela. Ela se perguntou se o homem que havia lhe dado uma carona na noite passada havia entrado em contato com a empresa de óleo a seu favor. Ou tinha sido ele ou... Daniel?

Ela afastou o pensamento e voltou sua atenção para a conversa ao telefone. “Você consegue chegar até aqui?” ela perguntou. “Tem muita neve”.

“Não se preocupe com isso”, Eric disse. “O caminhão pode passar pela neve. Basta garantir que um caminho estará livre para a mangueira”.

Emily quebrou a cabeça, tentando lembrar se havia visto uma pá em algum lugar da casa. “Certo, vou tentar ao máximo. Obrigada”.

A ligação ficou muda e Emily partiu para a ação. Correu de volta para a cozinha, conferindo todos os armários. Não havia nada nem parecido com o que ela precisava, então, examinou todos os armários na despensa e, em seguida, na área de serviço. Por fim, encontrou uma pá de neve encostada contra a porta dos fundos. Emily nunca pensou que ficaria tão feliz em ver uma pá em toda a sua vida, mas ela a agarrou como uma tábua de salvação. Estava tão animada sobre a pá que quase esqueceu de se calçar. Mas quando sua mão se colocou sobre o ferrolho

para abrir a porta dos fundos, ela viu seus tênis de corrida despontando de uma bolsa que havia deixado ali. Ela os calçou rapidamente e então abriu a porta com força, agarrada à sua preciosa pá.

Imediatamente, a magnitude da tempestade de neve se tornou aparente para ela. Olhar para a neve de sua janela foi uma coisa, mas vê-la empilhada à altura de um metro na sua frente, como uma parede de gelo, era outra.

Emily não perdeu tempo. Ela bateu a pá contra a parede de gelo e neve e começou a cavar um caminho a partir da casa. Era difícil; dentro de alguns minutos, já sentia o suor escorrendo pelas suas costas, seus braços doíam, e ela estava certa de que teria bolhas nas palmas das mãos assim que terminasse.

Após passar de um metro de neve, Emily começou a encontrar seu ritmo. Havia algo catártico na tarefa, sobre o momentum necessário para retirar a neve com a pá. Mesmo o incômodo físico parecia importar menos ao começar a ver seus esforços serem recompensados. Em Nova York, seu exercício favorito era correr na esteira, mas isto era uma malhação mais intensa do que qualquer outra que havia feito antes.

Emily conseguiu abrir um caminho com três metros de comprimento no terreno dos fundos da casa.

Mas ela levantou os olhos em desespero para ver que a saída da mangueira estava a uma distância de uns bons 12 metros – e ela já estava exausta.

Tentando não se desesperar tanto, decidiu descansar por um momento para recuperar o fôlego. Ao fazer isso, vislumbrou a casa do zelador mais afastada, no jardim, escondida ao lado dos pinheiros. Uma pequena nuvem de fumaça elevava-se da chaminé e uma luz quente se derramava das janelas. Emily imaginou Daniel dentro da casa, bebendo seu chá, aquecido e sequinho. Ele a ajudaria, ela não tinha dúvida, mas queria provar a si mesma. Ele havia zombado dela sem dó na noite passada, e provavelmente era quem havia ligado para Eric, para começar. Ele deve ter achado que ela era uma donzela em perigo, e Emily não queria lhe dar a satisfação de comprovar que estava certo.

Mas seu estômago estava reclamando novamente e ela estava exausta. Exausta demais para continuar. Emily ficou parada no rio que havia criado, sentindo-se subitamente oprimida pela sua situação difícil, orgulhosa demais para pedir a ajuda de que precisava, fraca demais para fazer o que precisava ser feito sozinha. A frustração cresceu dentro dela até se transformar em lágrimas quentes. Suas lágrimas a deixaram ainda com mais raiva, raiva de si mesma por ser inútil. Em sua mente frustrada, ela se censurou, como uma criança petulante e teimosa, resolveu voltar para Nova York assim que a neve derretesse.

Jogando a pá, Emily voltou para a casa pisando forte, seus tênis completamente encharcados. Ela tirou-os na porta e então voltou para a sala de estar, para se aquecer junto ao fogo.

Então, desabou no sofá empoeirado e agarrou o celular, preparando-se para ligar para Amy e dizer a ela a notícia *ah-tão-esperada* de que havia falhado em sua primeira e única tentativa de ser auto-suficiente. Mas o celular estava sem bateria. Abafando um grito, Emily jogou seu celular inútil de volta no sofá e então se virou de lado, totalmente derrotada.

Abafado pelos seus soluços, Emily ouviu um barulho vindo de fora. Ela se sentou, enxugou os olhos, correu até a janela e espiou. Viu então que Daniel estava lá, com a pá que ela havia jogado fora na mão, cavando a neve e continuando o trabalho que ela havia falhado em completar. Ela quase não podia acreditar na rapidez com que ele conseguia retirar a neve, o quão experiente ele era, tão adequado àquela tarefa, como se tivesse nascido para aquilo. Mas sua admiração durou pouco. Ao invés de se sentir grata em relação a Daniel ou feliz em ver que ele havia conseguido limpar o caminho todo até a saída da mangueira, ela sentiu raiva dele, direcionando sua própria frustração para ele ao invés de para si mesma.

Sem nem pensar no que estava fazendo, Emily agarrou seus tênis encharcados e calçou-os novamente. Em sua cabeça, os pensamentos estavam a todo vapor; lembranças de todos os seus ex-namorados inúteis que não a levavam a sério, que haviam tentando “salvá-la”. Não tinha sido só Ben; antes dele havia Adrian, que era tão super-protetor que chegava a sufocá-la; e então houve Mark antes dele, que a tratava como um enfeite frágil. Todos sabiam do seu passado – do misterioso desaparecimento do seu pai sendo apenas a ponta do iceberg – e a haviam tratado como algo que precisava de proteção. Foram todos aqueles homens em seu passado que a levaram até aquele ponto e ela não iria mais suportar aquilo.

Ela caminhou com raiva pela neve.

“Ei!” gritou. “O que está fazendo?”

Daniel parou apenas por um momento. Ele nem se deu ao trabalho de olhar para trás sobre seu ombro para vê-la, apenas continuou cavando, antes de dizer, calmamente: “Estou abrindo caminho”.

“Estou vendo”, Emily disparou de volta. “O que quero dizer é por que, quando lhe disse que não precisava da sua ajua?”

“Porque, de outro modo, você vai congelar”, Daniel simplesmente replicou, ainda sem olhar para ela. “E a água também, agora que a liguei”.

“E daí?” Emily retorquiu. “E daí se eu congelar? A vida é minha. Posso congelar, se quiser”.

Daniel não tinha pressa em interagir com Emily, ou alimentar a discussão que ela tão claramente estava tentando começar. Ele apenas continuou a cavar, calmamente, metodicamente, sem se abalar com a presença dela, como se ela não estivesse ali.

“Não estou preparado para ficar sentado e deixá-la morrer”, Daniel replicou.

Emily cruzou os braços. “Acho que isso é um pouco melodramático, não? Há uma grande diferença entre ficar com um pouco de frio e morrer!”

Finalmente, Daniel calçou a pá na neve e se endireitou. Seus olhos encontraram os dela, sua expressão, impassível. “Esta neve estava tão alta que cobria o exaustor. Com a caldeira funcionando, voltaria tudo para dentro da casa. Você morreria envenenada por gás carbônico em cerca de vinte minutos”. Ele disse isso tão naturalmente que Emily recuou. “Se quer morrer, faça isso em outro momento. Mas não vai acontecer no meu turno”. Então, ele jogou a pá no chão e se dirigiu novamente para a antiga garagem que lhe servia de casa.

Emily ficou parada ali, olhando-o ir embora, sentindo sua raiva se derreter, sendo substituída por vergonha. Ela se sentiu terrível pela maneira como havia falado com Daniel.

Ele estava só querendo ajudar e ela havia jogado tudo na cada dele, como uma criança malcriada.

Teve vontade de correr até ele, de pedir desculpas, mas, no mesmo instante, o caminhão de óleo apareceu no final da rua. Emily sentiu seu coração saltar de alegria, surpresa em como estava feliz apenas pelo mero fato de receber uma entrega de óleo. Estar na casa em Maine era completamente diferente de sua vida em Nova York.

Emily observou Eric descer do caminhão, surpreendentemente ágil para alguém tão velho. Ele estava vestindo um macacão manchado de óleo, como um personagem de quadrinhos. Seu rosto era castigado pelo sol, mas gentil.

“Oi”, ele disse, da mesma forma hesitante que no telefone.

“Eu sou Emily”, ela disse, oferecendo a mão para apertar a dele. “Estou muito feliz por estar aqui”.

Eric apenas assentiu e começou a trabalhar imediatamente, instalando a bomba de óleo. Era óbvio que ele não era de falar muito, e Emily ficou parada lá, desconfortável, enquanto o observava trabalhar, sorrindo amarelo toda vez que notava seu olhar se voltar brevemente para ela, como se estivesse confuso pelo simples fato dela estar ali.

“Pode me levar até a caldeira?” ele disse, assim que tudo estava no lugar.

Emily pensou no porão, em seu ódio pelas máquinas imensas dentro dele que alimentavam a casa, das milhares de aranhas que haviam tecido suas teias por lá ao longo dos anos.

“Sim, é por aqui”, ela respondeu, com uma voz fraca.

Eric pegou sua lanterna e juntos eles desceram para o porão escuro e assustador. Assim como Daniel, Eric parecia ter talento para coisas mecânicas. Em segundos, a imensa caldeira voltou à vida. Emily não pôde se conter: abraçou o homem idoso.

“Funciona! Nem acredito, funciona!”

Eric se retesou com o abraço dela. “Bem, você não deveria estar brincando com uma casa velha como esta”, ele replicou.

Emily afrouxou seus braços. Ela nem mesmo se importou ao ver mais uma pessoa lhe dizendo para parar, desistir, como se ela não fosse boa o bastante. A casa agora tinha aquecimento, juntamente com água, e isso significava que ela não precisava voltar para Nova York como uma fracassada.

“Pronto”, Emily disse, agarrando o próprio pulso. “Quanto eu lhe devo?”

Eric apenas balançou a cabeça. “Está tudo pago”, ele replicou.

“Pago por quem?” Emily perguntou.

“Alguém”, Eric respondeu, evasivo. Ele claramente se sentia desconfortável ao ser pego nesta situação estranha. Quem quer que tivesse pago a ele para vir e abastecer a casa dela com óleo deve ter pedido para manter tudo em segredo, e a situação toda estava lhe fazendo se sentir estranho.

“Certo, então”, Emily disse. “Se você está dizendo”.

Internamente, ela resolveu descobrir quem havia feito aquilo, e pagá-lo de volta.

Eric apenas deu um aceno brusco com a cabeça, então, dirigiu-se às escadas. Emily o seguiu rapidamente, sem querer ficar sozinha no porão. À medida que subia os degraus, ela notou que

seus passos estavam mais leves.

Ela levou Eric até a porta.

“Muito obrigada mesmo”, ela disse, da maneira mais sincera que pôde.

Eric não disse nada, apenas deu a ela um olhar de despedida, e então saiu para empacotar suas coisas.

Emily fechou a porta. Sentindo-se exultante, ela correu para o andar de cima, para a cama principal, e pôs a mão no aquecedor. Certamente, o calor estava começando a se espalhar pelos canos. Ela estava tão feliz que nem ligou para a forma como eles faziam barulho, batendo e estalando, os sons ecoando pela casa.

*

À medida que o dia passava, Emily se deliciava com a sensação de estar aquecida. Ela ainda não havia percebido completamente o quão desconfortável estava desde que saiu de Nova York, e esperava que um pouco do mau-humor que havia jogado em Daniel não tinha sido causado em parte por esse desconforto.

Já que não precisava mais da colcha empoeirada da cama principal para se manter aquecida, Emily dobrou-a sobre a janela quebrada na área de serviço antes de começar a limpar os pedaços de vidro. Ela pendurou todas as suas roupas molhadas sobre os aquecedores, bateu a poeira do tapete da sala e tirou o pó das prateleiras, antes de arrumar os livros. A sala já estava mais aconchegante, e mais parecida com o lugar de que se lembrava. Ela pegou sua velha edição de *Alice Através do Espelho*, que havia lido várias vezes, e então começou a ler perto da lareira. Mas não conseguia se concentrar. Sua mente continuamente se voltava para Daniel. Apesar dele agir como se não se importasse, a maneira como havia jogado a pá e voltado para a sua casa pisando forte era prova o bastante de que as palavras dela o haviam magoado.

A culpa a corroeu até que não pôde mais suportar. Emily deixou o livro de lado, calçou novamente seus tênis, que agora estavam quase tostados de tão quentes, e se dirigiu à casa nos fundos do terreno.

Ela bateu na porta e esperou enquanto o som de alguém se movendo veio de dentro. Então, a porta se abriu e lá estava Daniel, iluminado por trás pelo brilho de uma lareira quente. Um cheiro delicioso veio da casa, lembrando Emily novamente de que ela não havia comido nada. Ela começou a salivar.

“E aí?” Daniel perguntou, sua voz comedida, como sempre.

Emily não pôde evitar dar uma olhada sobre o ombro dele, assimilando a visão do fogo crepitante, do piso de madeira envernizado, das estantes cheias de livros e do violão encostado num piano. Ela não sabia o que esperar da casa de Daniel, mas não era isso. A incongruência do lugar em que Daniel vivia e a pessoa que ela havia imaginado que ele fosse a surpreendia.

“Eu estava...” ela gaguejou. “Vim aqui só para...” sua voz se desvaneceu.

“Está aqui para pedir por um pouco de sopa?” Daniel sugeriu.

Emily voltou a si imediatamente. “Não. Por que pensou isso?”

Ele olhou para ela de uma maneira que demonstrava que estava se divertindo com a

situação e, ao mesmo tempo, censurando-a. “Porque você parece meio faminta”.

“Bem, eu não estou”, Emily respondeu bruscamente, novamente se sentindo enfurecida pela suposição de Daniel de que ela era fraca e incapaz de cuidar de si mesma, não importava o quão ele estivesse certo. Ela odiava a maneira como Daniel a fazia sentir, como se fosse algum tipo de criança estúpida. “Na verdade, estou aqui para perguntar a você sobre a eletricidade”, ela disse. Não era totalmente mentira; ela *realmente* precisaria da eletricidade em algum momento.

Ela não tinha certeza, mas achou ter visto um traço de desapontamento nos olhos de Daniel.

“Posso ver isso para você amanhã”, ele disse, num tom meio apressado, um que disse a ela que ele a queria longe de sua casa e fora do seu domínio.

De repente, Emily se sentiu muito estranha, imaginando que havia dito algo que o irritou. “Veja, por que não vem tomar um chá comigo?” ela disse, hesitante. “Como agradecimento pelo trabalho com a pá e pela entrega do óleo. E para me desculpar pelo que eu disse mais cedo”. Ela sorriu, esperançosa.

Mas Daniel não se moveu. Ele cruzou os braços e levantou uma sobrancelha. “Quer que eu vá para a sua casa? O que é, porque sua casa é maior, você pensa que todo mundo quer estar lá?”

Emily fez uma careta, a confusão borbulhando dentro dela. Ela não sabia o que havia dito para provocar a resposta de Daniel, mas não estava preparada para entrar em outra conversa desconfortável com ele. “Deixa pra lá”, ela murmurou.

Ela voltou-se e caminhou com força de volta para a casa, tão chateada consigo mesma e com seu comportamento quanto com Daniel.

Mas apenas alguns minutos mais tarde, quando ela estava acomodada ao lado da lareira, seu estômago roncando de fome, ouviu um barulho vindo da porta da frente. Era instantaneamente familiar para ela – o mesmo som que havia ouvido na noite passada – e sabia que significava que Daniel havia lhe deixado outro presente.

Ela correu até a porta, o coração aos pulos, e a abriu. Daniel já tinha desaparecido. Emily olhou para baixo e viu uma garrafa térmica no batente. Ela a pegou, abriu a tampa e cheirou seu conteúdo. Imediatamente, sentiu o mesmo aroma delicioso que estava vindo da casa de Daniel. Ele havia deixado um pouco de sopa para ela.

Incapaz de recusar as exigências do seu estômago, Emily agarrou a sopa e começou a devorá-la. O sabor era delicioso, como nada que ela havia provado antes. Daniel deve ser um cozinheiro incrível, outra habilidade para acrescentar aos seus vários talentos. Um músico, ávido leitor, cozinheiro e hábil em reparos — sem mencionar seu gosto para decoração de interiores — os talentos de Daniel estavam realmente começando a se acumular.

*

Naquela noite, Emily se encolheu na cama principal, sentindo-se mais confortável do que na noite passada. Ela havia limpado os lençóis e tirado o pó de cada centímetro do quarto, tirando o cheiro de abandono do lugar. Era bom ter a casa numa condição relativamente habitável —

ainda que alguns dos aquecedores ainda não estivessem funcionando a pleno vapor. Mas saber que ela havia conseguido algo, tinha se sustentando com suas próprias pernas pela primeira vez em sete anos, realmente a deixou orgulhosa. Se pelo menos Ben pudesse vê-la agora! Ela já se sentia diferente da mulher que havia sido quando estava com ele.

Pela primeira vez em muito tempo, Emily se sentiu ansiosa pelo dia seguinte e o que ele traria – especificamente: eletricidade. Se ela tivesse uma geladeira funcionando e um forno, poderia finalmente cozinhar. Talvez até retribuir os favores que Daniel vinha fazendo para ela, preparando uma refeição para ele. Ela queria fazer as pazes com ele antes de partir, pelo menos, já que ela tinha meio que caído de para-quedas na vida dele, bagunçando tudo.

Quanto mais Emily pensava na perspectiva de voltar para casa, mais percebia que não queria. Apesar das dificuldades e tribulações que já tinha vivido ao longo dos últimos dois dias na casa, ela sentiu um senso de propósito aqui que não sentia há anos.

O que exatamente ela tinha deixado em Nova York que fizesse seu retorno para lá valer a pena? Havia Amy, é claro, mas ela tinha sua própria vida e não estava disponível com frequência. Emily pensou então que talvez fosse uma boa ideia prolongar suas férias. Um final de semana prolongado na casa dificilmente daria para ela organizar suas ideias, e seria um desperdício ter a eletricidade funcionando se ela já estava prestes a fazer as malas e partir novamente logo depois. Uma semana seria um período melhor. Então, realmente poderia vivenciar tudo o que a casa e Maine oferecia, poderia recarregar as baterias e dar a si mesma algum tempo para elaborar o que realmente queria da vida.

Estar no antigo quarto dos seus pais lhe dava uma sensação de aconchego e conforto, e Emily foi tomada por uma súbita lembrança de estar aqui quando ainda era uma menina muito pequena, aconchegando-se entre eles para ouvir seu pai contar-lhe histórias. Era algo que havia se tornado um hábito, uma maneira dela estar perto dos pais, que pareciam, para sua mente de criança, preocupados com sua nova irmã, Charlotte, que ainda era um bebê. Foi apenas através da lente de seus olhos adultos que Emily percebeu a verdade: que seus pais estavam tentando evitar seu casamento condenado ao demonstrar preocupação com Charlotte.

Emily balançou a cabeça, sem querer lembrar, sem querer reviver aquelas memórias que havia passado tanto tempo evitando. Mas não importa o quanto tentasse, ela não podia evitar que invadissem sua mente. O quarto, a casa, pequenos objetos aqui e ali que lembravam seu pai, tudo culminava em sua mente, trazendo de volta para ela as terríveis lembranças que ela queria tanto esquecer.

A lembrança de como as histórias na grande cama pararam abruptamente num dia trágico; o dia em que a vida de Emily mudou para sempre, o dia em que o casamento dos seus pais recebeu seu golpe final, implacável.

O dia em que sua irmã morreu.

Capítulo Cinco

Após uma noite de sono profundo, cheio de sonhos, Emily acordou com a sensação de calor em sua pele. Era tão estranho para ela não sentir frio que ela se sentou de forma brusca na cama, subitamente alerta, e descobriu um fecho de luz do sol entrando através de um espaço entre as cortinas. Ela protegeu os olhos ao sair da cama e foi até a janela. Puxando a cortina, Emily se maravilhou com a visão que se abriu diante de si. O sol havia saído, refletindo-se na neve, que brilhava, derretendo rapidamente. Nos galhos das árvores ao lado da janela dela, Emily viu gotas de água pingando pelos pendentes de gelo, a luz do sol transformando-as em gotas de arco-íris. A visão a deixou sem fôlego. Ela nunca havia visto nada tão bonito.

A neve havia derretido o suficiente para Emily decidir que agora era possível ir até a cidade. Ela estava com muita fome, apesar da entrega de sopa de Daniel no dia anterior ter reacendido o apetite que havia perdido após o drama do rompimento com Ben e de sua demissão. Ela vestiu seu jeans e uma camiseta, e então pôs uma jaqueta sobre a blusa, porque era a única coisa em sua mala que se parecia um pouco com um casaco. Esse visual estava meio estranho, mas ela imaginou que a maioria das pessoas estaria olhando para a forasteira com o carro acabado estacionado na frente da casa abandonada, de toda forma, então, suas roupas eram a última de suas preocupações.

Emily desceu até o hall de entrada e abriu a porta para o mundo. O calor beijou sua pele e ela sorriu, sentindo uma onda de felicidade.

Ela seguiu pela vala que Daniel havia cavado e pegou a estrada na direção do oceano, onde lembrava que ficava o centro, com as lojas.

Enquanto caminhava, sentia como se estivesse voltando no tempo. O lugar não havia mudado nada, as mesmas lojas que estavam lá há vinte anos ainda funcionavam, orgulhosas disso. O açougue, a padaria, estava tudo como ela se lembrava. O tempo as havia mudado, mas apenas de pequenas formas – os letreiros estavam mais chamativos, por exemplo, e os produtos à venda tinham se modernizado – mas o sentimento era o mesmo. Ela se deliciou com a singularidade de tudo aquilo.

Emily estava tão envolvida no momento que não notou um trecho congelado na calçada à sua frente. Ela deslizou nele e desabou no chão.

Sem fôlego, Emily deitou sobre as costas e gemeu. Um rosto apareceu sobre ela, velho e gentil.

“Gostaria de ajuda?” o cavalheiro disse, estendendo-lhe a mão.

“Obrigada”, Emily replicou, aceitando sua ajuda.

Ele a puxou de volta até que ficasse de pé. “Você se machucou?”

Emily alongou o pescoço. Seu corpo doía um pouco, mas se era por ter caído do balcão ontem ou escorregado no gelo hoje era impossível discernir. Ela queria não ser tão desastrada.

“Estou bem”, ela respondeu.

O homem assentiu. “Agora, deixe-me ver se entendi. É você quem está na velha casa da Rua Oeste, não é?”

Emily sentiu uma onda de vergonha tomar conta dela. Sentia-se desconfortável em ser o

centro das atenções, a fonte da fofoca na pequena cidade. “Sim, é isso mesmo”.

“Então, você comprou a casa de Roy Mitchell?” ele disse.

Emily ficou imóvel ao ouvir o nome do seu pai. Que o homem de pé na frente dela o conheceu fez seu coração bater forte, com uma estranha sensação de dor e esperança. Ela hesitou por um momento, tentando se recompor novamente.

“Não, eu... sou filha dele”, ela murmurou, por fim.

Os olhos do homem se abriram. “Então, você deve ser Emily Jane”, ele disse.

Emily Jane. Ouvir aquele nome era chocante para ela. Ninguém a chamava assim há anos. Era a forma carinhosa como seu pai a chamava, outra coisa que saiu de sua vida subitamente no dia em que Charlotte morreu.

“É só Emily agora”, ela replicou.

“Bem”, o homem disse, olhando-a de cima a baixo, “você está mesmo adulta”. Ele riu de uma maneira gentil, mas Emily estava se sentindo tensa, como se sua habilidade de sentir tivesse sido sugada para fora dela, deixando um buraco escuro em seu estômago.

“Poderia me dizer quem você é?” ela disse. “De onde conhece meu pai?”

O homem riu novamente. Ele era simpático, uma dessas pessoas que podiam deixar outros à vontade facilmente. Emily se sentiu um pouco culpada pela sua rigidez, pela rigidez de Nova York que ela havia adquirido ao longo dos anos.

“Eu sou Derek Hansen, prefeito da cidade. Eu e seu pai éramos próximos. Costumávamos pescar juntos, jogar cartas. Fui jantar na sua casa várias vezes, mas certamente você era pequena demais para se lembrar”.

Ele tinha razão, Emily não se lembrava.

“Bom, é um prazer conhecê-lo”, ela disse, subitamente querendo terminar a conversa. O fato do prefeito se lembrar dela, ter lembranças que ela não possuía, fazia com que Emily se sentisse estranha.

“É um prazer conhecê-la também”, o prefeito replicou. “Diga-me, como Roy está?”

Emily ficou tensa. Então, ele não sabia que seu pai havia ido embora um dia, e simplesmente desaparecido. Eles devem ter imaginado que ele apenas tinha parado de vir durante as férias. Por que pensariam em algo diferente? Mesmo um bom amigo, como Derek Hansen dizia ser, não iria necessariamente pensar que uma pessoa havia desaparecido no éter, para nunca mais ser visto. Não era o primeiro pensamento que vinha à mente. Certamente, não foi isso que ela pensou a princípio.

Emily vacilou, sem saber como responder à pergunta aparentemente inocente, mas incrivelmente perturbadora. Ela se deu conta de que estava começando a suar. O prefeito estava olhando para ela com uma expressão estranha.

“Ele faleceu”, ela falou subitamente, esperando que isso desse um fim às perguntas.

Deu certo. O rosto dele se tornou grave.

“Sinto muito ouvir isso”, o prefeito replicou. “Era um grande homem”.

“Era”, Emily replicou.

Mas, em sua mente, ela estava pensando: *era mesmo?* Ele a abandonou e à sua mãe na época em que mais precisavam dele. A família inteira estava sofrendo com a morte de

Charlotte, mas foi só ele que decidiu fugir de sua vida. Emily podia entender a necessidade de fugir dos próprios sentimentos, mas, abandonar a família, isso ela não podia compreender.

“Preciso ir andando”, ela falou, por fim. “Tenho que fazer algumas compras”.

“É claro”, o prefeito falou. Seu tom estava mais sério agora, e Emily se sentiu responsável por ter sugado a alegria despreocupada dele. “Cuide-se bem, Emily. Tenho certeza de que vamos nos encontrar novamente”.

Emily se despediu e se afastou depressa. Seu encontro com o prefeito mexeu com ela, acordando ainda mais pensamentos e sentimentos que ela passou anos enterrando. Entrou apressada no pequeno mercado e fechou a porta, bloqueando o mundo externo.

Ela agarrou uma cesta e começou a enchê-la com suprimentos – pilhas, papel higiênico, xampu, e uma tonelada de sopas enlatadas – e então foi para o caixa, onde uma mulher rotunda aguardava na caixa registradora.

“Olá”, a mulher disse, sorrindo para Emily.

Emily ainda estava se sentindo desconfortável graças a seu encontro mais cedo. “Oi”, ela murmurou, quase sem conseguir levantar os olhos.

Quando a mulher começou a passar seus itens e a empacotá-los, ela continuou a olhar para Emily de soslaio. Emily soube instantaneamente que era porque ela a reconhecia, ou sabia quem era. A última coisa com a qual podia lidar agora era outra pessoa perguntando sobre seu pai. Ela não tinha certeza se seu coração frágil podia lidar com isso. Mas era tarde demais, a mulher parecia compelida a dizer alguma coisa, e havia registrado apenas quatro itens da cesta transbordante de Emily. Ela ia ficar presa aqui por um tempinho.

“Você é a filha mais velha de Roy Mitchell, não é?” a mulher disse, seus olhos apertados.

“Sim”, Emily replicou, em voz baixa.

A mulher bateu as mãos animadamente. “Eu sabia! Eu poderia reconhecer essa cabeleira farta em qualquer lugar. Você não mudou nada desde a última vez que a vi!”

Emily não conseguia se lembrar da mulher, apesar de provavelmente ter vindo aqui várias vezes quando adolescente, para se abastecer de chicletes e revistas. Era incrível para ela o quanto havia se desligado bem de seu passado, o quanto havia apagado seu antigo eu para se tornar outra pessoa.

“Tenho algumas rugas a mais agora”, Emily replicou, tentando uma conversa polida, mas falhando miseravelmente.

“Quase nenhuma!” a mulher exclamou. “Você está tão bonita quanto antes. Não vejo sua família há anos. Quanto tempo faz?”

“Vinte”.

“Vinte anos? Ora, ora. O tempo realmente voa quando você está se divertindo!”

Ela registrou outro item pelo aparelho. Emily desejava silenciosamente que se apressasse. Mas ao invés de colocar o item na sacola, ela pausou, a caixa de leite suspensa no ar. Emily levantou os olhos e viu a mulher parada, com um olhar distante e um sorriso no rosto. Emily sabia o que estava vindo: uma anedota.

“Eu me lembro quando”, a mulher começou enquanto Emily se preparava, “seu pai estava construindo uma nova bicicleta para seu aniversário de cinco anos. Ele estava procurando

peças por toda a cidade, garimpando as melhores pechinchas. Ele podia convencer qualquer um, não podia? E realmente amava vendas de garagem”.

Ela estava sorrindo para Emily agora, meneando a cabeça de uma maneira que parecia sugerir que estava encorajando Emily a se lembrar também. Mas Emily não podia. Sua mente estava em branco, a bicicleta nada mais que um fantasma conjurado pelas palavras da mulher em sua mente.

“Se me lembro bem”, a mulher continuou, batendo um dedo no queixo, “ele montou a bicicleta inteira, com sineta, fitas e tudo, por menos de dez dólares. Ele passou o verão inteiro montando a bicicleta, e ficou queimado como um pimentão sob o sol do verão”. Ela começou a rir, e seus olhos estavam brilhando com a lembrança. “Então, vimos você zunindo pela cidade. Você estava tão orgulhosa dela, dizendo a todo mundo que o papai a havia feito para você”.

As vísceras de Emily pareciam um vulcão de emoções prestes a entrar em erupção. Como ela pôde apagar todas essas lindas lembranças? Como ela havia falhado em valorizá-las, esses dias preciosos de infância tranquila, de uma vida familiar abençoada? E como o pai dela se afastou delas? Em que ponto ele passou do tipo de homem que passava o verão inteiro construindo uma bicicleta para sua filha para o tipo de homem que ia para longe dela, para nunca mais ser visto?

“Eu não me lembro”, Emily disse, de maneira brusca.

“Não?” a mulher disse. Seu sorriso estava começando a desaparecer, como se fosse desmontando. Agora, parecia que estava grudado em seu rosto por pura polidez, ao invés de naturalmente.

“Você poderia...” Emily disse, indicando a lata de milho com a cabeça na mão pausada da mulher, tentando fazê-la se apressar.

A mulher olhou para baixo, quase assustada, como se tivesse esquecido por que estava lá, como se ela tivesse pensado que estava conversando com uma velha conhecida ao invés de servindo-a.

“Sim, é claro”, ela disse, seu sorriso desaparecendo por completo.

Emily não conseguia lidar com os sentimentos dentro dela. Estar na casa a fez sentir feliz, contente, mas o resto desta cidade a fez sentir horrível. Havia lembranças demais, pessoas demais metendo o nariz em sua vida. Ela queria voltar para casa o mais rápido possível.

“Então”, a mulher disse, sem querer ou sem poder parar com a tagarelice, “quanto tempo você planeja ficar?”

Emily não pôde deixar de ler nas entrelinhas. A mulher queria dizer, por quanto tempo você estará se intrometendo em nossa cidade com seu mau-humor e grosseria?

“Ainda não sei”, Emily replicou. “A princípio, era para ser um final de semana prolongado, mas estou pensando em ficar por uma semana, talvez. Duas, possivelmente”.

“Deve ser bom”, a mulher disse, empacotando o último item de Emily, “dar-se ao luxo de uma pausa de duas semanas”.

Emily ficou tensa. A mulher passou de agradável e simpática para completamente rude.

“Quanto lhe devo?” ela disse, ignorando a provocação.

Emily pagou e agarrou suas sacolas junto ao peito, saindo o mais rápido que podia da loja.

Ela não queria mais estar na cidade, estava fazendo-a se sentir claustrofóbica. Voltou rápido para a casa, perguntando-se por que exatamente seu pai amava tanto este lugar.

*

Emily chegou em casa e descobriu que um caminhão da companhia elétrica local estava estacionado do lado de fora. Imediatamente, esqueceu sua má experiência na cidade, afastando as emoções negativas que estava sentindo, como aprendera a fazer quando criança, e se permitiu ficar animada e esperançosa sobre a perspectiva de ter resolvido outro grande problema da casa.

O motor do caminhão começou a funcionar e Emily percebeu que ele estava indo embora. Daniel deve tê-los levado para dentro da casa no lugar dela. Ela pôs seus pacotes no chão e correu atrás deles, acenando com os braços enquanto o veículo se afastava do meio-fio. Ao vê-la, o motorista parou e abaixou o vidro, inclinando-se para fora.

“Você é a dona da casa?” ele disse.

“Não. Bem, mais ou menos. Estou hospedada nela”, ela falou, ofegante. “Você conseguiu fazer a eletricidade funcionar?”

“Sim”, o homem falou. “Forno, geladeira, luzes, conferimos e tudo funciona”.

“Isso é ótimo!” Emily disse, eufórica.

“A questão”, o homem continuou, “é que você tem alguns problemas acontecendo. Provavelmente porque a casa está tão abandonada. Pode ser que haja ratos lá dentro mastigando os fios, algo assim. Quando foi a última vez que você subiu no sótão?”

Emily estremeceu, sua animação começando a minguar.

“Pode ser bom chamar um profissional para dar uma olhada lá em cima. O sistema elétrico que você tem está desatualizado. É meio que um milagre termos conseguido fazê-lo funcionar, para ser sincero”.

“Certo”, Emily disse, com uma voz fraca. “Obrigada por me avisar”.

O homem da eletricidade assentiu. “Boa sorte”, ele disse, antes de ir embora.

Ele não havia dito, mas Emily podia ouvir o resto de sua frase em sua mente: *você vai precisar.*

Capítulo Seis

Emily acordou tarde no terceiro dia. Era como se seu corpo soubesse que era segunda-feira de manhã e que ela normalmente estaria correndo para o trabalho, abrindo caminho entre os outros passageiros para chegar ao metrô, espremendo-se ao lado de adolescentes entediados, sonolentos, mascando chiclete, e de executivos com cotovelos dobrados, recusando-se a dobrar seus jornais, e havia decidido se permitir dormir até mais tarde – ela merecia. Enquanto afastava os lençóis, ainda meio grogue e sem enxergar direito, ela se perguntou quando fora a última vez em que havia acordado depois das sete horas da manhã. Ela provavelmente não fazia isso desde os seus vinte anos, desde antes de conhecer Ben, uma época em que bater perna pela cidade com Amy era seu *modus operandi*.

Na cozinha, Emily passou um bom tempo preparando café e panquecas, usando os ingredientes que havia comprado no mercado local. Seu coração se encheu de alegria ao ver as prateleiras agora transbordantes e ouvir o ruído da geladeira funcionando. Pela primeira vez desde que saiu de Nova York, ela se sentia no controle, ao menos o suficiente para sobreviver durante o inverno.

Ela saboreou cada pedaço de suas panquecas, cada gole de café, sentindo-se bem descansada, aquecida e rejuvenescida. Ao invés dos sons da cidade de Nova York, tudo que Emily podia ouvir era o barulho distante das ondas do mar e o gotejar suave, rítmico, enquanto mais pendentes de gelo derretiam lá fora. Ela se sentiu em paz pela primeira vez em um longo tempo.

Após seu relaxante café da manhã, Emily limpou a cozinha de cima a baixo. Ela passou um pano em todos os azulejos, revelando o intrincado design William Morris escondido sob a fuligem, e então limpou as portas dos armários, fazendo os relevos dos vidros brilharem.

Empoderada por ter conseguido deixar a cozinha em tão bom estado, Emily decidiu limpar mais um cômodo, um que ela ainda nem tinha visto com medo de que seu estado de abandono lhe aborrecesse. Era a biblioteca.

A biblioteca havia sido, de longe, seu cômodo preferido quando era criança. Ela adorava a maneira como era dividida ao meio por portas de correr de madeira branca, permitindo-lhe isolar-se completamente num cantinho de leitura. E, é claro, ela adorava todos os livros que havia lá. O pai de Emily não era um esnobe em relação à leitura. Ele achava que qualquer texto escrito valia a pena ser lido, e, portanto, deixara a filha encher as estantes com romances adolescentes e dramas do ensino médio, com capas bregas mostrando o pôr-do-sol e o vulto de homens sensuais. Emily riu enquanto limpava a poeira de suas capas. Era como se um estranho pedaço de sua história tivesse sido preservado. Se a casa não estivesse abandonada por tanto tempo, ela certamente os teria jogado fora em algum momento, nos anos que se sucederam. Mas, devido às circunstâncias, eles permaneceram, cobrindo-se de poeira enquanto o tempo passava.

Ao colocar o livro que tinha nas mãos de volta na estante, a melancolia se abateu sobre ela.

Em seguida, Emily decidiu seguir o conselho do eletricista e subir no sótão para checar a fiação. Se ela estivesse realmente danificada por ratos, ela não tinha certeza sobre qual seria

sua próxima providência — gastar o dinheiro necessário em reparos ou apenas suportar o problema durante o resto de seu tempo na casa. Não parecia possível investir na propriedade se ela ia ficar lá por a quinze dias, no máximo.

Ela puxou a escada retrátil, tossindo quando uma nuvem de poeira desceu em cascata da escuridão acima dela, e então deu uma olhada no espaço retangular que se abriu. O sótão não a assustava tanto quanto o porão, mas a ideia de teias de aranha e mofo não a enchia de entusiasmo. Sem mencionar o suposto rato...

Emily subiu as escadas cuidadosamente, dando cada passo devagar, subindo no buraco um centímetro por vez. Quanto mais ela subia, mas podia ver dentro do sótão. Estava, como ela suspeitava, entulhado. As idas de seu pai para vendas de garagem e feiras de antiguidades frequentemente rendiam mais itens do que poderiam ser expostos na casa, e sua mãe havia banido alguns dos mais horrendos para o sótão. Emily viu uma cômoda de madeira escura que parecia ter uns duzentos anos, um banquinho de costura em couro verde desbotado, e uma mesa de centro feita de carvalho, ferro e vidro. Ela riu, imaginando a cara da mãe ao ver seu pai trazendo aquilo tudo para dentro de casa. Era tão distante do gosto dela! Sua mãe gostava de coisas modernas, elegantes e minimalistas.

Não me admira que eles tenham se divorciado, Emily pensou, com certa ironia. Se nem conseguiam concordar sobre a decoração, como poderiam concordar sobre qualquer outra coisa!

Emily emergiu completamente no sótão e começou a procurar por sinais de atividade de ratos. Mas não encontrou nem excrementos reveladores nem fios roídos. Era quase um milagre não haver hordas de ratos no sótão após tantos anos de abandono. Talvez eles tenham preferido viver nas casas vizinhas, habitadas, com sua fartura de migalhas.

Contente por não haver nada muito preocupante no sótão, Emily se virou para sair. Mas sua atenção foi atraída por um antigo baú de madeira que evocou uma lembrança, muito profunda. Ela abriu a tampa do baú e quase perde o fôlego ao ver o que havia dentro. Joias; não de verdade, mas uma coleção de pedras preciosas, pérolas e búzios de plástico. Seu pai sempre fazia questão de trazer algo “precioso” para ela e para Charlotte e elas colocavam no baú, chamando-o de seu baú do tesouro. Ele se tornou o objeto central de toda peça de teatro que elas realizavam quando crianças, e de outras brincadeiras fantasiosas.

Com o coração batendo forte com a vívida lembrança, Emily fechou o baú com força e se levantou rapidamente. Não sentia mais vontade de explorar nada.

*

Emily passou o resto do dia arrumando, evitando cuidadosamente qualquer cômodo que pudesse despertar nela um sentimento de melancolia. Achava que seria uma vergonha passar o curto período de tempo que tinha aqui se apegando ao passado, e, se para tanto ela precisasse evitar certos cômodos da casa, faria isso. Se podia passar sua vida inteira evitando certas lembranças, podia passar alguns dias evitando certos cômodos.

Emily finalmente conseguiu recarregar seu celular e o deixou sobre a mesa ao lado da porta

da frente – o único lugar onde havia algum sinal – para receber mensagens que não tinha recebido ao longo do final de semana. Ela ficou um pouco decepcionada ao ver que chegaram apenas duas: uma de sua mãe, censurando-a por ter saído de Nova York sem dizer a ela, e uma de Amy, dizendo para ligar para sua mãe, porque ela estava fazendo-lhe perguntas. Emily revirou os olhos e colocou o celular de volta em seu lugar, e então foi para a sala de estar, onde conseguiu acender a lareira.

Ela se acomodou no sofá e abriu o romance adolescente muito surrado que havia pego da estante da biblioteca. Ela costumava relaxar quando lia, sobretudo quando não era nada muito complexo. Mas, desta vez, não pôde aproveitar a leitura. Todo o drama dos relacionamentos adolescentes a fazia lembrar dos seus próprios relacionamentos fracassados. Se pelo menos ela tivesse percebido, quando era criança, quando lia esses livros, que a vida não tinha nada a ver com o que era descrito naquelas páginas...

Foi então que Emily ouviu alguém bater na porta da frente. Imediatamente, achou que era Daniel. Ela não estava esperando mais ninguém – nem carpinteiros, pedreiros ou marceneiros –, e, com certeza, nenhum entregador de pizza. Deu um salto e foi até o hall de entrada, para abrir a porta para ele.

Ele estava de pé no batente, iluminado por trás pela luz da varanda, ao redor da qual algumas mariposas dançavam.

“A eletricidade está funcionando”, ele disse, apontando para a luz.

“Sim”, ela respondeu, sorrindo, orgulhosa por ter conseguido algo que ele parecia tão convencido de que não conseguiria.

“Acho que isso significa que você não precisa mais que eu entregue sopa na sua porta”, ele disse.

Emily não podia dizer, a partir de seu tom de voz, se ele estava brincando ou usando a situação como mais uma oportunidade de criticá-la.

“Não”, ela replicou, levantando a mão até a porta, dando a entender que se preparava para fechá-la. “Algo mais?”

Daniel parecia estar se demorando, como se houvesse algo em sua mente, palavras que ele não sabia como dizer. Emily estreitou os olhos, sabendo, quase que instintivamente, que ela não ia gostar do que ia ouvir.

“E então?” acrescentou.

Daniel passou a mão na nuca. “Na verdade, é... eu... encontrei Karen, hoje, do mercado. Ela... bem... ela não achou você muito simpática”.

A expressão de Emily se tornou mais séria.

“Foi isso que você veio me dizer?”, ela disparou. “Que Karen, do mercadinho, não gostou de mim?”

“Não”, Daniel disse, na defensiva, “na verdade, vim saber quando você vai embora”.

“Ah, bom, isso é muito melhor, não é?” Emily disparou de volta, sarcástica. Ela não podia acreditar no quanto Daniel estava sendo estúpido, vindo até a porta dela e lhe dizendo que ninguém gostava dela e em seguida perguntando quando ela iria embora.

“Não foi isso que quis dizer”, Daniel disse, parecendo exasperado. “Eu preciso saber por

quanto tempo você vai ficar aqui, porque é meu dever manter esta casa inteira ao longo do inverno. Eu tenho que drenar os canos, desligar a caldeira e fazer um monte de outras coisas. Quero dizer, você já pensou no quanto iria ter que gastar para aquecer esta propriedade ao longo do inverno?” Daniel olhou para a expressão de Emily, que lhe deu todas as respostas de que ele precisava. “Foi o que pensei”.

“Eu apenas não refleti sobre isso ainda”, Emily replicou, tentando se defender diante do olhar acusador dele.

“Claro que não”, Daniel replicou. “Você apenas passa correndo pela cidade por alguns dias, causa vários danos a esta casa, e então me deixa para juntar os cacos”.

Emily estava ficando irritada, e quando alguém a desafiava ou a fazia sentir ameaçada ou estúpida, ela não podia evitar a necessidade de se defender. “Sim... bem”, ela disse, elevando a voz, “talvez, eu me demore um pouco mais. Talvez eu fique por aqui durante o inverno inteiro.”

Ela trincou os dentes, chocada por ter ouvido as palavras saírem da sua boca. Ela nem teve tempo de pensar nelas antes de pô-las para fora, seus lábios apenas dando vazão à sua ira.

Daniel parecia perturbado. “Você não vai sobreviver nesta casa”, ele murmurou, tão chocado quanto ela com a perspectiva de Emily permanecer em Sunset Harbor. “Comeria você viva. A menos que você seja rica. E você não parece rica”.

Emily recuou diante do ar de zombaria no rosto dele. Ela nunca havia sido tão insultada. “Você não sabe nada sobre mim!” ela gritou, suas emoções transbordando numa raiva genuína.

“Você está certa”, Daniel replicou. “Vamos deixar as coisas como estão”.

Ele se afastou, furioso, e Emily bateu a porta com força. Ela ficou parada ali, arquejante, recuperando-se daquele encontro desastroso. Quem diabos era Daniel para dizer a ela o que podia e não podia fazer com sua vida? Ela tinha todo direito de estar na casa do seu pai. Na verdade, ela tinha mais direito do que ele! Se alguém deveria estar incomodado com a presença do outro, era ela!

Fumaçando, Emily andou de um lado para o outro, fazendo o assoalho estalar e a poeira girar no ar. Ela não lembrava a última vez em que tinha sentido tanta raiva – mesmo ao terminar o namoro com Ben e largar seu emprego, não havia sentido o mesmo calor pulsando pelas suas veias. Então, parou de andar, refletindo se era Daniel quem a irritava tanto, que despertava aquela raiva passional dentro dela de uma maneira que seu parceiro de sete anos não havia sido capaz de fazer. Pela primeira vez desde que se encontrou com ele, Emily se perguntou quem ele era, de onde havia vindo e o que estava fazendo aqui.

E se ele tinha alguém em sua vida.

*

Emily passou o resto da noite ruminando sobre sua última discussão com Daniel. Mesmo que tenha sido muito chato ser informada de que o pessoal da cidade não havia gostado dela, e ainda que fosse frustrante dividir seu espaço com ele, ela não podia deixar de admitir que havia se apaixonado pela velha casa. Não apenas pela casa, mas também pela calma e quietude do

lugar. Daniel queria saber quando ela iria voltar para casa, mas ela estava começando a se dar conta de que se sentia mais em casa aqui do que em qualquer outro lugar em que vivera nos últimos vinte anos.

Com a adrenalina correndo nas veias, Emily foi depressa até onde seu celular sempre ficava agora, ao lado da porta da frente, e ligou para seu banco. Ela passou pelo menu automático, digitou todos os códigos de segurança necessários e ouviu a voz robótica ler em voz alta seu saldo. Ela anotou o valor num pedaço de papel equilibrado sobre o joelho, a tampa da caneta entre os dentes, seu celular apoiado contra o ombro. Então, dirigiu-se à sala com o papel e começou a elaborar alguns cálculos: o custo da eletricidade e da entrega de óleo, o custo para instalar internet e uma linha de telefone fixa, combustível para o carro, comida. Quando terminou, percebeu que tinha dinheiro suficiente para viver por seis meses. Ela havia trabalhado tanto, e por tanto tempo, numa cidade que exigia isso, que havia se esquecido de ter uma visão mais ampla. Agora, tinha a oportunidade de ter uma pausa, navegar ao sabor do vento por um tempo. Ela seria uma idiota se não a aproveitasse.

Emily se recostou no sofá e sorriu. Seis meses. Poderia mesmo fazer isso? Ficar aqui, na velha casa do seu pai? Ela estava cada vez mais apaixonada por aquela velha casa, apesar de não saber ao certo se era pela casa em si, por causa das lembranças que despertava, ou pela conexão que sentiu com seu pai perdido.

Mas ela resolveu consertá-la sozinha, sem a ajuda de Daniel.

*

Emily acordou na manhã da terça-feira sentindo-se bem disposta, como não se sentia há anos. Abrindo as cortinas com energia, ela viu que a neve tinha quase que completamente ido embora, revelando a grama alta do terreno ao redor da casa.

Diferente do seu demorado café da manhã de ontem, Emily comeu rapidamente e engoliu seu café o mais rápido que pôde, antes de se arrumar para trabalhar. A energia que havia sentido enquanto limpava no dia anterior parecia estar mil vezes mais poderosa hoje, agora que ela sabia que não ficaria por apenas umas férias, mas que estava se instalando na casa pelos próximos seis meses. A nostalgia claustrofóbica que ela sentira também havia desaparecido, assim como a forte sensação de que nada deveria ser tocado, movido ou mudado. Antes, ela achava que a casa tinha que ser preservada, ou restaurada da maneira que seu pai queria. Mas, agora, sentia-se no direito de deixá-la com a sua cara. O primeiro passo era vasculhar o monte de entulho que seu pai havia acumulado e separar o que tinha valor e o que deveria ser jogado fora. Coisas que iriam para o lixo, como seus romances adolescentes de verão.

Emily correu até a biblioteca, imaginando que seria um bom lugar para começar, como qualquer outro, e encheu os braços com livros, levando tudo para fora, caminhando pela grama úmida e jogando-os na calçada. Do outro lado da rua que passava em frente à casa, havia uma praia rochosa que descia até o mar, a uns 100 metros de distância, e o porto vazio, mais ao longe.

Ainda estava muito frio do lado de fora – frio o bastante para que sua respiração condensasse – mas um sol brilhante de inverno tentava irromper através das nuvens. Emily tremia ao se endireitar, e então viu, pela primeira vez desde que chegara, que outra pessoa havia saído de sua própria casa até a calçada. Era um homem com uma barba e bigode marrom, arrastando uma lata de lixo atrás de si. Emily levou um tempinho para perceber que ele devia morar na casa ao lado – outra casa em estilo vitoriano, como a de seu pai, apesar de estar muito melhor conservada – e tentou re-categorizá-lo em sua mente como seu vizinho. Ela pausou, observando enquanto ele colocava a lata perto da caixa de correio e então pegava sua correspondência – abandonada por dias, devido à nevasca – antes de caminhar pela grama bem cuidada e subir de volta os degraus de sua enorme varanda de madeira. Em algum momento, Emily teria que se apresentar a ele. Se ela não era muito querida, como Daniel havia sugerido, talvez essa não fosse sua maior prioridade.

Enquanto caminhava de volta pelo seu próprio gramado, Emily fez um grande esforço para não olhar para a casa nos fundos do terreno, apesar de poder sentir o cheiro de fumaça da lareira de Daniel, que revelava que ele estava acordado. Ela não precisava que ele viesse até aqui, meter o nariz em suas coisas, zombar dela, então, entrou rapidamente, para procurar por mais coisas que precisavam ser jogadas fora.

A cozinha estava cheia de lixo – utensílios enferrujados, peneiras com cabos quebrados, panelas com o fundo queimado. Emily podia ver por que sua mãe ficara tão frustrada com seu pai. Ele não fora apenas um colecionador de antiguidades ou caçador de barganhas, ele era um acumulador. Talvez, o amor de sua mãe por ambientes minimalistas e esterilizados tenha sido provocado pelo pai dela.

Emily encheu um saco de lixo inteiro com colheres, louça lascada e vários utensílios de cozinha inúteis, como *timers* para ovos. Havia ainda resmas de papel manteiga, filme plástico, papel toalha e vários eletrodomésticos. Emily contou cinco liquidificadores, seis batedeiras e quatro tipos de balanças diferentes. Ela reuniu tudo em seus braços e os carregou até a calçada, onde os colocou junto aos demais montes de lixo. Estava começando a se tornar uma grande pilha. O homem bigodudo saía de novo e estava em sua varanda, sentado numa cadeira dobrável, observando-a, ou, mais especificamente, observando o monte de lixo que estava lentamente crescendo na calçada. Emily teve a impressão de que ele não estava muito satisfeito com o seu comportamento, então, acenou de uma forma que, ela esperava, fosse simpática, antes de voltar a entrar na casa e continuar seu expurgo.

Ao meio-dia, Emily ouviu o som de um motor roncando em frente à casa. Ela correu para fora, animada para saudar o instalador da linha telefônica e da internet.

“Oi”, ela sorriu da porta.

O sol havia aparecido ainda mais do que o que havia previsto, e ela podia ver seus raios cintilando sobre o mar, ao longe.

“Olá”, o homem respondeu, batendo a porta de seu caminhão. “Meus clientes geralmente não ficam tão felizes em me ver”.

Emily deu de ombros. Enquanto dirigia o homem para dentro, ela sentiu os olhos do vizinho bigodudo a seguindo. *Deixa ele olhar*, ela pensou. Nada poderia abalar seu bom humor. Ela

estava orgulhosa de si por ter resolvido mais uma necessidade. Assim que a internet estivesse funcionando, poderia encomendar algumas coisas de que precisava. Na verdade, ela compraria uma loja inteira online só para não ter que encontrar Karen novamente. Se o pessoal da cidade não gostava dela, então, ela não estava disposta a fazer negócios com eles.

“Gostaria de um chá?” ela perguntou ao cara da internet. “Café?”

“Seria ótimo”, ele respondeu, enquanto se inclinava para abrir sua bolsa preta de ferramentas. “Café, obrigado”.

Emily foi até a cozinha e preparou uma garrafa de café fresco enquanto o som de uma furadeira vinha do hall de entrada. “Espero que goste dele puro”, ela gritou. “Não tenho creme”.

“Puro está bom!” o homem gritou de volta.

Emily fez uma anotação mental para colocar creme na sua lista de compras, e então serviu duas xícaras de café quente, uma para o instalador e outra para ela.

“Você acaba de se mudar para cá?” ele perguntou, enquanto ela lhe dava a xícara.

“Mais ou menos”, ela respondeu. “Era a casa do meu pai”.

Ele não insistiu na conversa, claramente inferindo que ela havia abandonado a casa por capricho, ou algo parecido. “O sistema elétrico está bem desgastado”, ele replicou. “Imagino que você não tenha TV a cabo aqui”.

Emily riu. Se ele tivesse visto a casa há apenas três dias, nem teria que fazer aquela pergunta. “Com certeza, não”, ela respondeu, jovialmente. Seu pai sempre havia desprezado a TV e a havia banido da casa. Ele queria que seus filhos aproveitassem o verão, e não ficassem sentados em casa, assistindo à TV, enquanto a vida passava por eles.

“Quer que eu instale para você?” o homem disse.

Emily pausou, refletindo sobre a pergunta. Ela tinha TV a cabo em Nova York. Na verdade, era um dos seus poucos prazeres na vida. Ben sempre zombava das suas preferências em relação a programas de TV, mas Amy compartilhava o mesmo amor por *reality shows*, então, ela simplesmente conversava com a amiga sobre eles. Tornara-se um ponto de atrito, um de vários, em seu relacionamento. Mas ele havia finalmente aceitado que, se ele ia passar todo final de semana assistindo a esportes, ela tinha permissão para assistir à nova temporada de *America's Next Top Model*.

Desde que chegou no Maine, não havia sequer ocorrido a Emily que ela perdera todos os seus programas favoritos. E, agora, a ideia de convidar aquele lixo de volta para sua vida parecia estranha, como se fosse macular a casa, de alguma forma.

“Não, obrigada”, ela replicou, um pouco chocada ao descobrir que seu vício por TV havia sido curado apenas por deixar Nova York.

“Certo, bem, está tudo pronto. A linha telefônica está instalada, mas você vai precisar de um aparelho”.

“Ah, eu tenho uma centena deles”, Emily replicou, não exagerando nem um pouco — ela havia achado uma caixa inteira de telefones no sótão.

“Certo”, o cara replicou, um pouco surpreso. “A internet já está funcionando também”.

Ele mostrou a ela o modem do wi-fi, e leu a senha em voz alta, para que ela pudesse

conectar seu celular à internet. No momento em que ficou online, o celular, para sua surpresa, começou a vibrar, inundado por um fluxo contínuo de e-mails.

Ela deu uma olhada rápida na tela enquanto o contador do canto continuava a crescer, crescer e crescer. Em meio às mensagens de spam e newsletters de suas marcas de roupa preferidas, havia um punhado de e-mails com títulos austeros de sua antiga empresa, concernentes ao “encerramento” de seu contrato. Emily decidiu que os leria mais tarde.

Uma parte dela sentiu sua privacidade invadida pela internet, pelos e-mails, e imediatamente teve saudade dos dias anteriores, quando não tinha nenhuma internet. Ela ficou surpresa em perceber sua própria reação, considerando o quanto costumava ser viciada em seu e-mail, celular, quase sem conseguir funcionar sem eles. Agora, para seu próprio choque, ela, na verdade, sentia-se incomodada.

“Parece que alguém é popular”, o instalador disse, rindo enquanto o celular dela vibrava novamente com outro e-mail recém-chegado.

“Mais ou menos”, Emily murmurou, colocando o aparelho de volta em seu lugar ao lado da porta da frente. “Mas, muito obrigada”, ela acrescentou, virando-se para o instalador enquanto abria a porta. “Estou muito feliz por estar conectada à civilização novamente. Pode ser meio isolado aqui.

“Por nada”, ele replicou, caminhando sobre os degraus da frente. “Ah, e obrigado pelo café. Estava muito bom. Você deveria pensar em abrir um café!”

Emily ficou vendo-o partir, enquanto ponderava sobre suas palavras. Talvez ela *devesse* abrir um café. Ela não havia visto nenhum na rua principal, enquanto que em Nova York havia um em cada esquina. Ela podia até ver a cara de Karen se decidisse abrir seu próprio estabelecimento.

Emily voltou a trabalhar na limpeza da casa, acrescentando mais coisas à pilha na calçada, esfregando superfícies e passando o pano no chão. Ela passou uma hora na sala de jantar, tirando o pó das molduras e de todos os ornamentos das cristaleiras.

Mas quando finalmente começava a sentir que estava tendo algum resultado com todo aquele trabalho, puxou um tapete pendurado na parede para bater a poeira, e viu que, atrás dele, havia uma porta.

Emily parou de repente, olhando para ela com o cenho franzido. Ela não tinha nem a mais vaga lembrança da porta, apesar de ter certeza de que uma porta escondida atrás de uma tapeçaria teria sido o tipo de coisa que teria adorado quando criança. Tentou girar a maçaneta, mas descobriu que estava emperrada. Então, correu até a área de serviço e pegou uma lata de lubrificante. Após lubrificar a maçaneta da porta secreta, finalmente pôde girá-la. Mas a porta parecia estar presa. Ela empurrou o ombro contra ela uma, duas, três vezes. Na quarta tentativa, sentiu algo ceder e, com um grande e derradeiro impulso, conseguiu, afinal.

A escuridão se abriu diante dela. Emily procurou um interruptor, mas não pôde encontrá-lo. Podia sentir o cheiro de poeira, o pó espesso entrando em seus pulmões. A escuridão e a atmosfera sombria lembraram a ela do porão e Emily correu para pegar a lanterna que Daniel havia lhe dado no primeiro dia. Quando iluminou a escuridão com as luz, ela ficou impressionada diante do que viu.

O cômodo era enorme, e Emily se perguntou se já havia sido um salão de baile. Mas, agora, estava repleto de coisas, como se tivesse se tornado um outro sótão, mais um depósito. Havia a estrutura de uma velha cama de bronze, um guarda-roupa quebrado, um espelho rachado, um relógio de pêndulo, várias mesas de centro, uma estante de livros enorme, uma luminária alta, bancos, sofás, mesas. Grossas teias de aranha zigue-zagueavam entre todos os itens, como fios unindo tudo. Impressionada, Emily caminhou lentamente pelo cômodo, a luz da lanterna em suas mãos revelando um papel de parede mofado.

Ela tentou se lembrar se houve uma época em que este cômodo fora usado, ou se a porta tinha sido escondida sob a tapeçaria quando seu pai comprou a casa e ele nunca havia descoberto o quarto secreto. Não parecia plausível para ela que seu pai não soubesse sobre esta sala, mas Emily simplesmente não se lembrava dela, portanto, deve ter sido fechada antes de seu nascimento. Se esse fosse o caso, então, toda essa parte da casa havia sido negligenciada por mais tempo do que qualquer outra, estava abandonada por um período indeterminado.

Emily se deu conta de que daria muito mais trabalho limpar a casa do que havia antecipado. Ela estava exausta com o dia inteiro de esforço e nem havia chegado ao primeiro andar. É claro, podia simplesmente fechar a porta e fingir que o salão de baile não existia, como seu pai claramente havia feito, mas a ideia de restaurar sua antiga majestade a atraía demais. Ela podia imaginar tão claramente em sua cabeça: o piso de madeira polido e brilhando, um lustre pendendo do teto; ela estaria vestindo um longo vestido de seda, seu cabelo num penteado alto, no topo da cabeça; e eles estariam girando, valsando juntos pelo salão – ela e o homem de seus sonhos.

Emily olhou para os objetos pesados, imensos, no salão – sofás, camas de metal, colchões – e percebeu que não poderia de forma alguma movê-los sozinha, reformar o salão de baile por conta própria. Deixar a casa em bom estado era trabalho para duas pessoas.

Pela primeira vez, apesar de ter resolvido não pedir sua ajuda, Emily teve que admitir que precisava de Daniel.

*

Emily saiu da casa como um furacão, mas receosa em relação à conversa que estava prestes a ter. Ela era uma pessoa muito orgulhosa e a ideia de pedir ajuda a Daniel, dentre todas as outras pessoas, era irritante.

Ela caminhou pelo quintal na direção da antiga garagem. Pela primeira vez, a neve havia derretido o suficiente para dar a ela uma visão mais clara do terreno, e Emily percebeu o quanto estava bem cuidado, graças a Daniel, não havia dúvida. As cercas-vivas estavam todas muito bem aparadas e havia canteiros de flores margeados por seixos. Ela podia imaginar como ficava lindo no verão.

Daniel parecia ter pressentido sua chegada, porque, ao levantar os olhos da cerca-viva para a casa, Emily viu que a porta dele estava aberta e que ele estava de pé, com o ombro encostado contra a moldura da porta. Ela já podia ler a expressão em seu rosto. Dizia: “Veio rastejar meu perdão?”

“Preciso da sua ajuda”, ela disse, sem nem se importar em dizer olá.

“Ah?” foi a única resposta dele.

“Sim”, ela disse, bruscamente. “Descobri um cômodo na casa que está cheio de móveis grandes demais para eu levantar sozinha. Pagarei a você se me ajudar a levá-los todos para fora”.

Estava claro que Daniel não sentia a necessidade de responder imediatamente. Na verdade, ele não parecia se limitar às regras da etiqueta social normal de jeito nenhum.

“Notei que você tem feito uma limpeza”, ele disse, por fim. “Por quanto tempo planeja deixar aquela pilha na calçada? Você sabe que os vizinhos ficarão incomodados”.

“Deixe a pilha comigo”, Emily replicou. “Só preciso saber se você virá me ajudar”.

Daniel cruzou os braços, levando o tempo que queria, cozinhando-a em fogo baixo. “De quanto trabalho estamos falando?”

“Para ser honesta”, Emily disse, “não é apenas o salão de baile. Quero esvaziar a casa inteira”.

“Isso é ambicioso”, Daniel replicou. “E sem sentido, considerando que você só vai ficar aqui por três semanas”.

“Na verdade”, Emily disse, pesando bem as palavras para adiar o inevitável, “vou ficar por seis meses”.

Emily sentiu uma tensão palpável no ar. Era como se Daniel tivesse se esquecido de como respirar. Ela sabia que ele não ia muito com a cara dela, mas aquilo parecia uma reação extrema da parte dele, como se alguém estivesse lhe falando sobre a morte de alguém. Que a presença dela em sua vida podia causar uma angústia tão grande aborreceu Emily imensamente.

“Por quê?” Daniel disse, uma linha profunda marcando sua testa.

“Por quê?” Emily rebateu. “Porque é minha vida e eu tenho todo o direito de viver aqui”.

Daniel cerrou o cenho, subitamente confuso. “Não, quero dizer, por que está fazendo isso? Fazendo todo esse esforço para consertar a casa?”

Emily não tinha uma resposta, ou, pelo menos, não uma que satisfizesse Daniel. Ele apenas a via como uma turista, alguém que passava um tempo na praia vindo da cidade grande, fazia uma bagunça, e então voltava relaxadamente para sua antiga vida. Pensar que ela pudesse gostar de uma vida mais simples, que pudesse ter uma boa razão para fugir da cidade, era claramente mais do que ele podia compreender.

“Veja”, Emily falou por fim, cada vez mais irritada, “eu disse que pagaria pela sua ajuda. Trata-se apenas de mover alguns móveis, talvez um pouco de pintura. Só estou pedindo porque é mais do que posso fazer sozinha. Então, você topa ou não?”

Ele sorriu.

“Eu topo”, Daniel replicou. “Mas não quero seu dinheiro. Farei isso pelo bem da casa”.

“Por que acha que vou destruí-la?” Emily replicou, levantando uma sobrancelha.

Daniel balançou a cabeça. “Não. Porque eu amo essa casa”.

Pelo menos, eles tinham isso em comum, Emily pensou, de maneira irônica.

“Mas, se eu fizer isso, saiba que esta é apenas uma relação de trabalho”, ele disse. “Apenas

negócios. Não estou procurando por mais amigos”.

Ela ficou aturdida e irritada pela resposta dele.

“Nem eu”, ela rebateu. “Nem era isso que estava propondo”.

O sorriso dele ficou mais largo.

“Bom”, ele disse.

Daniel estendeu sua mão para ela.

Emily franziu o cenho, sem saber bem no que estava se metendo. E então apertou a mão dele.

“Apenas negócios”, ela concordou.

Capítulo Sete

“A primeira coisa que deveríamos fazer,” Daniel disse enquanto ele a seguia até a casa, “é retirar as tábuas que estão bloqueando as janelas”. Ele carregava sua caixa de ferramentas de metal, balançando-a enquanto caminhava.

“Na verdade, eu só quero mesmo tirar os móveis velhos”, Emily replicou, frustrada por Daniel já estar assumindo a posição de chefe.

“Você quer passar os dias usando luz artificial enquanto o sol está finalmente aparecendo?” ele perguntou. Mas a pergunta estava mais para uma afirmação, e a mensagem implícita era de que ela era uma idiota por querer fazer de outra forma. Suas palavras lembraram Emily um pouco de seu pai, da maneira como ele queria que ela aproveitasse o sol do Maine ao invés de ficar presa em casa, assistindo TV o dia todo. Apesar de Emily custar a admitir, Daniel tinha razão.

“Está bem”, ela disse, cedendo.

Emily lembrou como sua primeira tentativa de remover o compensado havia resultado numa janela quebrada e numa queda em que quase quebrou o pescoço, e ela estava aliviada, apesar de a contragosto, por ter Daniel a bordo para ajudar.

“Vamos começar pela sala de estar”, ela disse, tentando recuperar algum controle sobre a situação. “É onde passo a maior parte do tempo”.

“Claro”.

Não havia mais nada a dizer, a conversa completamente encerrada por Daniel, e então eles caminharam silenciosamente até entrar na casa, seguiram pelo longo do corredor e chegaram à sala de estar. Daniel não perdeu tempo; pôs a caixa de ferramentas no chão e procurou seu martelo.

“Segure a prancha assim”, ele disse, mostrando a ela como suportar o peso das tábuas de compensado. Assim que ela se posicionou, ele começou a retirar os pregos com a orelha do seu martelo. “Uau, os pregos estão completamente enferrujados”.

Emily observou um prego cair no chão e bater nele com um som abafado. “Isso vai danificar o piso?”

“Não”, Daniel replicou, completamente focado na tarefa à sua frente. “Mas assim que conseguirmos alguma luz natural aqui dentro, vai mostrar o quanto o piso já está danificado”.

Emily rosnou baixo. Ela não havia incluído o custo de polir o piso em seu orçamento. Talvez ela pudesse convencer Daniel a fazer isso também?

Daniel retirou o último prego e Emily sentiu o peso da madeira cair contra seu corpo.

“Pegou?” ele perguntou, uma mão ainda empurrando o compensado contra o peitoril, suportando a maior parte do peso.

“Eu peguei”, ela replicou.

Ele soltou e Emily cambaleou para trás. Fosse por causa de sua determinação em não perder o controle novamente na frente dele ou por outra coisa, Emily conseguiu não deixar cair a prancha, nem bateu-a contra algo, nem fez papel de boba. Ela baixou o compensado suavemente até o chão e, em seguida, levantou-se e bateu as mãos.

O primeiro facho de luz irrompeu pela janela e Emily ficou impressionada. Iluminado pelo sol, o cômodo ficava lindo. Daniel estava certo; ficar usando a luz elétrica ao invés da luz natural teria sido um crime. Começar pelas janelas foi uma ótima ideia.

Entusiasmados pelo sucesso, Emily e Daniel trabalharam pelo andar de baixo da casa, revelando janela após janela, deixando a luz natural preencher o lugar. Na maior parte dos cômodos, as janelas eram enormes, indo do chão ao teto, evidentemente, feitas sob medida para a casa. Em alguns locais, estavam enferrujadas ou danificadas por insetos. Emily sabia que seria muito caro substituí-las por molduras personalizadas e tentou não pensar sobre isso.

“Vamos continuar com as janelas no salão de baile antes de subirmos para o primeiro andar”, Emily disse. As janelas na principal parte da casa eram belas o bastante, mas algo lhe dizia que as da ala abandonada seriam ainda melhores.

“Há um salão de baile?” Daniel perguntou, enquanto ela o dirigia para a sala de jantar.

“Hã-ham”, ela replicou. “Fica aqui”.

Emily puxou a tapeçaria, revelando a porta, divertindo-se com a expressão no rosto de Daniel. Ele era, geralmente, tão estóico, tão difícil de ler, que ela não pôde deixar de se animar ao fazê-lo sentir um pequeno choque. Então, ela abriu a porta e usou a lanterna para mostrar o interior do cômodo, iluminando sua vastidão.

“Uau”, Daniel falou, abaixando a cabeça para não bloquear a luz e admirando o salão de queixo caído. “Eu nem sabia que esta parte da casa existia”.

“Nem eu”, Emily disse, radiante, feliz por poder compartilhar seu segredo com alguém. “Mal posso acreditar que estava escondido aqui por todos esses anos”.

“Nunca foi usado?” Daniel perguntou.

Ela balançou a cabeça. “Não que eu me lembre. Mas alguém o usou, há muito tempo”. Ela dirigiu a luz diretamente para a pilha de móveis no meio do salão. “Como um depósito de lixo”.

“Que desperdício”, Daniel disse. Pela primeira vez, desde que Emily o havia conhecido, ele parecia estar expressando uma emoção genuína. A visão do salão proibido era tão impressionante para ele como havia sido para ela.

Eles deram alguns passos para dentro do salão e Emily observou enquanto Daniel caminhava pelo cômodo, de maneira muito parecida como ela havia feito mais cedo.

“E você quer jogar tudo isso fora?” Daniel disse sobre o ombro enquanto inspecionava os itens cobertos de poeira. “Aposto que alguns móveis são antiguidades. Caras”.

A ironia de um salão cheio de antiguidades escondido na casa de um apaixonado por antiguidades não escapou à Emily. Ela novamente se perguntou se seu pai sabia sobre o cômodo. Foi ele quem o havia enchido de móveis? Ou já estava assim quando comprou a casa? Não fazia sentido.

“Acho que sim”, ela replicou. “Mas eu nem saberia por onde começar. Você pode ver por que lhe disse que havia alguns móveis grandes, que eu não posso levantar sozinha. Como poderia vendê-los? Encontrar compradores?” Esse era o mundo do seu pai, um mundo que ela nunca compreendeu e pelo qual não tinha quase nenhum entusiasmo.

“Bem”, Daniel disse, olhando para o relógio de pêndulo. “Você tem internet agora, não é?”

Poderia pesquisar um pouco. Seria uma pena simplesmente jogar tudo fora”.

Emily refletiu sobre o que ele estava dizendo, e ficou intrigada por um detalhe em particular. “Como sabia que tenho internet?”

Daniel deu de ombros. “Eu vi o caminhão, só isso”.

“Não percebi que você estava prestando tanta atenção em mim”, Emily replicou, com um ar de falsa suspeita.

“Não se engane”, foi a resposta seca de Daniel, mas Emily notou que havia um sorriso torto nos lábios dele. “Então, seria melhor tirar essas coisas do caminho”, ele acrescentou, tirando-a de seus pensamentos.

“Isso, ótimo”, ela replicou, voltando à realidade.

Daniel e Emily começaram a trabalhar, removendo a proteção das janelas. Mas, diferente da parte principal da casa, quando eles retiraram o compensado, a janela escondida sob ele era feita de um lindo vitral da Tiffany.

“Uau!” Emily gritou, tomada de admiração, quando o cômodo se encheu de cores diferentes. “Isto é incrível!”

Era como pisar numa terra de sonho. O cômodo estava subitamente banhado de tons rosados, verdes e azulados, enquanto a luz do sol irrompia através da janela.

“Tenho certeza de que, se meu pai soubesse que estas janelas estavam aqui, ele teria aberto esta parte da casa”, Emily acrescentou. “Elas são o sonho de qualquer colecionador de antiguidades tornado realidade”.

“Elas são incríveis”, Daniel disse, examinando-as de uma maneira prática, admirando sua intrincada construção e a forma como os pedaços de vidro se encaixavam.

Emily sentiu vontade de dançar. A luz vindo através da janela era tão linda, de tirar o fôlego, e a fez sentir livre, leve, como se fosse feita de ar. Se era tão maravilhoso sob o sol do inverno, ela nem podia começar a imaginar o quão incrível este salão ficaria assim que o forte sol do verão iluminasse estas janelas.

“Deveríamos fazer uma pausa”, Emily disse. Ambos já estavam trabalhando há horas e aquele parecia um bom momento para parar. “Eu poderia preparar um pouco de comida para nós”.

“Como um encontro?” Daniel disse, balançando a cabeça, brincalhão. “Sem ofensa, mas você não é o meu tipo”.

“Ah?” Emily disse, brincando junto com ele. “E qual é o seu tipo?”

Mas Emily não teve a chance de ouvir a resposta de Daniel. Algo flutuou da borda da janela, onde deveria estar presa há anos, e chamou sua atenção. Todo o riso e brincadeira de um momento atrás desapareceram ao redor dela, enquanto sua atenção se concentrava no pedaço de papel quadrado no chão. Uma fotografia.

Emily a pegou. Apesar de estar envelhecida, com mofo na parte de trás, a foto em si não era particularmente antiga. Era colorida, apesar das cores terem desbotado com o tempo. Um nó se formou na garganta de Emily quando ela percebeu que estava segurando uma foto de Charlotte.

“Emily? O que há de errado?” Daniel disse, mas ela quase não podia ouvi-lo. Sua respiração

havia sido interrompida pela súbita visão do rosto de Charlotte, um rosto que ela não via há vinte anos. Incapaz de se conter, Emily começou a chorar.

“É minha irmã”, ela falou, com a voz embargada.

Daniel espiou sobre o ombro dela, olhando para a foto em seus dedos trêmulos.

“Venha”, ele disse, gentil, de repente. “Deixe-me pegar isto”.

Ele retirou a foto das mãos dela, e então dirigiu-a para fora do salão, com o braço ao redor de seus ombros. Emily o deixou levá-la para a sala de estar, atordoada demais para protestar. O choque de ver o rosto de Charlotte a havia hipnotizado.

Emily, ainda chorando, desviou o olhar de Daniel.

“Eu...Eu acho que é melhor você ir agora”.

“Certo”, Daniel disse. “Desde que você fique bem sozinha”.

Ela se levantou do banco e fez um gesto para Daniel se dirigir à porta. Ele examinou-a cuidadosamente, como se avaliando se era seguro deixá-la naquele estado, mas, finalmente, colocou suas coisas na caixa de ferramentas e foi até a porta.

“Se precisar de alguma coisa”, ele disse, no batente, “basta chamar”.

Incapaz de falar, ela fechou a porta e então se virou e pressionou as costas contra ela, sentindo sua respiração vir em grandes soluços, fazendo todo o seu corpo estremecer. Ela caiu de joelhos, sentindo a escuridão envolvê-la, querendo apenas se encolher e morrer.

*

Foi o súbito toque estridente do seu celular que a tirou daquela terrível sensação de estar sufocando. Emily olhou ao redor, sem saber por quanto tempo havia estado curvada sobre o próprio corpo, no chão.

Ela levantou os olhos e avistou seu celular na mesinha ao lado da porta, piscando e vibrando. Ela se levantou e viu, com surpresa, o nome de Ben brilhando na tela. Olhou para o aparelho por um momento, observando-o piscar, vendo o nome do ex-namorado preencher a tela, da forma como havia feito milhares de vezes no passado. Era tão normal, aquelas três letrinhas, BEN, mas subitamente, tão estranhas, e tão, tão erradas nesta casa, neste momento, após ter visto o rosto de Charlotte, após ter estado com Daniel o dia todo.

Emily recusou a ligação.

Mal a tela havia escurecido, voltou a se iluminar. Desta vez, não era o nome de Ben, mas de Amy.

Emily arrebatou o aparelho, aliviada.

“Amy,” ela falou, sobressaltada. “Estou tão feliz por você ter ligado”.

“Você nem sabe o que vou dizer”, sua amiga gracejou.

“Não importa. Você podia ler para mim a antiga lista telefônica inteira, que eu não ia ligar. Estou muito feliz por apenas ouvir sua voz.

“Bem”, Amy disse, “na verdade, eu realmente tenho algo animador para te dizer”.

“Verdade?”

“Sim. Lembra como sempre conversávamos sobre viver naquela igreja reformada no Lower

East Side, e como seria incrível?”

“A-ham”, Emily disse, sem saber aonde aquilo ia dar.

“Bem”, Amy continuou, sua voz soando como se ela se preparasse para uma grande revelação, “agora podemos! O apartamento de dois quartos está disponível para alugar e certamente podemos pagar”.

Emily pausou, deixando que a informação fosse filtrada pela sua mente. Quando Amy e Emily eram estudantes em Nova York, haviam construído toda uma fantasia sobre viver na igreja reformada, cercada por todos os bares legais do Lower East Side que elas adoravam frequentar. Mas aquilo era quando elas estavam em seus vinte anos. Aquele não era mais o sonho de Emily. Ela havia seguido em frente.

“Mas estou feliz aqui”, Emily disse. “Não quero voltar a Nova York”.

Houve uma longa pausa no outro lado da linha. “Você quer dizer, nunca mais?” Amy disse, por fim.

“Quero dizer, por pelo menos seis meses. Até minha poupança acabar. Então, terei que tomar outras medidas”.

“O quê, como dormir no meu sofá novamente?” A voz de Amy deixava transparecer um traço de hostilidade.

“Desculpe, Amy”, Emily disse, sentindo-se murchar. “É só que não é mais o que eu quero”.

Ela ouviu sua amiga suspirar. “Você vai mesmo ficar aí?” ela disse, por fim. “No Maine? Numa casa velha e assustadora? Sozinha?”

Emily percebeu então o quanto seu desejo de ficar era forte, como parecia completamente certo para ela. E dizer isso em voz alta para Amy tornara aquilo tudo completamente real.

Ela inspirou profundamente, sentindo-se confiante e segura pela primeira vez em anos. Então, falou apenas: “Sim. Eu vou”.

3 meses depois

Capítulo Oito

O sol da primavera se infiltrou através da cortina de Emily, acordando-a tão suavemente como um beijo. As manhãs lentas, lânguidas, eram algo de que ela cada vez mais gostava à medida que os dias se sucediam. Ela passou a gostar da calma quietude de Sunset Harbor.

Emily se espreguiçou em sua cama e deixou as pálpebras se abrirem. O quarto que já havia sido dos pais dela agora tinha a sua cara. Havia sido o primeiro cômodo que ela havia restaurado e renovado. A velha colcha comida por traças tinha sido jogada fora, substituída por uma linda coberta de retalhos de seda. O belo tapete creme tinha uma textura macia, que seus pés puderam sentir quando ela se levantou, usando um mastro da cama como apoio. As paredes ainda cheiravam a tinta fresca enquanto ela se dirigiu à cômoda, agora lixada e envernizada, e tirou um vestido floral de verão. As gavetas estavam cheias de roupas bem arrumadas; sua vida, novamente, organizada.

Emily admirou seu reflexo no espelho que ia até o chão, restaurado por um profissional a seu pedido, e então afastou as cortinas, abrindo-as completamente, deliciando-se com a maneira como a primavera havia chegado a Sunset Harbor: numa profusão de cor, azaléias, magnólias e narcisos que floresceram no terreno ao redor da casa. As árvores margeando sua propriedade agora apresentavam luxuriantes folhas verdes, e o mar que ela podia ver da janela era de um prateado brilhante. Ela abriu a janela e inspirou fundo, sentindo o sabor de sal no ar.

Quando se inclinou no parapeito, notou uma movimentação em sua visão periférica. Ela girou a cabeça para ver melhor. Era Daniel, cuidando de um dos canteiros de flores. Ele estava completamente focado na tarefa, um hábito que Emily passou a reconhecer nele ao longo dos três meses em que trabalharam juntos na casa. Quando Daniel começava alguma coisa, todo o seu foco se concentrava naquilo, e ele não parava até terminar. Era uma qualidade que Emily respeitava nele, apesar de, às vezes, ela sentir como se fosse completamente ignorada. Em várias ocasiões ao longo dos poucos meses em que trabalharam lado a lado o dia inteiro, não trocaram uma única palavra. Emily não podia imaginar o que estava se passando na mente de Daniel; ele era impossível de decifrar. O único sinal que ela tinha de que ele não sentia repulsa por ela era que ele vinha dia após dia, atendendo a seus pedidos para mover os móveis, polir o piso, envernizar madeira, renovar o estofamento de sofás. Ele ainda recusava receber qualquer pagamento, e Emily se perguntou como exatamente ele se sustentava, se passava todos os dias com ela, trabalhando de graça.

Emily se afastou da janela e saiu do quarto. O corredor do andar de cima agora estava limpo e organizado. Ela havia removido os retratos empoeirados da parede e substituído-os por uma série de imagens do excêntrico fotógrafo britânico Eadweard Muybridge, cujas fotos tinham como propósito capturar o movimento. Ela escolheu a série de mulheres dançando porque, para ela, eram incrivelmente belas, o momento de transitoriedade, o movimento, era como poesia para seus olhos. O papel de parede com manchas de dedos também havia sido retirado e Emily pintara o corredor de um branco vivo.

Ela desceu as escadas trotando, sentindo cada vez mais que este era seu lar. Aqueles anos em que havia entrado de penetra na vida de Ben pareciam agora estar, subitamente, muito

distantes, no passado. Parecia, para Emily, que era ali onde ela sempre deveria ter estado.

Seu celular se encontrava, como sempre, sobre a mesa, ao lado da porta. Finalmente, ela tinha algo parecido como uma rotina – acordar devagar, vestir-se, conferir seu celular. Com a chegada da primavera, ela tinha uma atividade diária, que era ir para a cidade para tomar café da manhã antes de conferir os mercados de pulgas locais, procurando por itens que queria para a casa. Como era sábado, haveria mais lojas abertas para visitar, e ela tinha a intenção de encontrar alguns móveis hoje.

Após enviar uma mensagem de texto para Amy, Emily pegou as chaves do seu carro e saiu. Ao cruzar o terreno, ela procurou por Daniel, mas não pôde encontrá-lo. Durante os últimos três meses, a presença dele havia se tornado outra fonte de estabilidade para ela. Às vezes, parecia que ele sempre estava lá, bastava esticar um braço para tocá-lo.

Emily entrou no carro – que ela finalmente havia mandado consertar – e fez o curto trajeto até a cidade, passando por uma charrete puxada por um cavalo branco no caminho. Passeios de pônei eram uma das atividades turísticas de Sunset Harbor – Emily ainda podia se lembrar de passear nas charretes quando era criança – e sua presença indicava que a cidade havia finalmente acordado de sua longa hibernação invernal. Enquanto dirigia, notou que uma nova lanchonete havia aparecido na rua principal. Um pouco mais à frente na estrada, ela notou que o bar e clube de comédia ficava aberto por cada vez mais horas. Ela nunca havia visto um lugar se transformar tão completamente diante de seus olhos. O novo agito lembrava-lhe das férias de verão de sua infância mais do que qualquer outro momento até agora.

Emily parou num pequeno estacionamento ao lado do porto. Ele estava se enchendo rapidamente com barcos, seus mastros se elevando para cima e para baixo no mar calmo. Emily observou-os com um senso renovado de paz. Realmente parecia que sua vida estava apenas começando. Pela primeira vez em muito tempo, ela vislumbrou um futuro para si que realmente desejava: viver naquela casa, torná-la linda, estar contente e feliz. Mas ela sabia que não duraria para sempre. Só tinha dinheiro para se sustentar por mais três meses. Sem querer que sua vida de sonho terminasse tão cedo, Emily tomou a decisão de vender algumas das antiguidades da casa. Até agora, ela havia apenas se separado dos que não se encaixavam no seu projeto de decoração, mas até vender essas peças era agonizante para ela, como se estivesse jogando fora uma parte de seu pai.

Emily comprou um café e um bagel na nova lanchonete, e então se aventurou pelo mercado de pulgas coberto do Rico. Era o mesmo lugar que seu pai costumava visitar a cada verão. Rico, seu proprietário idoso, ainda era dono do lugar. Emily estava grata dele não tê-la reconhecido no primeiro sábado em que visitou a loja (por causa de seus problemas de visão e memória cada vez mais fraca), porque havia dado a ela a oportunidade de se apresentar de maneira realmente nova, de conhecê-lo em seus próprios termos, ao invés de com a sombra da presença de seu pai pairando sobre ela.

“Bom dia, Rico”, ela falou enquanto entrava da loja escura.

“Quem é?” uma voz ecoou de algum lugar na escuridão.

“É Emily”.

“Ah, Emily, bem-vinda de volta”.

Emily sabia que ele apenas fingia lembrar-se dela toda vez que vinha até a loja, que sua memória entre cada uma das suas visitas se apagava, e não podia deixar de notar a ironia no fato da pessoa que mais simpatizava com ela em Sunset Harbor só fazer isso porque não podia lembrar-se completamente de quem ela era.

“Sim, da casa grande na Rua Oeste, vim aqui apenas para pegar aquele conjunto de cadeiras”, ela respondeu, olhando ao seu redor, procurando pelo homem.

Finalmente, ele apareceu detrás do balcão. “É claro, sim, tenho escrito aqui”. Ele colocou seus óculos sobre o nariz fino e começou a vasculhar no livro sobre a mesa, procurando pelas anotações que lhe diziam que ela era realmente Emily, e que ele tinha mesmo vendido a ela seis cadeiras para a mesa de jantar. Emily havia ficado sabendo, depois de sua primeira visita à loja (ocasião em que, depois de reservar um grande tapete, descobriu, quando veio buscá-lo, que ele fora vendido), que, se Rico não escrevesse alguma coisa, seria como se nunca tivesse acontecido.

“Isso mesmo”, ele acrescentou. “Seis cadeiras para a mesa de jantar. Emily. Nove da manhã, sábado, doze. É hoje, não é?”

“É hoje”, ela respondeu, com um sorriso. “Vou pegá-las lá atrás, posso?”

“Ah, sim, ah, sim, confio em você, Emily, você é uma cliente importante para nós”.

Ela sorriu enquanto se dirigia para os fundos da loja. Não conhecia o designer das cadeiras, só que, no segundo em que as havia visto, soube que eram perfeitas para a sala de jantar. Em alguns aspectos, elas se pareciam com cadeiras tradicionais — madeira, quatro pernas, um encosto, um assento — mas haviam sido feitas de uma forma um tanto peculiar, com os encostos mais altos que a cadeira comum. Sua cor preta era elegante, o que combinaria perfeitamente com o novo esquema monocromático que Emily havia escolhido para aquele cômodo. Vê-las novamente agora era animador, e ela queria levá-las para casa o quanto antes para poder ver como ficariam em seu lugar na sala.

As cadeiras eram pesadas, mas Emily descobriu que havia se tornado mais forte ao longo dos últimos meses. Todo o trabalho físico necessário para reformar a casa havia lhe dado músculos que ela nunca havia conseguido malhando na academia.

“Ótimo, obrigada, Rico”, ela disse, quando começou a arrastar as cadeiras na direção da saída. “Você virá para a minha venda de garagem mais tarde hoje? Vou vender aquelas duas mesinhas laterais Eichholtz Rubinstein, precisando de um pouco de polimento. Lembra que você disse que podia estar interessado nelas e que iria levá-las para Serena restaurar?”

Serena era uma jovem e espirituosa estudante de arte, cheia de energia, que dirigia duas horas da Universidade de Maine até a pequena cidade, a cada quinzena, só para ajudar na loja, consertando móveis. Ela sempre vestia jeans, seu longo cabelo negro solto sobre um ombro, e Emily não podia deixar de sentir inveja da calma, confiante força interior que ela possuía, mesmo sendo tão jovem. Mas porque Serena era sempre legal com Emily, apesar dos olhares desconfiados que ela tinha dado a ela no princípio, Emily agora também era simpática com ela.

“Sim, sim”, Rico respondeu vivamente, apesar de Emily ter certeza de que ele havia esquecido sobre sua venda de garagem. “Serena vai aparecer também”.

Emily observou enquanto ele rabiscava em seu caderno. “A casa antiga na Rua Oeste”, ela o

lembrou, apenas para poupá-lo do constrangimento de perguntar seu endereço. “Vejo você mais tarde!”

Emily colocou as cadeiras novas em seu porta-malas e então dirigiu de volta para casa através da cidade, se deliciando com a visão das flores primaveris, do oceano brilhando sob o sol e do céu de um tom azul claro. Quando ela estacionou na sua casa, ficou impressionada pelo quanto havia mudado. Não apenas por causa da primavera, que havia trazido cor para o lugar e feito o gramado se tornar espesso e adquirir um verde luxuriante, mas pelo sentimento de que era habitada, que era amada mais uma vez. As tábuas haviam sido totalmente retiradas, e as janelas agora estavam limpas e recém-pintadas.

Daniel já havia arrumado sobre a grama tudo que ela planejava vender hoje. Havia tantas coisas que pareciam lixo para ela, mas, após pesquisar no Google, descobriu que eram um tesouro para outra pessoa. Ela havia catalogado todos os itens que não queria manter na casa, e então havia checado na internet para descobrir seu valor real antes de postar no *Craigslist* o que iria vender. Ela havia ficado chocada ao receber uma mensagem de uma mulher em Montreal que estava vindo até lá apenas para comprar uma pilha de livros de TinTin.

Durante aquelas noites, enquanto Emily havia categorizado o conteúdo da casa, ela havia começado a compreender por que seu pai gostava tanto deste estranho passatempo. A história das peças, as histórias que elas carregavam consigo, tudo se tornara muito fascinante para Emily. A alegria de descobrir uma antiguidade em meio ao lixo dava uma sensação que ela nunca havia sentido antes.

Isso não significava que não haviam existido algumas decepções ao longo do caminho. Uma harpa grega antiga que Daniel havia desenterrado no salão de baile e que Emily avaliara em trinta mil dólares, estava, infelizmente, em tão mau estado que o especialista em consertos de harpas disse que nunca mais poderia ser tocada. Mas ele lhe deu o número de um museu local que aceitava doações, e Emily se emocionou ao descobrir que eles colocariam uma placa informando que a peça havia sido doada pelo seu pai. Foi uma forma de manter a memória dele viva.

Olhar para o jardim repleto de coisas encheu Emily de uma mistura de tristeza e esperança; ela estava triste por dizer adeus a alguns dos itens com os quais seu pai havia entulhado a casa, mas também tinha esperança pela nova casa e como ela ficaria um dia. De repente, o futuro parecia promissor.

“Voltei”, ela gritou, enquanto levava as cadeiras para dentro da casa.

“Estou aqui!” Daniel replicou, sua voz vindo do salão de baile.

Emily pôs as cadeiras no hall e foi encontrá-lo. “Você adiantou muita coisa levando aqueles móveis para o jardim”, ela falou alto enquanto caminhava através da sala de jantar e passava pela porta secreta para o salão de baile. “Posso ajudar com alguma coisa?”

Quando ela entrou no salão de baile, ela parou, sua voz subitamente incapaz de sair de sua garganta. Daniel estava usando uma regata branca e exibindo músculos que ela havia apenas imaginado até agora. Era a primeira vez que vislumbrava um pouco de seu físico e a visão a havia deixado sem palavras.

“Sim”, ele disse, “você pode pegar a outra ponta desta estante e me ajudar a carregá-la lá

para fora. Emily?” Ele olhou para ela e franziu a testa.

Ela percebeu que estava de queixo caído e fechou a boca; em seguida, voltou a si. “Claro. É claro”.

Ela foi até onde ele estava, incapaz de manter contato visual, e pegou sua ponta da estante.

Mas não podia impedir seu olhar de deslizar para os braços musculosos de Daniel enquanto se contraíam com o peso da estante, quando ele se endireitou.

Emily sabia que se sentia atraída por Daniel, aceitava que tinha se sentido assim desde a primeira vez que se viram, mas ele continuava envolto em mistério. Na verdade, ele era mais misterioso agora, porque havia passado tanto tempo na companhia dela sem revelar muito sobre si mesmo. Tudo que ela sabia era que havia algo que ele queria manter escondido, algum tipo de escuridão ou trauma, algum tipo de segredo do qual fugia e que o impedia de se aproximar. Emily sabia bem como era fugir de um passado traumático, então, nunca forçava as coisas. E ela tinha muito com o que lidar ao desenterrar os segredos da casa para sequer começar a descobrir como desenterrar os segredos de Daniel. Então, deixou sua atração em fogo lento, sob a superfície, esperando que não fosse ferver, transbordar, e dar início a uma reação em cadeia para a qual nenhum dos dois estava preparado.

*

Os primeiros clientes começaram a chegar logo após o meio-dia, enquanto Daniel e Emily estavam sentados em cadeiras dobráveis, bebendo limonada. Emily notou Serena entre eles imediatamente.

“Ei!” Serena chamou, acenando, antes de se inclinar na direção de Emily e a saudar com um abraço.

“Você veio por causa das mesinhas laterais, não foi?” Emily replicou ao se afastar, sentindo-se um pouco desconfortável com a intimidade física que Serena parecia tão hábil em iniciar. “Estão daquele lado, venha comigo, vou pegá-las para você”.

Serena acompanhou Emily pelo labirinto de móveis espalhado sobre a grama. “É seu namorado?” ela perguntou enquanto caminhavam, voltando-se para olhar para Daniel. “Porque, se você não se importa que eu diga, ele é um gato!”

Emily riu e olhou sobre o ombro também. Daniel estava falando com Karen, do mercado, ainda usando a regata branca, o sol da primavera dançando sobre seus bíceps.

“Ele não é, não”, ela disse.

“Não é gostoso?” Serena gritou. “Menina, você está cega?”

Emily balançou a cabeça e riu. “Quis dizer que ele não é meu namorado”, ela corrigiu.

“Mas ele é um gato”, Serena implorou. “Sabe, você *pode* dizer isso em voz alta”.

Emily sorriu. Serena deve pensar que ela era uma puritana.

Elas caminharam até as duas mesas que Serena havia vindo buscar. A mulher mais nova se acorou para examiná-las, jogando seu cabelo negro sobre um ombro, revelando a pele cor de caramelo, bronzeada, sob ele. Ela era linda daquela forma que só mulheres jovens podem ser – com um brilho e firmeza que nenhuma maquiagem pode recriar.

“Você está pensando em dar em cima dele?” Serena perguntou, olhando novamente para Emily.

Emily quase perde o fôlego. “Dar em cima de Daniel?”

“Por que não?” Serena disse. “Porque se você não vai, eu vou!”

Emily congelou, subitamente se sentindo com frio, apesar do sol da primavera. O pensamento da linda, jovem e alegre Serena com Daniel a fez sentir um ciúme tão forte que a pegou de surpresa. Ela podia imaginar que ele se apaixonaria por ela rapidamente, porque... como não? Como um homem de 35 poderia resistir a uma mulher jovem como Serena? Estava praticamente escrito no DNA deles.

Subitamente, Serena uniu as sobrancelhas e sorriu para Emily. “Estou brincando! Uau, você devia ver sua cara, parecia que alguém tinha morrido!”

Emily não pôde deixar de se sentir um pouco irritada com Serena por brincar com ela. Brincadeiras eram outra coisa de que só os mais jovens e despreocupados poderiam participar. Mas para os mais rodados, como ela, eram algo difícil de apreciar.

“Por que você brincaria sobre isso?” Emily perguntou, tentando esconder seu descontentamento.

“Queria ver sua cara quando o dissesse”, Serena replicou. “Para ver se você estava a fim dele ou não. E você está, aliás, e deveria mesmo fazer algo a respeito. Você sabe que um cara lindo *daquele jeito* não vai ficar solteiro por muito tempo”.

Emily levantou uma sobrancelha e meneou a cabeça. Serena era jovem demais para entender o quão complicadas as coisas poderiam se tornar entre duas pessoas, ou saber sobre a bagagem emocional que pesava nos ombros à medida que ficamos mais velhos.

“Ei”, Serena disse, olhando ao longe. “Você já teve a chance de dar uma olhada no celeiro? Aposto que tem uma tonelada de coisas legais lá dentro”.

Emily olhou atrás dela. Bem mais afastado, o celeiro de madeira se elevava nas sombras, solitário e esquecido. Ela ainda não tinha tido a chance de explorar os prédios anexos. Daniel havia lhe falado sobre as estufas e como ele queria restaurá-las para cultivar flores para vender, mas era muito caro. O celeiro e outros anexos, entretanto, ele não havia mencionado, e ela tinha simplesmente se esquecido deles.

“Ainda não”, falou, voltando-se para Serena. “Mas avisarei se encontrar alguma coisa que você ou Rico pudessem gostar”.

“Maravilha”. Serena disse, recuando lentamente de costas, uma mesinha em cada braço. “Obrigada pelas mesas. E não se esqueça de se mexer em relação ao Sr. Coisa Boa. Você ainda é jovem!”

Emily revirou os olhos e riu para si mesma enquanto observava a mulher mais nova afastando-se com sua desenvoltura absoluta. Ela havia sido assim tão confiante no início de seus vinte anos? Se sim, não podia lembrar. Amy sempre havia sido a confiante das duas; Emily, a mais tímida. Talvez por ser tímida ela sempre terminasse em relacionamentos tão terríveis, e talvez fosse a causa dela ter perdido tanto tempo com Ben: devido ao medo de não ser capaz de encontrar outra pessoa, da angústia de passar por aquele desconforto estranho de conhecer alguém novo.

Emily levantou os olhos para Daniel, observando a maneira como ele falava com os clientes, seus gestos cautelosos, e a maneira como ele se tornava tão rapidamente perdido em seu próprio mundo no momento em que ficava sozinho novamente. Pela primeira vez desde que o conheceu, Emily reconheceu algo de si mesma em Daniel. E era algo que a fez querer conhecê-lo melhor.

*

O interesse de Serena pelo celeiro havia acendido a curiosidade de Emily. Mais tarde naquela noite, depois que a venda de garagem havia se encerrado, ela se aventurou na direção dos anexos. Sob a luz cada vez mais fraca do fim do dia, o terreno ao redor da casa parecia ainda mais lindo, e a dedicação com que Daniel havia cuidado dele se tornava ainda mais aparente. Ele havia mantido uma roseira que vinha crescendo no jardim desde a infância de Emily.

Quando passou pela estufa quebrada, ela teve uma súbita lembrança, de brilhantes tomates vermelhos crescendo em vasos, de sua mãe segurando um regador cinza, usando um grande chapéu de verão. Na época, havia macieiras e pereiras por trás das estufas. Talvez Emily plantasse algumas novamente, um dia.

Ela passou pelas estufas quebradas e foi até o celeiro. A porta estava fechada com um cadeado. Emily segurou o cadeado enferrujado em sua mão, tentando recuperar alguma lembrança sobre o celeiro. Mas ela não tinha nenhuma. Como o salão de baile escondido, o celeiro era um segredo que ela nunca havia pensado em explorar quando criança.

Ela soltou o cadeado – ele retornou ao seu lugar com um som metálico abafado – e então caminhou ao lado do celeiro para ver se havia outra entrada. A pequena janela suja estava quebrada, mas o espaço não era grande o bastante para que ela pudesse passar. Então, notou um remendo; uma das tábuas havia se quebrado ou sucumbido à ferrugem e uma placa fina de compensado havia sido pregada sobre ela – uma medida temporária que nunca fora revisitada. Emily podia imaginar seu pai lá, martelo na mão, cobrindo o buraco com um pedaço de compensado, pensando que voltaria para fazer um trabalho melhor no dia seguinte. Só que isso nunca aconteceu. Pouco tempo depois de consertar o dano no celeiro, ele havia decidido partir e nunca mais voltar.

Emily suspirou profundamente, frustrada com a intrusão de uma lembrança imaginária. Ela já tinha angústia real suficiente com a qual lidar; não podia se envolver com uma dor falsa também.

Com algumas manobras, Emily foi capaz de puxar o compensado, revelando um buraco maior do que ela esperava. Passou por ele facilmente e se encontrou de pé no celeiro escuro. Havia um cheiro estranho no ar, que Emily não conseguiu identificar. Mas ela conseguia perceber o ambiente ao seu redor. O celeiro havia sido transformado numa sala escura improvisada, um lugar em que fotos eram reveladas. Ela tentou se lembrar se esse era um hobby do seu pai, mas não conseguia lembrar. Ele gostava de tirar fotos da família, disse ela

lembrava, mas nunca a ponto de fazê-lo querer instalar uma sala escura inteira com esse fim.

Emily caminhou até a grande e longa mesa, onde diferentes bandejas estavam alinhadas, lado a lado. Ela havia visto filmes o bastante para saber que ali era onde os fluidos de revelação seriam colocados. Então, havia um varal pendendo acima da mesa, ainda com pegadores, para quando as fotos fossem penduradas para secar. A coisa toda parecia muito curiosa para Emily.

Ela caminhou pelo celeiro para ver se havia outras coisas interessantes dentro dele. A princípio, havia muito pouco para se notar. Apenas frascos de fluido de revelação, velhas latas para rolos de filme, longas lentes e câmeras quebradas. Então, ela encontrou uma porta, que também estava trancada com um cadeado. Emily se perguntou aonde ela levava e o que estava atrás dela. Olhou ao redor, procurando uma chave, mas não encontrou nenhuma. Em sua busca, ela descobriu uma caixa cheia de álbuns de fotos, todos empilhados ao acaso, um sobre o outro. Ela pegou o primeiro, soprou a poeira da capa e o abriu.

A primeira foto era em preto e branco, um close-up extremo do mostrador de um relógio. A seguinte, também preto e branco, mostrava uma janela quebrada e uma teia de aranha sobre ela. Emily virou cada página, surpresa com as fotos. Elas não pareciam ter sido tiradas por um profissional, mas por um amador, só que expressavam uma melancolia que parecia revelar o estado de espírito do fotógrafo. De fato, à medida que ela estudava cada imagem, sentia como se estivesse olhando para o interior da mente do fotógrafo, ao invés de analisando os temas que ele havia escolhido capturar. As fotos lhe davam uma sensação quase claustrofóbica – ainda que ela estivesse num grande celeiro – e profundamente triste.

De repente, Emily ouviu um barulho atrás de si. Ela se virou, o coração aos pulos, e deixou o álbum cair aos seus pés. Lá, parado no buraco através do qual ela também havia entrado no celeiro, estava um pequeno cão da raça Terrier. Claramente, ele era um cão de rua, com os pelos emaranhados e descuidados, e ele permaneceu parado lá, olhando para ela, surpreso de ver alguém em seu pedaço.

Isso explica o cheiro, Emily pensou.

Ela se perguntou se Daniel sabia sobre o cão de rua, se o havia visto perambular pelo terreno. Decidiu perguntá-lo sobre isso no dia seguinte, no segundo dia da venda de garagem – assim como sobre a descoberta da sala escura — e percebeu que se sentiu animada em saber que teria uma razão para falar com ele.

“Tudo bem”, ela disse em voz alta para o cão. “Já estou indo embora”.

Ele inclinou a cabeça de lado, como se entendesse o que dizia. Ela pegou o álbum de fotos para colocá-lo de volta na caixa, e então viu que uma das fotos havia caído de entre as páginas. Ela a pegou e viu que era uma foto de uma festa de aniversário. Crianças pequenas estavam sentadas ao redor de uma mesa e havia um imenso bolo rosa no formato de um castelo no centro. De repente, Emily percebeu do que se tratava – era uma foto do aniversário de Charlotte. O quinto aniversário de Charlotte. O último aniversário de Charlotte.

Emily sentiu as lágrimas alfinetarem seus olhos. Ela segurou a foto com força em suas mãos trêmulas. Ela não tinha lembranças reais do último aniversário de Charlotte, assim como tinha poucas lembranças de Charlotte em si. Era como se sua vida tivesse sido dividida em duas – a

primeira parte era sua vida quando a irmã estava viva, e a segunda era a vida após sua morte, a parte em que todo mundo se separou, em que o casamento dos seus pais finalmente desmoronou após a pressão de seus silêncios se tornar pesada demais, e o *gran finale* em que seu pai desapareceu da face da terra. Mas tudo aquilo havia acontecido com Emily Jane, não com Emily, não com a mulher que ela havia decidido se tornar, a pessoa que ela havia conseguido fazer emergir das ruínas de sua antiga vida. Olhando para a foto agora, para a evidência da vida com Charlotte, Emily se sentiu mais próxima que nunca da criança que havia deixado para trás.

O cão latiu, e ela se voltou bruscamente na direção dele. “Certo”, ela disse, “entendi, estou indo”.

Ao invés de devolver o álbum de fotos para a caixa, Emily pegou tudo nos braços, notando, ao fazer isso, que a caixa de baixo também estava cheia de fotos, e então arrastou-se pelo celeiro, espremendo-se para fora pelo buraco. Sua mente estava prestes a explodir com tantos pensamentos. O salão de baile escondido, a sala escura secreta, a porta trancada no celeiro, a caixa cheia de fotos... que outros segredos esta velha casa escondia?

Capítulo Nove

Enquanto corria de volta para a casa, os braços carregados de álbuns de fotos, Emily estava bem ciente dos sons de marteladas e da furadeira vindo do salão de baile. Isso significava que, apesar da hora avançada, Daniel ainda estava dentro da casa, pendurando molduras e espelhos para ela. Ele vinha trabalhando cada vez mais tarde da noite, algumas vezes até meia-noite, e Emily havia começado a imaginar que ele estava fazendo isso para estar perto dela, para manter um senso de proximidade, como se esperasse pelo momento em que ela trouxesse uma xícara de chá para ele, e ela ansiava tanto por isso quanto ele. Era por volta desta hora da noite, depois de ter terminado de organizar a casa e pôr tudo em ordem, que ela geralmente aparecia e perguntava como ia o trabalho dele. Ele esperava que ela fizesse isso esta noite também.

Mas, naquele momento, a mente dela estava distante. Na verdade, ver Daniel era a última coisa que queria fazer. Ela havia sido sacudida pela foto de Charlotte, pela descoberta da sala escura, mas tornou-se unicamente focada no que queria fazer em seguida, no que ela *precisava* fazer, no momento. Finalmente.

Porque havia cômodos dentro da casa em que Emily ainda não havia entrado – cômodos que ela vinha evitando deliberadamente. Um deles era o escritório do seu pai, e era para lá que ela estava se dirigindo agora. Mesmo após meses vivendo na casa, a porta para seu escritório havia sido mantida bem fechada. Ela não quis perturbá-lo. Ou, provavelmente, não quis libertar os segredos que ele continha, fossem quais fossem.

Mas agora Emily sentia como se coisas demais tivessem permanecido escondidas, por tempo demais. Os mistérios em sua família estavam consumindo-a. Ela havia deixado os silêncios, as coisas não-ditas, tomarem conta de sua mente. Ninguém em sua família nunca havia falado sobre nada – sobre a morte de Charlotte, sobre o subsequente colapso de sua mãe, sobre o divórcio iminente dos seus pais, que se tornava mais próximo a cada ano que se passava. Eles eram covardes – deixando suas feridas infeccionarem ao invés de agir. Sua mãe e seu pai eram iguais, deixando tanto por falar, deixando as feridas gangrenarem até que a única coisa a fazer era amputar o membro.

Amputar o membro, Emily pensou.

Foi exatamente isso que o pai dela fez, não foi? Ele havia amputado sua família inteira, havia fugido do problema sobre o qual foi incapaz de falar. Ele havia se afastado de todos por causa de algum obstáculo, alguma barreira, que ele julgou insuperável. Emily não queria passar sua vida inteira entre suposições. Ela queria respostas. E sabia que as encontraria naquele escritório.

Ela deixou cair a caixa de fotos nos degraus da escada antes de subir, dois de cada vez. Sua mente estava frenética enquanto caminhava, determinada, ao longo do corredor do andar de cima. Até que chegou à porta do escritório de seu pai, onde parou. A porta era feita de madeira escura envernizada. Emily lembrava de ficar olhando para ela de baixo para cima, quando era mais nova. Na época, parecia imponente, quase ameaçadora, uma porta através da qual seu pai desaparecia como se tivesse sido engolido, para emergir apenas horas depois. Ela nunca tinha permissão para perturbá-lo e, apesar de sua curiosidade quando criança, sempre obedeceu às

regras, e nunca entrou. Ela não sabia por que aquele cômodo lhe era proibido. Não sabia por que seu pai desaparecia dentro dele. Sua mãe não dizia nada, e, com o passar dos anos, quando ela entrou na adolescência, havia adotado uma atitude do tipo “tô-nem-aí” sobre o lugar, envolvendo suas perguntas não respondidas num manto de silêncio.

Ela tentou girar a maçaneta e ficou surpresa ao descobrir que estava destrancada. Ela achava que o escritório estaria fechado, que ele ofereceria algum tipo de resistência à sua intrusão. Então, foi um choque para perceber que podia simplesmente pisar num lugar no qual ela nunca havia posto os pés antes.

Ela hesitou, quase como se esperasse sua mãe aparecer e ralhar com ela. Mas, é claro, ninguém veio; então, Emily respirou fundo e empurrou a porta para abri-la. Ela se abriu rangendo.

Emily olhou para um cômodo de sombras. Dentro, viu uma grande mesa, arquivos e estantes de livros. Diferente do resto da casa, o escritório de seu pai estava arrumado. Ele não o havia enchido de objetos ou obras de arte, ou fotos; não havia tapetes que não combinavam sobre o chão, porque ele não podia decidir qual comprar. Na verdade, de todos os cômodos da casa em que Emily havia estado, este era o que menos parecia com seu pai. A incoerência era desconcertante.

Emily deu mais alguns passos. Havia o cheiro familiar de poeira e mofo no ar, o mesmo cheiro que havia permeado a casa toda quando ela chegou. Teias de aranha pendiam do teto, entre a lâmpada e sua cúpula. Ela se moveu com cuidado, sem querer perturbar nenhum animal rastejante à espreita.

Após entrar completamente no cômodo, Emily não sabia por onde começar. Na verdade, ela nem mesmo sabia pelo que exatamente estava procurando. Tinha só a sensação de que saberia assim que visse, que os mistérios de sua família estavam escondidos em algum lugar nesta sala.

Ela se dirigiu ao armário e começou a procurar dentro da primeira gaveta, acreditando ser um bom lugar para começar, como qualquer outro. Entre os papéis de seu pai, ela encontrou a escritura da casa, a certidão de casamento deles e o processo de divórcio iniciado por sua mãe. Achou também uma receita médica para Sertralina, um antidepressivo. Ela não ficou nem um pouco surpresa ao saber que seu pai estava sob medicação – a morte de uma filha poderia enviar qualquer pessoa para uma depressão em espiral. Mas nada ajudava a explicar o desaparecimento dele.

Após ter procurado no armário e examinado os papéis que ele continha, Emily se dirigiu para a escrivaninha, para olhar nas gavetas. A primeira que tentou abrir estava trancada, e Emily murmurou um leve *a-ha* em voz baixa. Ela estava prestes a chamar Daniel para ver se ele podia arrombar a gaveta, quando sua atenção foi atraída para um pequeno cofre no canto da sala. Imediatamente, Emily foi tomada pela nítida sensação de que o que havia em seu interior responderia a todas as perguntas que ardiam em sua mente.

Ela abandonou a gaveta e correu para lá, ajoelhando-se ao lado do cofre de aço verde-escuro. Estava trancado com um cadeado que exigia uma combinação, ao invés de uma chave. Com dedos trêmulos, Emily girou os pequenos mostradores prateados, tentando primeiro o

aniversário de seu pai. Mas a combinação não era a correta e o cadeado não se moveu. Então, uma voz suave em sua mente lhe disse que o aniversário de Charlotte certamente seria a combinação certa para abrir o cadeado. Afinal, Charlotte havia sido a filha favorita do seu pai. Mas quando ela inseriu os números, descobriu que não funcionavam também. Como uma última tentativa, Emily girou os números até ver seu próprio aniversário na sua frente. Quando ela pressionou o cadeado, ficou surpresa ao descobrir que ele se abriu.

Emily ficou parada ali, atônita. Ela sempre havia se culpado por seu pai ter ido embora (como toda criança inevitavelmente faz quando um pai ou mãe some de sua vida), porque pensava que não era como Charlotte, que Charlotte havia sido a filha favorita de seu pai e que perdê-la havia sido seu maior sofrimento; sua segunda grande dor era o fato de Emily não ser uma substituta à altura da irmã. E aquelas fotos de Charlotte que ela havia encontrado pela casa, a maneira como elas haviam literalmente caído de sua estrutura, como se tivessem sido costuradas no tecido que a compõe, havia apenas confirmado essa crença, há muito mantida. Mas agora Emily estava sendo subitamente confrontada com uma nova realidade. *Seu* aniversário era a combinação para acessar o cofre. Seu pai o havia escolhido, especificamente. Porque o que havia dentro era apenas para ser visto por seus olhos? Ou porque seu pai a amava tanto quanto amava Charlotte?

A mão de Emily tremia quando ela tirou o cadeado da porta do cofre. Então, ela puxou a porta, que se abriu com um longo guincho.

Emily enfiou a mão no desconhecido, apalpando o interior do cofre. Ela sentiu um pouco de tecido, como se fosse veludo, e o puxou. Olhou para sua mão e viu que estava segurando uma pequena bolsa vermelho-escura amarrada com uma fita vermelha ainda mais escura. Era pesada, e Emily franziu o cenho. Desfez o nó da fita e abriu a bolsa. Um cordão de pérolas caiu em sua mão, conectadas por um fino fio branco. Emily reconheceu o colar imediatamente. Há vários anos, quando ela e Charlotte estavam encenando uma de suas peças de pirata para seus pais, ela havia representado o papel de uma princesa raptada. Havia usado o colar de pérolas e seu pai, ao vê-lo, ficou muito irritado e exigiu que ela o tirasse. Emily chorou, sua mãe gritou com seu pai por sua reação exagerada, e o colar havia desaparecido, para nunca mais ser visto.

Vários dias se passaram até que ele pudesse se acalmar o bastante para explicar a ela que o colar havia pertencido à mãe dele. Só muitos anos mais tarde ela entendeu por que ele tinha um valor sentimental tão grande; era o único objeto de sua mãe que não havia sido penhorado para pagar pela educação do filho. Eles nunca mais falaram do colar novamente e Emily nunca mais o viu, apesar de pensar sobre ele com frequência.

Agora, Emily olhava para o colar em sua mão, sentindo-se um pouco desapontada. Um colar de pérolas não respondia exatamente os segredos de sua família ou explicava o mistério do desaparecimento do seu pai. E doía pensar que ele havia achado que a única maneira de manter seu objeto mais valioso longe de uma menina de cinco anos curiosa e de mão leve era trancando-o num *cofre*. A menos que o colar valesse algo e ele o houvesse escondido para ter certeza de que sua mãe não poderia penhorá-lo depois que ele fosse embora? Porque ele iria voltar para buscá-lo um dia? Ou porque ele queria garantir que fosse parar nas mãos de Emily, como um tipo de pedido de desculpas para a versão dela mesma com cinco anos de idade? E se

ele havia escolhido sua data de aniversário como senha do cadeado como uma dica? Não havia como saber com certeza, sem seu pai aqui para explicar tudo a ela.

Emily brincou com as pérolas com as pontas dos dedos. Ela se sentia como uma criança mimada por ter ficado triste por causa delas; se seu pai as havia escondido especificamente para ela, devia se sentir grata. Mas é que ela esperava que, dentro do cofre, estariam as informações de que tão desesperadamente precisava. Que a peça final do quebra-cabeça estaria dentro dele.

Ela suspirou e já ia fechar a porta do cofre novamente quando notou mais alguma coisa, escondida nas sombras, bem no fundo. Enfiou a mão dentro e segurou o objeto. Puxando-o para fora, descobriu que estava segurando um chaveiro, repleto de chaves.

Emily ficou olhando para o chaveiro em sua mão, seu coração aos pulos com a descoberta. O que poderia ter impelido seu pai a esconder suas chaves num cofre? Que segredos ele mantinha, tão ruins a ponto de ter que trancafiar as chaves?

Havia pelo menos vinte chaves no chaveiro e Emily olhou para cada uma delas individualmente, perguntando-se quais portas abririam. Então, lembrou-se da escrivaninha, e da gaveta que encontrou fechada. Correu até ela e tentou cada uma das chaves, até que uma serviu. Então, subitamente, ela ouviu um clique.

Era isso. Ela conseguiu. Finalmente, havia encontrado o que quer que seu pai havia escondido tão bem e por tantos anos da família.

Ela deu uma olhada na gaveta. Continha apenas isto: um único envelope branco. Em uma bela caligrafia, que Emily reconheceu instantaneamente como sendo do pai dela, uma palavra estava escrita em tinta azul desbotada.

Emily.

Emily gelou ao perceber que seu pai havia escrito uma carta para ela, mas nunca havia lido. Que ele a havia escondido numa gaveta fechada, e ainda trancado a chave num cofre. Emily tinha a nítida impressão de que o conteúdo daquela carta mudaria tudo.

Mas antes que Emily tivesse a chance de abri-la, a campainha soou de repente. Ela deu um grande pulo e quase gritou. Era perto da meia-noite. Quem poderia ser àquela hora?

*

Emily enfiou a carta no bolso, levantou-se de um salto e saiu voando pelo corredor. No topo da escada, viu que Daniel havia se antecipado e já estava na porta, que estava aberta, e lá, sobre o batente, havia um homem baixo, corpulento, vestido como se tivesse acabado de vir de um campo de golfe.

“Oiê”, ele disse a Daniel, sua voz flutuando pela escada e subindo na direção de Emily. “Desculpe pela visita a esta hora. Eu sou Trevor Mann, seu vizinho. Moro no terreno de 40 hectares atrás de você e vou ficar apenas durante a alta temporada”.

Ele estendeu uma mão para Daniel, que apenas olhou para ela. “Esta casa não é minha”, ele disse. “Não é a minha mão que você precisa apertar”.

Emily sentiu um pequeno sorriso surgir em seus lábios quando Daniel se virou e, com um gesto, apontou para ela, que estava de pé, no topo da escada. Ela desceu os degraus e apertou a mão do Sr. Mann com firmeza, para garantir que ele sabia quem mandava.

“Eu sou Emily Mitchell. É um prazer conhecê-lo”.

“Ah”, Trevor disse, simpático como sempre. “Desculpe pelo engano. De toda forma, eu não vou me demorar, sei que já é tarde. Só queria que você soubesse que estou de olho em seu terreno e espero adquiri-lo até o final do verão”.

Emily ficou pasma, confundida pelas palavras dele. “Desculpe, o que disse?”

“Seu terreno. Estou de olho nele nos últimos vinte anos. Quero dizer, eu sei que já tenho 40 hectares, enquanto você tem meros dois, mas você tem vista para o mar, o que significa que possui um dos últimos lotes *premium*, à beira-mar. Completaria meu terreno se pudesse comprá-lo. Este é o seu momento de faturar”.

“Eu não compreendo”, Emily disse.

“Não? Ainda estou falando em francês?” Ele gargalhou, como se tivesse feito a piada mais engraçada do mundo. “Quero comprar seu terreno, Senhorita Mitchell. Veja, o estado da casa é irregular e o proprietário nunca aparece. Mas notei que havia luzes acesas e perguntei a algumas pessoas na cidade. Foi Karen, do mercado, quem me contou que alguém estava ocupando a casa novamente”.

Emily e Daniel trocaram um breve olhar de surpresa.

“Mas não está à venda”, Emily disse, sua voz soando atônita. “Esta é a casa do meu pai. Eu a herdei”.

“Herdou?” Trevor disse, seu tom ainda amigável, de uma maneira que não parecia combinar com as palavras que ele dizia. “Roy Mitchell não está morto, está?”

“Bem, não, eu não sei, ele...” Emily gaguejou. “É complicado”.

“Ele é uma pessoa desaparecida, até onde eu entendo”, Trevor disse. “O que significa que a casa está num tipo de limbo legal. Os impostos estão atrasados há anos. Há todo tipo de irregularidade relacionada a esta casa”. Ele riu. “Suponho, pela sua expressão pálida, que você não sabia disso”.

Emily balançou a cabeça, confusa e frustrada pela intromissão de Trevor em sua vida, em meio a todo o drama desta noite, enquanto a carta de seu pai queimava no seu bolso de trás. “O terreno não está à venda. Esta era a casa do meu pai e eu tenho todo o direito de estar aqui”.

“Na verdade”, Trevor disse, “não tem. Esqueci de lhe dizer que faço parte do conselho municipal de zoneamento. Eu, Karen e um monte de outras pessoas que não gostou muito de sua chegada na cidade. Eu assumi o compromisso – é meu dever de vizinho – de informá-la que, devido ao não pagamento dos impostos atrasados, tecnicamente, a casa pertence à cidade. Além disso, foi declarada inabitável há anos, então, se você quer morar aqui, vai precisar de uma nova licença. É ilegal morar aqui no momento, você compreende?”

Emily franziu o cenho. Ela percebeu que, a cada passo de sua vida, havia pessoas querendo submetê-la, dizer a ela o que *não* podia fazer – fossem chefes, namorados ou vizinhos rudes, eram todos iguais. Todos buscando ser uma autoridade em sua cabeça, impedi-la de realizar seus sonhos, pô-la para baixo.

Mas ela não queria mais saber de autoridades em sua vida.

“Pode ser”, replicou, por fim, “mas isso ainda não torna a casa do meu pai sua casa, ou torna?” Ela falou, com um sorriso igualmente de aço, um sorriso largo. Sua expressão, como a dele, não combinava em nada com o veneno destilado em sua voz.

A máscara de Trevor finalmente caiu — junto com o sorriso dele.

“Nossa cidade pode reivindicar sua casa e leiloá-la”, ele insistiu. “E aí, eu poderei comprar esta propriedade”.

“Então, por que não faz isso?” ela blefou.

A expressão dele se fechou ainda mais.

“Legalmente”, ele falou, pigarreando, “seria muito mais simples comprá-la de você. Esse tipo de situação legal poderia se arrastar por anos. E, como eu disse, é uma área confusa. Nunca aconteceu nada do tipo em nossa cidade”.

“É uma pena para você”, ela replicou.

Ele a olhou de volta, sem conseguir falar, e Emily se sentiu orgulhosa por se impor diante da autoridade.

Trevor sorriu de forma insípida. “Eu lhe darei um tempo para pensar sobre isso. Mas, realmente, não tenho certeza para quê. Quero dizer, o que você vai fazer com esta casa? Quando a novidade passar, você vai embora. Voltará durante o verão. Dois meses por ano. Ou está me dizendo que vai morar aqui o ano todo? E fazer o quê? Seja realista. Você vai partir no outono, como todo mundo. Ou ficar sem dinheiro”. Ele deu de ombros e riu novamente, como se não tivesse acabado de ameaçar Emily e de questionar seu meio de vida. “A melhor coisa para você fazer é vender a casa para mim enquanto a oferta ainda está de pé. Por que você não facilita a vida de nós dois e me vende a sua propriedade?” Ele pressionou. “Antes que eu chame a polícia para despejar você?” Ele olhou para Daniel. “E seu namorado”, acrescentou.

Os olhos de Daniel arderam.

Ela se manteve firme.

“Por que você não dá o fora das minhas terras”, ela disse, “e volta para seus 40 hectares sem vista – antes que eu chame a polícia para prendê-lo por invasão de propriedade?”

Trevor parecia agora um filhote de cervo acuado pelos faróis de um carro, e ela nunca havia se sentido tão orgulhosa de si mesma como naquele momento.

Então, ele sorriu, virou-se e se afastou, caminhando pela grama.

Emily bateu a porta com tanta força que a casa inteira vibrou. Ela olhou para Daniel, perdida e perplexa, e notou que a preocupação nos olhos dele combinava com a que havia em seus próprios olhos.

Capítulo Dez

Emily ficou parada ali, irada. Trevor Mann realmente havia mexido com ela.

Mas quase não podia prestar atenção em sua raiva, na visita dele – porque sua mente estava focada na carta que havia em seu bolso de trás.

A carta do seu pai para ela.

Ela esticou o braço e a puxou, examinando-a, admirada.

“Que otário”, Daniel começou. “Você acha mesmo...”

Mas ele se interrompeu ao ver a expressão dela.

“O que é isto?” Daniel perguntou, franzindo o cenho. “Uma carta?”

Emily olhou para o envelope em suas mãos. Simples. Branco. Um tamanho comum. Parecia tão inofensivo. E ainda assim, ela estava com tanto medo do que poderia conter. Uma confissão de um crime? A revelação de uma vida secreta como espião, ou como o marido de outra mulher? Ou até uma carta de despedida, escrita antes de um suicídio? Ela não tinha certeza de como iria lidar com esta última possibilidade, e nem poderia começar a imaginar qual seria a sua reação diante de qualquer uma das anteriores.

“É do meu pai”, Emily disse calmamente, levantando os olhos. “Encontrei-a trancada no escritório dele”.

“Ah”, Daniel disse. “Talvez devesse ir. Sinto muito, eu não percebi...”

Mas Emily pôs a mão sobre o braço dele, fazendo-o permanecer no mesmo lugar. “Fique”, ela disse. “Por favor? Não quero lê-la sozinha”.

Daniel assentiu. “Não seria melhor nos sentarmos?” Sua voz havia se tornado mais suave, mais cuidadosa. Ele apontou a porta da sala de estar com um gesto.

“Não”, Emily disse. “Desta forma. Venha comigo”.

Ela dirigiu Daniel pela escada e pelo longo corredor que terminava no escritório do seu pai.

“Eu costumava ficar olhando para esta porta quando era criança”, Emily disse. “Nunca tive permissão para entrar. E, olhe”. Ela girou a maçaneta e abriu a porta. Encolhendo-se um pouco, ela se virou para Daniel. “Nem estava trancada”.

Daniel deu a ela um sorriso terno. Ele parecia estar pisando em ovos e ela sabia perfeitamente por quê. Seja o que for que estivesse na carta, podia ser dinamite. Poderia desencadear algum tipo de reação catastrófica no cérebro dela, lançá-la numa espiral de desespero.

Eles entraram no escritório escuro e Emily se sentou na mesa do seu pai.

“Ele escreveu esta carta bem aqui”, ela disse. “Abriu sua gaveta. Colocou-a aí. Trancou-a. Escondeu a chave naquele cofre. E então, partiu da minha vida para sempre”.

Daniel puxou uma cadeira e se sentou ao lado dela. “Você está pronta?”

Emily fez que sim com a cabeça. Como uma criança assustada olhando entre seus dedos durante um filme de terror, Emily quase não podia ver enquanto pegava a carta e a abria. Ela tirou o papel do envelope – era apenas um pedaço de papel 8x11, dobrado ao meio. Seu coração começou a bater incrivelmente rápido enquanto o abria.

Querida Emily Jane,

Eu não sei quanto tempo terá se passado entre o momento em que eu deixar esta carta e o momento em que você a lerá. Minha única esperança é que você não tenha sofrido muito se perguntando onde eu estava.

Que deixá-la será meu maior arrependimento, eu não tenho dúvida. Mas eu não podia ficar. Espero que um dia você aceite o porquê, mesmo que nunca possa me perdoar.

Só tenho duas coisas para lhe dizer. A primeira, e você precisa acreditar em mim quando digo isto, nada foi culpa sua. Nem o que houve com Charlotte, nem o estado de sua mãe e de meu casamento.

A segunda é que eu te amo. Do primeiro momento que a vi até o último. Você e Charlotte foram minhas maiores contribuições para este mundo. Se eu nunca deixei isso claro quando estava com vocês, então, eu posso apenas pedir perdão, apesar desta não parecer uma palavra boa o bastante.

Espero que esta carta lhe encontre bem, seja qual for o momento em que puder lê-la.

Com todo o meu amor,

Papai

Com um milhão de emoções dentro de si, Emily leu e releu a carta, apertando-a cada vez mais entre seus dedos. Ver as palavras escritas por seu pai, ouvir sua voz em sua mente, falando com ela, como há vinte anos, fez a ausência dele parecer maior do que nunca.

Emily deixou a carta cair. O papel flutuou até o tampo da mesa, e as lágrimas dela a seguiram. Daniel segurou sua mão como se implorasse para que compartilhasse o que sentia com ele, a preocupação gravada em seu rosto, mas Emily quase não podia falar.

“Por anos, pensei que ele havia me deixado porque não me amava o bastante”, ela murmurou. “Porque eu não era Charlotte”.

“Quem é Charlotte?” Daniel perguntou, gentil.

“Minha irmã”, Emily explicou. “Ela morreu. Sempre achei que ele me culpava. Mas não. É o que diz aqui. Ele não achava que era minha culpa. Mas, se ele não me culpava pela morte dela, por que foi embora?”

“Eu não sei”, Daniel disse, colocando um braço ao redor dela e puxando-a para si. “Eu não acho que seja possível compreender perfeitamente as intenções de outra pessoa, ou por que elas fazem as coisas que fazem”.

“Às vezes, eu me pergunto se realmente conheci meu pai”, Emily disse de maneira triste, apoiada no peito dele. “Todos esses segredos. Todo esse mistério. O salão de baile, a sala escura, pelo amor de Deus! Eu nem mesmo sabia que ele gostava de fotografia.”

“Na verdade, isso diz respeito a mim”, Daniel disse.

Emily parou, e então se afastou do abraço. “O que quer dizer?”

“A sala escura”, Daniel repetiu. “Seu pai a criou para mim há anos”.

“Verdade?” Emily disse, enxugando as lágrimas. “Por quê?”

Daniel suspirou, mudou de posição, afastando-se um pouco. “Quando eu era mais novo, seu pai me viu dentro do terreno. Eu estava fugindo de casa e sabia que vocês não vinham aqui com frequência. Imaginei que podia me esconder no celeiro, e que ninguém me notaria. Mas seu pai me encontrou. E ao invés de me expulsar, me deu um pouco de comida, uma cerveja” — ele levantou os olhos e sorriu com a lembrança — “e então me perguntou do que estava fugindo. Então, contei a ele todo aquele drama adolescente, sabe. Sobre como meus pais não me entendiam. Sobre como a diferença entre o que eu queria para mim e o que eles queriam para mim era tanta que nunca poderíamos nos entender. Naquele tempo, eu estava saindo do rumo, sendo reprovado no colégio, arrumando problemas com a polícia por coisas tolas. Mas ele permaneceu calmo. Conversou comigo. Não, ele me *ouviu*. Ninguém havia feito isso antes. Ele queria saber do que eu gostava. Eu estava envergonhado, sabe, de dizer a ele que gostava de tirar fotos. Que garoto de 16 anos quer admitir uma coisa assim? Mas ele não viu nada de errado nisso. E falou que eu podia usar o celeiro como uma sala escura. E assim eu fiz”.

Emily lembrou-se das fotos que havia encontrado no celeiro, as imagens em preto e branco que pareciam revelar o sofrimento da alma que as havia tirado. Ela nunca poderia imaginar que o fotógrafo era um garoto, um jovem de 16 anos com problemas familiares.

“Seu pai insistiu para que eu voltasse para casa”, Daniel acrescentou. “Mas, quando eu recusei, ele fez um acordo comigo. Se eu terminasse meus estudos, ele me permitiria ficar na antiga garagem. Então, durante aquele ano inteiro, eu vinha aqui. Havia se tornado meu santuário. Graças a ele, eu terminei meus estudos. Eu estava muito ansioso em vê-lo novamente, dizer a ele. Eu o idolatrava, queria mostrar-lhe o que eu havia feito e o quanto ele havia me ajudado, o quanto me endireitei na vida por causa dele” Então, Daniel olhou para ela, e o contato visual foi tão intenso que ela sentiu a eletricidade correr em suas veias. “Ele não voltou naquele verão. Nem no próximo. Nunca mais”.

O impacto das palavras dele atingiram Emily com força. Que o desaparecimento do seu pai podia ter afetado alguém mais além dela mesma não havia lhe ocorrido, mas aqui estava Daniel, desnudando sua alma, compartilhando a mesma dor que ela. Daniel também conhecia essa sensação de não saber o que havia acontecido, o espaço vazio que isso abria no íntimo da pessoa.

“É por isso que você ajuda cuidando do terreno?” Emily disse, calmamente.

Daniel assentiu. “Seu pai me deu uma segunda chance na vida. A única que tive. É por isso que eu cuido deste lugar”.

Ambos ficaram em silêncio. Então, Emily levantou os olhos para ele. De todas as pessoas no mundo, Daniel parecia ser a única tão afetada pelo desaparecimento do seu pai quanto ela. Eles tinham isso em comum. E algo sobre esse vínculo a fez sentir próxima dele de uma forma que nunca havia sentido antes.

Os olhos de Daniel passaram pelo rosto de Emily, parecendo ler a mente dela. Então, ele levantou as mãos até seu queixo e pegou seu rosto. Ele a aproximou dele lentamente e ela sentiu seu perfume — de pinheiros e de grama fresca, e do fogão à lenha.

Os olhos de Emily se fecharam e ela se inclinou para ele, antecipando a sensação de seus lábios sobre os dela. Mas nada aconteceu.

Ela abriu os olhos ao mesmo tempo em que os braços de Daniel se afrouxaram ao redor do corpo dela.

“O que foi?” Emily disse.

Daniel deu um longo suspiro. “Minha mãe não era uma grande mulher, mas ela me deu um ótimo conselho. Nunca beije uma garota quando ela estiver chorando”.

E, com isso, ele se levantou e começou a caminhar lentamente pelo escritório até a porta. Emily sentiu-se ainda mais abatida. Ela fechou a porta suavemente atrás dele e então se encostou nela e deslizou até o chão, deixando suas lágrimas caírem mais uma vez.

Capítulo Onze

Na manhã seguinte, Emily ainda não tinha nem mesmo tido tempo de tirar seu pijama quando ouviu a campainha. Enquanto descia as escadas correndo, refletia sobre a noite anterior. Ela havia dormido muito mal, chorando até dormir. Agora, sentia-se meio tonta e muito envergonhada por ter sujeitado Daniel àquela erupção emocional, e arrastado-o consigo. E então, havia o beijo que nunca aconteceu. Ela nem sabia se poderia olhá-lo nos olhos.

Foi até a porta e a abriu.

“Você chegou cedo”, ela disse, sorrindo, tentando agir normalmente.

“É”, Daniel disse, um pouco sem graça. As mãos bem fundo em seus bolsos. “Pensei que podíamos, talvez, tomar café da manhã?”

“Claro”, ela disse, dizendo-lhe para entrar na casa, com um gesto.

“Não, eu quis dizer... em outro lugar, lá fora?” Ele começou a esfregar a nuca, meio envergonhado.

Emily apertou os olhos enquanto tentava entender o que ele estava dizendo. Então, ocorreu-lhe, e um pequeno sorriso começou a surgir em seus lábios. “Você quer dizer, como um encontro?”

“Bem, sim”, Daniel respondeu, se contorcendo um pouco, desconfortável.

Emily sorriu. Ela pensou que Daniel parecia incrivelmente fofo de pé em sua porta, daquele jeito, tão acanhado. “Você não está só me convidando porque sentiu pena de mim pela carta?” ela perguntou.

Daniel fez uma expressão de espanto. “Não! De jeito nenhum. Estou lhe convidando porque gosto de você e eu...” Ele suspirou, suas palavras sumindo em sua garganta.

“Estou brincando”, Emily replicou. “Adoraria sair com você”.

Daniel sorriu e assentiu, mas continuou lá parado, meio desconfortável.

“Você quer dizer agora mesmo, neste momento?” Emily disse, surpresa.

“Ou depois?” Ele disse, apressadamente. “Poderia ser um almoço, então, se você preferir? Ou sexta à noite? Você preferiria sexta à noite?” Daniel parecia nervoso.

“Daniel”, Emily falou, rindo, tentando salvar a situação, “agora é perfeito. Nunca me convidaram para um encontro no café da manhã. É fofo”.

“Eu estou fazendo tudo errado, não estou?” Daniel perguntou.

“Emily balançou a cabeça. “Não”, ela garantiu. “Você está indo muito bem. Mas precisa me dar tempo para me maquiar e pentear o cabelo”.

“Você está bonita do jeito que está”, Daniel disse, e então ficou imediatamente ruborizado.

“Posso ser uma mulher moderna”, Emily replicou, “mas não quero usar meu pijama num encontro”. Ela sorriu timidamente. “Não vou demorar”.

Então, ela se virou e subiu as escadas correndo, sentindo-se muito mais bem disposta.

*

O material da cabine de plástico estava grudando na parte de trás das pernas de Emily. Ela

se remexeu na sua cadeira, passou as mãos pelo tecido da sua saia, e se lembrou do momento, há vários meses, em que estava sentada na frente de Ben, num restaurante chique de Nova York, desejando que a pedisse em casamento. Só que agora ela estava sentada diante de Daniel, na mais nova lanchonete de Sunset Harbor, um lugar chamado Joe's, em silêncio e meio sem jeito, enquanto Joe arrumava o café da manhã deles sobre a mesa.

“Então,” Emily falou, sorrindo ao agradecer a Joe antes de voltar o olhar para Daniel. “Aqui estamos”.

“É”, Daniel respondeu, olhando para o fundo de sua caneca. “Sobre o que quer conversar?”

Emily riu. “Precisamos de um tema?”

Daniel pareceu instantaneamente desconcertado. “Não quis dizer que deveríamos especificar. Quis dizer que deveríamos apenas, você sabe, conversar. Bater papo. Sobre coisas”.

“Você quer dizer outra coisa, que não seja sobre a casa?” Emily disse, com um leve sorriso.

Daniel concordou com a cabeça. “Exatamente”.

“Bem”, Emily começou, “que tal você me contar há quanto tempo toca violão?”

“Há muito tempo”, Daniel replicou. “Desde que era criança. Acho que desde os onze”.

Emily havia se acostumado com o estilo de comunicação de Daniel, a maneira como ele usava o número mínimo de palavras para comunicar a maior quantidade possível de informação. Geralmente, funcionava bem quando ambos estavam olhando para uma parede, enquanto pintavam, ou quando pediam para o outro passar mais pregos. Mas quando estavam sentados um de frente para o outro num encontro, por outro lado, isso tornava as coisas mais desconfortável. Estava claro para Emily agora por que Daniel havia escolhido a nova lanchonete de Sunset Harbor para o encontro deles. Era o lugar menos formal do mundo. Ela não podia sequer começar a imaginar Daniel vestido de terno, num restaurante chique como os que Ben a levava.

Bem neste momento, Joe apareceu. “Está tudo bem com o café da manhã de vocês?” ele perguntou.

“Está”, Emily respondeu, sorrindo educadamente.

“Querem mais café?” Joe acrescentou.

“Para mim não, obrigada”, disse Emily.

“Nem para mim”, Daniel replicou.

Mas, ao invés de entender a mensagem e deixá-los a sós, Joe permaneceu exatamente onde estava, com a cafeteira nas mãos.

“Vocês estão num encontro, jovens?” perguntou.

Daniel parecia querer que o chão o engolissem. Emily não pôde deixar de abafar o riso.

“Na verdade, é uma reunião de negócios”, ela disse, parecendo completamente sincera.

“Ah, certo, vou deixá-los trabalhar”, Joe replicou antes de se afastar com sua cafeteira para infundir outra mesa de clientes.

“Você parece querer sair daqui”, Emily disse, voltando a atenção para Daniel.

“Não por sua causa”, Daniel falou, parecendo mortificado.

“Relaxe”, Emily disse, rindo. “Estou apenas provocando-o. Estou me sentindo um pouco

sufocada aqui também”. Ela olhou sobre seu ombro. Joe estava se demorando perto da mesa deles. “Vamos caminhar um pouco?”

Ele sorriu. “É claro. Há um festival acontecendo hoje, lá embaixo, no porto. É meio cafona”.

“Gosto de cafona”, Emily replicou, sentindo a hesitação dele.

“Legal. Bem, baixamos os barcos na água. Acontece na mesma época todo ano. As pessoas daqui o transformaram num tipo de celebração. Eu não sei, talvez se lembre de quando costumava vir para cá?”

“Na verdade, não”, Emily disse. “Adoraria dar uma olhada”.

Daniel parecia meio tímido. “Tenho um barco lá embaixo”, ele disse. “Não é usado há um bom tempo. Provavelmente, está todo enferrujado agora. Aposto que o motor também não funciona mais”.

“Por que você não o usa mais?” Emily perguntou.

Daniel desviou os olhos. “Esta é uma outra história, para outro dia”, foi tudo o que disse.

Emily sentiu que havia tocado num ponto sensível. O encontro estranho deles havia, de alguma forma, se tornado ainda mais embaraçoso.

“Vamos para o festival”, ela disse.

“Sério?” Daniel perguntou. “Não temos que ir só por minha causa”.

“Eu quero ir”, Emily replicou. E ela falava sério. Apesar dos longos silêncios e dos olhares de lado, ela gostava da companhia de Daniel e não queria que o encontro acabasse.

“Vamos”, ela disse, vivamente, deixando algumas notas sobre a mesa. “Ei, Joe, deixamos o dinheiro aqui, espero que esteja tudo certo”, ela gritou para o homem, antes de pegar sua jaqueta das costas da cadeira e ficar de pé.

“Está tudo bem, Emily”, Daniel falou. “Você não tem que ir para um festival chato comigo”.

“Eu quero ir”, Emily reassegurou. “Sinceramente”.

Ela começou a caminhar até a saída, e Daniel não teve outra opção a não ser segui-la.

Assim que estavam na rua, Emily pôde ver as bandeirolas e balões perto do porto, a distância. O sol estava aparecendo, mas havia uma fina camada de nuvens que deixavam o ar fresco. Várias pessoas caminhavam em direção ao porto, e Emily percebeu que o ritual de baixar os barcos realmente era algo importante para a cidade. Ela e Daniel seguiram o fluxo de pessoas. Uma banda marcial estava tocando música ao vivo. Ao longo das ruas, alinhadas, barraquinhas vendiam algodão doce e guloseimas.

“Quer que eu compre um doce para você?” Daniel disse, rindo. “É algo que se faz durante um encontro, não é?”

“Adoraria”, Emily respondeu.

Ela riu ao ver Daniel abrir caminho pela multidão até a máquina de algodão doce, que estava cercada por crianças, e então comprar um enorme cone de algodão doce azul brilhante para ela, e trazê-lo cuidadosamente através da multidão. Ele o apresentou a ela com um floreio.

“Que sabor é este?” Emily riu, olhando para a cor fluorescente. “Eu não sabia que existia um sabor azul brilhante”.

“Acho que é uva”, Daniel falou.

“Uva brilhante”, Emily acrescentou.

Ela puxou um pedaço de algodão doce. Fazia uns trinta anos desde que havia comido um desses, e quando sentiu o sabor da guloseima fofa, descobriu que era muito mais doce do que poderia imaginar.

“Ah, uma dor de dente instantânea!” Ela exclamou. “Sua vez”.

Daniel pegou um punhado de algodão doce azul e enfiou na boca. Imediatamente, parecia enjoado.

“Ah, Deus. As pessoas alimentam seus filhos com essa coisa?” ele disse.

Sua boca está azul!” Emily gritou.

“A sua também”, Daniel revidou.

Emily riu e enroscou seu braço ao redor do dele enquanto passeavam lentamente até a borda da água, seus passos pontuados pela música da banda. Enquanto assistiam aos barcos sendo baixados na água, um após o outro, Emily descansou a cabeça no braço de Daniel. Ela podia sentir a alegria do pessoal da cidade, e isso a fez refletir sobre o quanto ela havia aprendido a amar este lugar. Aonde quer que olhasse, podia ver rostos sorridentes, crianças correndo por todo lado, despreocupadas e felizes. Ela já foi como elas, antes dos eventos sombrios de sua vida a mudarem para sempre.

“Sinto muito, isto é chato”, Daniel disse. “Não deveria ter lhe trazido aqui. Podemos ir, se você quiser”.

“O que lhe faz pensar que eu quero ir?” Emily perguntou.

“Você parece triste”, Daniel comentou, enfiando suas mãos nos bolsos.

“Não estou triste”, Emily replicou, melancolicamente. “Estou apenas pensando na vida. No meu passado”. Sua voz ficou mais calma. “E no meu pai”.

Daniel assentiu e voltou o olhar para a água. “Você encontrou o que procurava aqui? Suas perguntas foram respondidas?”

“Eu nem mesmo sei que respostas eu buscava quando vim para cá”, Emily replicou, sem olhar para ele. “Mas sinto que, de certa forma, aquela carta respondeu as minhas perguntas”.

Houve um longo silêncio antes que Daniel falasse novamente. “Isso significa que você vai embora, então?”

A expressão dele era séria. Pela primeira vez, Emily pensou que havia lido algo em seus olhos. Um anseio. Seria por ela? “Eu nunca planejei ficar”, ela disse, calma.

Daniel desviou o olhar. “Eu sei. Mas pensei que podia ter mudado de ideia”.

“Não se trata disso”, Emily replicou. “Trata-se de eu ter condições de ficar. Já estou vivendo há três meses só das minhas economias. E se Trevor Mann estiver certo, terei que gastar o restante em taxas e impostos atrasados”.

“Não deixarei isso acontecer”, Daniel disse.

Ela pausou, estudou o rosto dele. “Por que se importa tanto com isso?”

“Porque eu também não tenho nenhum direito legal de morar naquela casa”, Daniel falou, olhando para ela com uma expressão de surpresa, como se não pudesse acreditar que ela não havia pensado nisso. “Se você partir, terei que ir embora”.

“Ah”, Emily replicou, abatida. Não havia lhe ocorrido que perder a casa perturbaria a vida de mais alguém além dela mesma, que Daniel teria que partir, da mesma forma. Ela esperava que ele se importasse com a casa por causa dela, mas talvez tenha lido a situação de forma errada. Ela se perguntava se Daniel tinha outro lugar para viver.

De repente, Emily distinguiu o prefeito entre a multidão. Seus olhos se abriram, travessos. Ela se afastou de Daniel e começou a abrir caminho entre as pessoas. “Emily, aonde está indo?” ele disse, exasperado, enquanto a observava ir embora.

“Vamos!” ela gritou, acenando para que ele a seguisse.

Emily passou pela turba de pessoas enquanto o prefeito entrava no mercado. O sino acima da porta soou quando Emily entrou após ele, então, soou novamente, por causa de Daniel, que a seguia logo atrás. O prefeito se virou e olhou para os dois.

“Oi!” ela disse, vivamente, enquanto o prefeito se virava. “Lembra-se de mim? Emily Mitchell. Emily Jane.”

“Ah, sim, sim”, o prefeito replicou. “Está gostando do festival?”

“Estou”, Emily respondeu. “Fico feliz de estar aqui para vê-lo”.

O prefeito sorriu para ela de uma forma que parecia sugerir que ele estava com pressa e queria seguir em frente com o que tinha a fazer. Mas Emily não cedeu.

“Gostaria de falar com você”, ela disse. “Imagino se pode me ajudar”.

“Com o quê, minha querida?” o prefeito replicou, sem olhar para ela, esticando-se para pegar um pacote de farinha de trigo da prateleira.

Ela manobrou até conseguir ficar na frente dele. “Trevor Mann”.

O prefeito parou. “Ah?” ele disse, seu olhar desviando até Karen, que estava atrás do balcão, e então de volta para Emily. “O que ele está aprontando agora?”

“Ele quer meu terreno. Disse que a casa estava irregular e que eu precisava de uma licença de ocupação”.

“Bem”, o prefeito disse, parecendo um tanto confuso. “Você sabe que tudo depende das pessoas aqui. É o que importa. São elas que votam nessas questões e você não está se esforçando muito para fazer amigos”.

O primeiro instinto de Emily foi de refutar a reclamação, mas percebeu que ele estava certo. Além de Daniel, a única pessoa em Sunset Harbor que era simpática com ela era Rico, e ele não conseguia lembrar seu nome de um final de semana para outro. Trevor, Karen, o prefeito, nenhum deles tinha razão para gostar dela.

“Não posso simplesmente aproveitar o fato de ser filha de Roy Mitchell?” ela disse, com um sorriso tímido.

O prefeito riu. “Acho que você já fechou essa porta, não? Agora, se não se importa, tenho que continuar minhas compras”.

“É claro”, Emily disse, saindo do caminho do prefeito. “Karen”, ela acrescentou, com um cordial aceno de cabeça para a mulher atrás da caixa registradora. Então, ela pegou o braço de Daniel e o guiou para fora da loja.

“O que foi aquilo?” ele sussurrou no ouvido dela quando saíram pela porta, seu sino tilintando, como um sinal de adeus.

Ela soltou o braço dele. “Daniel, eu não quero ir embora. Eu me apaixonei. Pela cidade”, ela acrescentou apressadamente, quanto viu um súbito traço de pânico nos olhos dele. “Lembra quando me perguntou se encontrei as respostas que estava buscando? Bem, sabe, não encontrei. A carta do meu pai não respondeu nada realmente. Ainda há muito mais naquela casa que eu tenho que descobrir”.

“Certo...” Daniel disse, falando a palavra lentamente, como se não entendesse bem aonde isso ia levar. “Mas e a situação financeira? E Trevor Mann? Pensei que você havia dito que não dependia de você ficar ou não”.

Emily sorriu e levantou as sobrancelhas. “Acho que tenho uma ideia”.

Capítulo Doze

No dia seguinte, Emily acordou cedo e foi direto para a cidade com um plano para fazer o povo de Sunset Harbor gostar dela. A motivação, é claro, era seu desejo de fazê-lo votar a favor de sua licença; ainda assim, enquanto dava início ao seu projeto, percebeu que queria a amizade deles, independentemente de qualquer coisa. A licença era importante, mas, obtendo-a ou não, o mais importante para ela era consertar as coisas. Finalmente percebeu o quanto havia sido fria e antipática com todos daqui, e se sentia terrível por isso. Essa não era ela. Votassem eles a favor dela ou não, ou tornassem-se amigos dela ou não, sentia que tinha que se desculpar. Era hora de deixar a Emily de Nova York para trás e se tornar a pessoa amigável, de cidade pequena, que ela havia sido quando mais nova...

Tudo tinha que começar, ela percebeu, com Karen, do mercado. Ela foi direto até lá e chegou bem na hora em que Karen estava abrindo as portas para começar o dia.

“Ah”, a mulher disse, quando viu que era Emily se aproximando. “Pode me dar cinco minutos para ligar a caixa registradora?” Seu tom não era hostil, mas Karen era o tipo de pessoa que era extremamente simpática com todo mundo, então, a saudação morna era um sinal claro de sua aversão por Emily.

“Na verdade, não vim aqui comprar nada”, Emily falou. “Queria falar com você”.

Karen pausou, sua mão com a chave ainda na fechadura. “Sobre o quê?”

Ela empurrou a porta, abrindo-a, e Emily a seguiu para dentro da loja. Karen começou imediatamente a abrir as persianas, e caminhar de um lado para o outro acendendo luzes, letreiros e a caixa registradora.

“Bem”, Emily disse, seguindo-a por toda parte, sentindo que estava sendo obrigada a trabalhar pelo perdão, “queria me desculpar com você. Acho que começamos com o pé esquerdo”.

“Temos permanecido com o pé esquerdo por três meses”, Karen replicou, apertando rapidamente um dos aventais verde-escuros da loja ao redor de seu abdômen rotundo.

“Eu sei”, Emily replicou. “Eu fui um pouco antipática quando cheguei aqui porque havia acabado de terminar um relacionamento e deixado meu emprego e estava num estado de espírito meio sombrio. Mas agora as coisas estão indo muito bem e eu sei que você é uma parte importante desta comunidade, então, será que podemos começar de novo?”

Karen deu a volta no balcão e olhou séria para Emily. Então, disse por fim: “A única coisa que posso fazer é tentar”.

“Ótimo”, Emily disse, vivamente. “Nesse caso, isto é para você”.

Karen estreitou os olhos enquanto olhava para o pequeno envelope que Emily segurava. Ela o pegou desconfiada. “O que é isso?”

“Um convite. Estou dando um jantar na minha casa. Pensei que o pessoal da cidade estaria interessado em ver como está indo a reforma. Vou cozinhar, preparar drinques. Será divertido”.

Karen pareceu surpresa, mas pegou o convite de toda forma.

“Você não precisa confirmar sua presença imediatamente”, Emily disse. “Tchau!”

Ela saiu com pressa do mercado e andou pelas ruas, dirigindo-se ao seu próximo destino. Enquanto caminhava, percebeu o quanto havia passado a amar a cidade. Realmente, ela era linda, com sua arquitetura fofa, cestos de flores e ruas margeadas por árvores. Ainda dava para ver as bandeirolas do festival, criando uma atmosfera de contínua celebração na cidade.

A próxima parada de Emily era o posto de gasolina. Ela o havia evitado até agora, fingindo para si mesma que era só porque não tinha precisado dirigir muito desde que havia chegado aqui, mas, na realidade, não queria encontrar o homem que lhe dera uma carona quando chegou a Sunset Harbor. Ela havia sido mais grosseira com ele do que com todos os outros, mas, se estava tentando consertar as coisas com o pessoal da cidade, ele tinha que estar em sua lista de convidados. Já que era dono do único posto de gasolina local, ele era conhecido por absolutamente todo mundo. Se ela pudesse conquistar a simpatia dele, talvez os outros o seguissem rapidamente.

“Oi”, ela disse, hesitante, pondo a cabeça para dentro da loja depois de abrir a porta. “Você é Birk, não é?”

“Ah,” o homem falou. “Se não é a estranha misteriosa que apareceu na nevasca e nunca mais foi vista”.

“Sou eu”, Emily disse, notando que ele parecia estar usando exatamente o mesmo jeans manchado de graxa que usava no primeiro dia em que se conheceram. “Fiquei aqui o tempo todo, na verdade”.

“Ficou?” Birk disse. “Pensei que havia se mudado há meses. Você passou o inverno inteiro naquela velha casa abandonada?”

“Sim”, Emily disse. “Só que ela não está mais abandonada. Está sendo reformada”. Havia um ar de orgulho em sua voz.

“Bem, macacos me mordam”, o homem falou. “Só uma coisa”, ele acrescentou, “talvez você devesse ter esperado antes de fazer qualquer reforma grande. Sabia que uma tempestade está prevista para hoje à noite? A pior a atingir o Maine em cem anos”.

“Ah, não”, Emily disse. Ela havia pensado que nada poderia prejudicar seu bom humor, mas o destino sempre parecia surpreendê-la, lançando-a de volta para a realidade num grande baque. “Eu queria me desculpar por ter sido grosseira quando nos conhecemos. Não acho que já tenha lhe agradecido adequadamente por me tirar de uma situação tão difícil. Eu ainda estava no meu modo Nova York de funcionar, apesar disso não ser desculpa. Espero que possa me perdoar”.

“Nem fale nisso”, Birk disse. “Eu não fiz aquilo para receber um agradecimento, mas porque você precisava de ajuda”.

“Eu sei”, Emily replicou. “Mas, por favor, aceite meu muito obrigada, de toda forma”.

Birk assentiu. Ele parecia ser um homem orgulhoso, que não aceitava gratidão com facilidade. “Então, você planeja ficar por muito mais tempo?”

“Mais três meses, se puder”, Emily falou. “Apesar de Trevor Mann, do conselho de zoneamento, estar fazendo o possível para me despejar, para poder ficar com meu terreno.

Ao ouvir o nome dele, Birk revirou os olhos. “Argh, não se preocupe com Trevor Mann. Ele se candidata a prefeito todo ano, há três décadas, e ninguém nunca votou nele. Aqui entre

nós, acho que ele tem um complexo de Napoleão”.

Emily riu. “Obrigada, isso me faz sentir muito melhor”. Ela procurou na sua bolsa e puxou um dos convites para sua festa. “Birk, vou dar um jantar na minha casa para os moradores da cidade. Você e sua esposa não gostariam de vir?”

Birk olhou para o convite, um pouco surpreso. Emily se perguntou quando fora a última vez que o homem havia sido convidado para um jantar, ou se alguma vez já recebera um convite.

Bem, é muita gentileza sua”, Birk disse, pegando o convite e guardando-o no bolso grande do seu jeans. “Acho que vou. Adoramos uma festa por aqui. Talvez você tenha notado as bandeirolas”.

“Sim”, Emily replicou. “Eu estava no porto para a festa dos barcos. Foi ótimo”.

“Você foi?” Birk disse, parecendo ainda mais surpreso do que antes.

“Sim”, Emily respondeu, com um sorriso. “Ei, será que poderia me fazer um favor? Preciso correr para casa se quiser protegê-la antes do final do dia, mas ainda tenho um monte de convites para entregar. Será que poderia dá-los aos seus destinatários quando vierem abastecer?”

Ela se sentiu mal pedindo um favor tão grande para Birk, mas a tempestade iminente iria arruinar seu plano de distribuição dos convites. Definitivamente, não havia tempo para entregá-los um a um, a cada convidado. Mas, se ela não chegasse em casa e se preparasse para a tempestade, não teria onde dar uma festa, de toda forma!

Birk riu com gosto. Se ele não havia sido convidado para um jantar em anos, certamente não havia sido parte integral da organização de uma antes! “Bem, deixe-me ver... quem está na sua lista?” Emily deu a ele os envelopes e ele os examinou. “Dr^a. Patel, sim, ela virá após seu plantão. Cynthia, da livraria, Charles e Barbara Bradshaw, sim, sim, todas essas pessoas passarão por aqui mais cedo ou mais tarde”. Ele olhou para ela e sorriu. “Posso distribuí-los para você”.

“Muito obrigada mesmo, Birk”, Emily disse. “Eu lhe devo uma. A gente se vê.”

Birk acenou enquanto ela se virava para ir embora, e então deu uma de suas risadinhas enquanto olhava para os delicados convites que ela havia lhe confiado. “Ah, Emily. Por que você não coloca um destes no quadro de avisos da cidade? A maioria das pessoas consulta-o diariamente. Você terá mais convidados assim também, já que só há alguns poucos selecionados aqui. Isso se você quiser mais convidados”.

“Quero!” Emily exclamou. “Quero me dar bem com o máximo de pessoas possível. Sinto que não me integrei a vocês de forma alguma, e realmente gostaria de conhecê-los todos. Fazer alguns amigos por aqui”.

Birk pareceu emocionado, apesar dele estar dando seu melhor para esconder suas emoções. “Bem, reformar aquela casa velha certamente é uma forma de fazer isso. Todo mundo aqui gostaria de vê-la reformada”.

“Certo. Vou colocar um aviso no quadro então, se você acha que pode ajudar. Obrigada, Birk”. Emily se sentia grata pela ajuda dele. Assim como quando a resgatara naquela noite, na nevasca, meses atrás, Birk estava disposto a fazer um esforço a mais para ajudar outra pessoa.

Ela sorriu, querendo muito conhecê-lo melhor.

“Não aja como uma estranha, está me ouvindo?” Birk acrescentou, enquanto ela deslizava pela porta.

“Nunca mais!” Emily gritou de volta para dentro antes de fechar a porta.

Ela correu para o quadro de avisos da cidade e pegou uma caneta e pedaço de papel. Então, juntamente com outros avisos no quadro, escreveu um aviso sobre sua festa e o pregou na cortiça. Ela só rezava para que os convidados tivessem a gentileza de confirmar sua presença, para saber ao menos para quantas pessoas precisaria cozinhar.

Assim que o convite foi feito, entrou no seu carro e foi para casa, avisar Daniel sobre a tempestade iminente, e para preparar a casa para sua chegada.

Ela o encontrou no salão de baile. Estava começando a ficar incrível aquele lugar. As janelas Tiffany faziam as cores dançar pelas paredes, que ficaram ainda mais bonitas, se tal coisa fosse possível, por causa do lustre de cristal que eles haviam limpado e pendurado no teto. Caminhar pelo salão de baile dava a sensação de pisar no azul profundo do mar, num mundo de sonho.

“Acabei de ouvir na cidade que há uma tempestade forte se aproximando”, Emily contou a Daniel.

“Ele parou o que estava fazendo. “Forte como?”

“Como assim ‘forte como’?” Emily falou, exasperada.

“Quero dizer, vai ser 'de descer o sarrafo'?”

“Acho que sim”, ela replicou, confusa.

“Certo. Deveríamos proteger as janelas”.

Emily achou estranho colocar as tábuas de volta sobre as janelas, quando, três meses antes, eles haviam trabalhado juntos para removê-las. Desde então, muita coisa havia mudado entre eles. Trabalhar juntos nesta casa havia aproximado os dois. O amor de ambos pelo lugar era uma força que os unia. Isso, e a dor que compartilhavam pelo desaparecimento do pai de Emily.

Assim que a casa estava pronta, e os primeiros pingos de chuva grossa começaram a cair com força sobre chão, Emily notou que Daniel ficava espiando por uma brecha entre as tábuas da janela.

“Você não está pensando em voltar para a sua casa, está?” Ela perguntou. “Porque esta casa é muito mais resistente. Já deve ter sobrevivido a uma tempestade forte uma ou duas vezes em sua época. Não é como sua casinha frágil”.

“Minha casa não é frágil”, Daniel contestou, com um sorriso afetado.

Naquele instante, os céus se abriram e uma chuva grossa começou desabar sobre a casa. O barulho era fenomenal, como o de tambores rufando.

“Uau”, Emily disse, surpresa. “Nunca ouvi nada assim antes”.

A percussão da chuva foi acompanhada por uma súbita rajada de vento uivante. Daniel espiou pela brecha novamente e Emily percebeu que ele estava olhando para o celeiro.

“Está preocupado com a sala escura, não é?” ela perguntou.

“Sim”, Daniel respondeu, com um suspiro. “Engraçado. Não vou lá há anos, mas a ideia

dela ser destruída pela tempestade me entristece”.

De repente, Emily se lembrou do cão de rua que havia encontrado. “Ai, meu Deus!” Ela gritou.

Daniel olhou para ela, preocupado. “O que foi?”

“Há um cão, um cão de rua que vive no celeiro. Não podemos deixá-lo lá fora, na tempestade! E se o celeiro desabar, esmagando-o?” Emily começou a entrar em pânico só de pensar na possibilidade.

“Tudo bem”, Daniel falou. “Vou pegá-lo. Fique aqui”.

“Não”, Emily disse, puxando o braço dele. “Você não deveria ir lá fora”.

“Então, quer deixar o cão?”

Emily estava dividida. Ela não queria que Daniel corresse perigo, mas, ao mesmo tempo, não podia deixar um cão indefeso lá fora, na tempestade.

“Vamos pegar o cachorro”, Emily replicou. “Eu vou com você”.

Emily encontrou algumas capas de chuva e os dois as vestiram. Quando ela abriu a porta de trás, um raio rasgou o céu. Ela ficou boquiaberta com a magnitude do raio, e então ouviu o enorme ribombar do trovão que se seguiu.

“Acho que está bem em cima de nós”, ela falou para Daniel, sua voz abafada pelo rugir da tempestade.

“Então, escolhemos o melhor momento para entrar de cabeça nela!” foi a sarcástica resposta dele.

Os dois cambalearam pelo gramado, transformando a grama cuidadosamente bem-cuidada em lama. Emily sabia o quanto Daniel se importava com aquele terreno e que ele devia estar sofrendo ao danificá-lo a cada passo, com suas pegadas pesadas.

Quando a chuva açoitou o rosto de Emily, fazendo-o latejar, uma lembrança a atingiu com uma força muito maior do que os ventos que a castigavam. Ela se lembrou de quando era bem pequena, quando saiu com Charlotte durante uma tempestade. Seu pai havia lhes avisado para não se afastarem muito da casa, mas Emily convencera sua irmã mais nova a ir apenas um pouco mais à frente. Então, a tempestade veio e elas se perderam. Ambas ficaram aterrorizadas, chorando, enquanto os ventos fustigavam seus pequenos corpos. Elas permaneceram agarradas uma à outra, suas mãos bem unidas, mas a chuva deixou suas palmas escorregadias e, num certo ponto, Emily não conseguiu mais segurar a mão de Charlotte.

Emily ficou parada, sem poder se mover enquanto a memória tomava conta de sua mente. Parecia que estava revivendo aquele momento como uma menina de sete anos aterrorizada, lembrando-se da terrível expressão no rosto do seu pai quando lhe disse que Charlotte havia sumido, que ela a havia perdido na tempestade.

“Emily!” Daniel gritou, sua voz quase que completamente engolida pelo vento. “Venha!”

Ela voltou sua atenção novamente para o momento e seguiu Daniel.

Finalmente, conseguiram chegar ao celeiro, sentindo-se como se tivessem se arrastado por um vasto pântano selvagem para chegar até lá. O teto já havia sido arrancado pela força do vento e Emily não tinha muita esperança de que o resto da construção se salvaria.

Ela mostrou o buraco a Daniel e, juntos, eles se espremeram para entrar. A chuva

continuava a açoítá-los através da abertura onde antes ficava o teto. Emily olhou ao redor e viu que o celeiro estava se enchendo de água.

“Onde você achou o cão?!” Daniel gritou para Emily. Apesar da capa de chuva, ele parecia encharcado até os ossos, e seu cabelo grudava em seu rosto, formando gavinhas.

“Foi ali”, ela disse, apontando para o canto escuro do celeiro, onde havia visto a cabeça do cão pela última vez.

Mas quando chegaram ao lugar em que Emily pensou que o cão estaria, eles tiveram uma surpresa.

“Ai, meu Deus”, Emily gritou. “Filhotes!”

Os olhos de Daniel se abriram ainda mais, sem acreditar, enquanto olhava para os filhotes rosados, pelados, contorcendo-se. Eram recém-nascidos, possivelmente com menos de um dia de vida.

“O que vamos fazer com todos eles?” Daniel disse, seus olhos tão redondos como duas luas.

“Colocá-los em nossos bolsos?” Emily respondeu.

Havia cinco filhotes no total. Eles colocaram um em cada bolso e então Emily envolveu o menor e mais frágil deles em suas mãos. Daniel viu a cadela, que estava vociferando para ambos por terem perturbado seus filhotes.

As paredes do celeiro sacudiam enquanto eles caminhavam de volta para o buraco com os filhotes se contorcendo em seus bolsos.

Enquanto caminhavam de volta pelo celeiro, Emily podia ver os danos que a chuva estava causando no interior do prédio, e ela percebeu que ele certamente seria destruído – as caixas de álbuns de fotos do seu pai, a fotografia da adolescência de Daniel, o velho equipamento que podia valer alguma coisa para um colecionador. Pensar nisso partiu seu coração. Apesar dela já ter levado uma caixa para o interior da casa principal, ainda havia mais três caixas cheias com os álbuns de fotos de seu pai dentro do celeiro. Ela não podia suportar perder todas aquelas lembranças valiosas.

Desafiando o perigo, Emily correu até a pilha de caixas. Ela sabia que havia uma mistura das fotos de Daniel e das do seu pai nelas, e a caixa que estava no topo continha vários álbuns de fotos de seu pai. Ela colocou o filhotinho sobre a caixa e levantou-a nos braços.

“Emily!”, Daniel chamou. “O que está fazendo? Precisamos sair antes que este lugar inteiro caia sobre nós!”

“Estou indo”, ela gritou de volta. “Só não quero deixá-las”.

Ela tentou encontrar uma maneira de pegar outra caixa, empilhando-a sob a primeira e equilibrando ambas entre seus braços e queixo, mas o conjunto era pesado e difícil de carregar. Não havia jeito dela ser capaz de salvar todas as fotos.

Daniel se aproximou. Ele colocou a cadela no chão, e então usou uma corda como coleira para amarrá-la. Então, pegou mais duas caixas das fotos de família de Emily. Assim, conseguiram pegar todas as três caixas de fotos restantes de seu pai, mas nenhuma de Daniel.

“E as suas?” Emily gritou.

“As suas são mais importantes”. Daniel replicou, estoico.

“Só para mim”, Emily replicou. “Mas e...”

Antes que ela pudesse terminar a frase, ouviu-se um barulho terrível, como se o celeiro estivesse se partindo ao meio.

“Vamos”, Daniel disse. “Temos que ir”.

Emily não teve a chance de protestar. Daniel já estava saindo do celeiro, seus braços carregados com as preciosas fotos de família dela, à custa das suas. Seu sacrifício a deixou emocionada e ela não pôde deixar de se perguntar por que ele sempre parecia colocar as necessidades dela acima das dele.

Quando eles se apertavam para passar através do buraco no celeiro, a chuva os açoitou com mais força do que nunca. Emily quase não podia se mover, tamanha a magnitude do vento. Ela lutou contra ele, caminhando lentamente pelo gramado.

De repente, um barulho monumental veio de trás. Emily gritou, chocada, e se virou, vendo que o grande carvalho ao lado da propriedade fora arrancado, desabando sobre o celeiro, esmagando-o. Se a árvore tivesse caído apenas um minuto antes, os dois teriam sido atingidos.

“Essa foi por pouco!”, Daniel gritou. “É melhor voltarmos para dentro o mais rápido possível”.

Eles conseguiram atravessar o gramado e chegar à porta dos fundos. Quando Emily a abriu, o vento arrancou a porta, que saiu voando pelo quintal.

“Rápido, para a sala de estar”, Emily disse, fechando a porta que separava a cozinha da sala.

Ela estava pingando e deixando imensos rastros de água da chuva pelo assoalho. Eles foram para a sala de estar e colocaram a cadela e seus filhotes sobre o tapete ao lado da lareira.

“Você poderia acender a lareira?” Emily perguntou a Daniel. “Eles devem estar congelando”. Ela esfregou as mãos para estimular a circulação. “Pelo menos, eu estou”.

Sem reclamar, Daniel pôs-se a trabalhar imediatamente. Um minuto depois, um fogo ardente aquecia o cômodo.

Emily ajudou os filhotes a encontrar sua mãe. Um a um, eles começaram a mamar, relaxando em seu novo ambiente. Mas um deles não se juntou aos demais.

“Acho que este aqui está doente”, Emily disse, preocupada.

“É o menor e mais fraco dentre eles”, Daniel falou. “Provavelmente, não sobreviverá a esta noite”.

Emily se entristeceu. “O que vamos fazer com tantos filhotes?” perguntou.

“Vou reconstruir o celeiro para eles”.

Emily riu. “Você nunca teve um animal de estimação, teve?”

“Como adivinhou?” Daniel replicou, descontraído.

Subitamente, Emily notou que havia sangue na camisa de Daniel. Estava vindo de um corte em sua testa.

“Daniel, você está sangrando!” ela gritou.

Daniel tocou sua testa e então olhou para o sangue em seus dedos. “Acho que fui atingido por um dos galhos. Não é nada, apenas um corte superficial”.

“Vou pôr algo sobre ele para que não infeccione”.

Emily foi até a cozinha procurar o kit de primeiros socorros. Graças ao vento vindo através do buraco onde costumava ficar a porta dos fundos, era muito mais difícil se mover agora pela

cozinha. O vento estava correndo pelo cômodo, jogando todo item que não estivesse preso ao chão pelos ares. Emily tentou não pensar na devastação ou de quanto teria que gastar para consertar tudo.

Finalmente, encontrou o kit de primeiros socorros e voltou para a sala de estar.

A cadela havia parado de gemer e todos os filhotes estavam mamando, exceto o mais fraco deles. Daniel estava segurando-o em suas mãos, tentando convencê-lo a mamar. Havia algo nessa cena que tocava o coração de Emily. Daniel continuava a surpreendê-la – havia sua habilidade como cozinheiro, seu gosto musical refinado, seu talento para tocar violão e sua habilidade ao usar um martelo, e agora isto: seu gentil cuidado com uma criatura desamparada.

“Nada feito?” Emily perguntou.

Ele balançou a cabeça. “As coisas não parecem boas para este amiguinho”.

“Deveríamos pôr um nome nele”, Emily disse. “Não deveria morrer sem um nome”.

“Não sabemos se é um macho ou fêmea”.

“Então, deveríamos lhe dar um nome neutro”.

“Como o quê, tipo Alex?” Daniel disse, franzindo a testa, confuso.

Emily riu. “Não, estava pensando em algo como Chuva”.

Daniel deu de ombros. “Chuva. Combina com ele”. Ele colocou Chuva junto dos outros filhotes. Eles estavam subindo uns sobre os outros para ficar perto de sua mãe, e Chuva continuou sendo empurrado para fora. “E quanto aos outros?”

“Bem”, Emily disse. “Que tal Tempestade, Nuvem, Vento e Trovão?”

Daniel sorriu. “Muito apropriado. E a mamãe?”

“Por que você não escolhe o nome dela?” Emily disse, pois já tinha dado nome a todos os filhotes.

Daniel acariciou a cabeça da cadela. Ela gemeu, satisfeita. “Que tal Mogsy?”

Emily começou a rir. “Não combina muito com o tema!”

Daniel apenas deu de ombros. “É minha escolha, certo? Eu escolho Mogsy”.

Emily sorriu. “Claro. Sua escolha. Então, é Mogsy. Agora, deixe-me dar uma olhada nesse corte”.

Ela sentou no sofá, aproximando com cuidado a cabeça de Daniel de si. Ela tirou o cabelo da sobrancelha dele e começou a desinfetar o corte em sua testa. Ele tinha razão quanto a não ser profundo, mas estava sangrando profusamente. Emily usou vários curativos para fechar a ferida.

“Se tiver sorte”, ela disse, grudando mais um, “vai ficar com uma cicatriz bem legal”.

Daniel sorriu. “Ótimo. Garotas adoram cicatrizes, certo?”

Emily riu. Ela colocou o último pedaço de curativo no lugar. Mas ao invés de se afastarem, seus dedos permaneceram lá, contra a pele dele. Ela tirou uma mecha solta de cabelo dos olhos de Daniel, e, então, traçou com seus dedos o contorno do rosto dele, até chegar aos lábios.

Os olhos de Daniel ardiam de desejo ao olhar para ela. Ele pegou a mão de Emily e beijou sua palma.

Então, ele a agarrou, puxando-a para seu colo. Suas roupas encharcadas se pressionaram enquanto ele a beijava na boca. As mãos dela corriam pelo corpo dele, sentindo cada músculo.

O calor entre eles cresceu à medida em que tiravam suas roupas molhadas e, então, afundaram-se um no outro, movendo-se num ritmo harmonioso, suas mentes totalmente focadas no momento, tanto que nem notaram mais a fúria da tempestade que rugia do lado de fora da casa.

Capítulo Treze

Emily acordou emaranhada nos braços e pernas de Daniel. O sol estava brilhando ferozmente, e parecia como se a tempestade nunca tivesse acontecido. Mas ela sabia que tinha, e sabia que os danos seriam extensos.

Ela saiu do “abraço de polvo” de Daniel e deslizou para dentro de uma fina camisola. Então, desceu para inspecionar os danos.

Na sala de estar, Mogsy tinha claramente surtado durante a tempestade. Uma das almofadas estava toda mastigada, o estofamento fora espalhado pela sala. No tapete, havia manchas por causa das roupas molhadas e enlameadas dela e de Daniel. Ela sorriu ao se lembrar da maneira como haviam praticamente arrancado as roupas um do outro.

Bem, se um tapete enlameado e uma almofada mastigada são as únicas avarias, então, nos saímos muito bem, ela pensou.

A maior surpresa para Emily foi que Chuva, o filhote mais frágil, havia sobrevivido durante a noite, e mamava feliz. Mas isso também significava que agora ela tinha um cão e cinco filhotes para cuidar. Não tinha ideia do que iria fazer com todos eles, mas pensou que lidaria com isso mais tarde – depois que preparasse alguns restos de frango para Mogsy, que provavelmente estava com fome. E, depois, ela focaria sua atenção na casa.

Emily ouviu Daniel acordar no andar de cima enquanto ela fazia suas rondas pelos cômodos. Ao passar pela sala de jantar na direção da entrada do salão de baile, ouviu os passos de Daniel atrás dela.

“Está muito ruim?” ele perguntou.

Apesar dele nunca ter dito isso expressamente, Emily sabia que, de todos os cômodos da casa, o salão de baile era o favorito de Daniel. Era o mais grandioso, o mais mágico, e o salão que os havia aproximado primeiro, que havia dado início a tudo. Sem o salão de baile, a noite passada talvez nunca tivesse acontecido. Pensar que algo pudesse ter ocorrido com ele era desagradável para ambos.

Emily olhou para dentro, hesitante. Daniel seguia-a logo atrás.

“Parece que está tudo bem”, Emily disse. Mas então ela notou algo brilhando no chão e correu para ver. Sua suspeita foi confirmada quando ao pegar o objeto e ver que era um caco de vidro. “Ah, não”, ela gritou. “A janela Tiffany não. Por favor, a janela Tiffany não!”

Juntos, ela e Daniel puxaram o compensado que cobria as janelas antigas. Ao fazerem isso, mais estilhaços de vidro caíram, espatifando-se no chão.

“Não acredito”, Emily gemeu, sabendo que seria caro demais substituí-los, que eram, de fato, insubstituíveis.

“Conheço alguém que pode ser capaz de ajudar”, Daniel disse, tentando animá-la.

“De graça?” ela disse sombriamente, inconsolável.

Daniel deu de ombros. “Nunca se sabe. Pode ser que ele o faça apenas por amor ao trabalho”.

Emily sabia que ele estava tentando fazê-la se sentir melhor, mas não podia deixar de sentir vontade de chorar. “É muito trabalho”, ela disse.

“E as pessoas daqui são boas”, Daniel disse. Ele passou o braço pelos ombros dela. “Vamos, de toda forma, não há nada que possamos fazer no momento. Deixe-me preparar seu café da manhã”.

Ele a levou até a cozinha com um braço ao redor de seus ombros, mas esse cômodo também estava em péssimo estado. Daniel e Emily pegaram alguns objetos espalhados, e então Emily começou a preparar o café, grata pela cafeteira não ter sucumbido ao mesmo destino de ser espatifada contra o chão, como a torradeira.

“Que tal waffles?” Daniel perguntou.

“Waffles caíam bem”, Emily respondeu enquanto se sentava na mesa. “Mas eu não tenho uma fôrma de waffle, tenho?”

“Bem, tecnicamente, você tem”, Daniel replicou. Ao vê-la confusa, ele explicou: “Serena reservou a fôrma na venda de garagem. Ela disse que voltaria e pagaria por ela outra hora. Não sei dizer se estava brincando ou não, mas nunca voltou, então, acho que não a queria muito”. Ele veio e colocou uma xícara de café preto fumaçando na frente de Emily.

“Obrigada”, ela disse, sentindo-se um pouco tímida com a intimidade com Daniel, ao vê-lo preparar seu café da manhã.

Enquanto ela tomava um gole do café e observava-o cozinhar, espátula na mão, ela se sentiu renascer. Não era apenas a casa que havia sido transformada durante a noite; ela também. Sua lembrança da noite de amor deles em si, era vaga, mas ela podia se lembrar do sentimento de êxtase que havia reverberado por seu corpo. Havia sido quase uma experiência extra-corpórea. Ela estremeceu em sua cadeira apenas ao relembrar.

Deixando os waffles assando, Daniel se sentou na frente dela e deu um gole em sua própria xícara de café.

“Acho que não dissemos bom dia apropriadamente ainda”, ele disse. Ele se inclinou sobre a mesa e pegou o rosto dela nas mãos. Mas antes que tivesse a chance de dar um beijo em seus lábios, um barulho estridente despedaçou o momento.

Emily e Daniel se separaram de um salto.

“O que é isso?” Emily exclamou, tapando os ouvidos.

“É o alarme de incêndio!” Daniel gritou, olhando para o balcão, onde a fôrma de waffle estava liberando nuvens de fumaça preta.

Emily pulou da sua cadeira quando algumas fagulhas começaram a flutuar. Daniel agiu rapidamente, pegando uma toalha para abafar as chamas.

A fumaça subiu pela cozinha, fazendo-os tossir.

“Acho que Serena não vai voltar para pegar a fôrma de waffle, afinal”, Emily comentou.

*

Após o café da manhã, eles se determinaram a consertar a casa. Daniel subiu no telhado para inspecioná-lo.

“E então?” Emily perguntou, esperançosa, assim que ele desceu do sótão.

“Parece estar tudo bem”, Daniel disse. “Houve alguns danos. Difícil de dizer. Não sabemos qual a extensão das avarias até a próxima grande tempestade. Então, infelizmente, poderemos ficar sabendo da pior maneira possível”. Ele suspirou. “Desde que não aconteça nenhuma outra tempestade em breve, acho dá pra levar”.

“Vamos cruzar os dedos”, Emily disse, com uma voz fraca.

“O que foi?” Daniel perguntou, percebendo que ela estava triste.

“Só estou achando um pouco depressivo”, Emily falou. “Andar pela casa para descobrir o que está quebrado ou danificado. Por que não trabalhamos lá fora, ao invés? Pelo menos, o sol está brilhando”.

O dia estava lindo. A tempestade parecia ter afugentado a primavera, deixando o verão em seu rastro.

“Tive uma ideia”, Daniel falou. “Ainda não lhe mostrei o canteiro de rosas que plantei, mostrei?”

“Não”, Emily disse. “Gostaria de vê-lo”.

“É por aqui”.

Ele a pegou pela mão e lhe dirigiu pelo jardim e então por um caminho estreito, na direção do mar. Enquanto caminhavam pela ladeira coberta de seixos, Emily pôde ver o oceano. A vista era de tirar o fôlego.

A vegetação à frente deles dava a impressão que o caminho não levaria a lugar algum, a não ser para um trecho em que o mato e arbustos haviam crescido demais. Mas Daniel a levou direto para ele, e então afastou um grande galho.

“Está um pouco escondido, fora do caminho. Tenha cuidado para suas roupas não ficarem presas”.

Curiosa, Emily se enfiou pela abertura que Daniel havia criado. O que ela viu quando emergiu do outro lado suspendeu sua respiração por um instante. Rosas, em todas as cores concebíveis, estavam por todo lugar. Vermelhas, amarelas, cor de rosa, brancas, até negras. Se pisar no salão de baile e ver a luz passar pelo vidro Tiffany havia-lhe despertado um senso de reverência, isto era ainda melhor.

Emily girou, num círculo, se sentindo viva e livre, como não se sentia há anos.

“Sobreviveu à tempestade”, Daniel disse, enquanto emergia pela folhagem, atrás dela. “Eu não estava certo de que conseguiria”.

Emily se voltou e envolveu-o em seus braços, deixando os cabelos caírem livremente pelas suas costas. “É incrível. Como escondeu isto de mim?”

Daniel apertou-se contra o corpo dela, sentindo o seu perfume enquanto se misturava ao pungente aroma das rosas. “Não trago todas as minhas namoradas aqui”.

Emily se afastou um pouco para poder olhar nos olhos dele. “É isso que estamos fazendo? Namorando?”

Daniel levantou uma sobrancelha e sorriu. “Você me diz”, ele falou, sugestivo.

Emily se levantou na ponta dos seus dedos e deu um suave e doce beijo em seus lábios. “Isso responde à sua pergunta?” ela perguntou, sonhadora.

Ela se afastou do abraço dele e passou a examinar o canteiro de rosas mais cuidadosamente. As cores eram incríveis.

“Há quanto tempo está aqui?” perguntou, admirada.

“Bem”, Daniel falou, sentando-se no chão, numa pequena clareira. “Eu as plantei depois que voltei do Tennessee. Jardinagem e fotografia. Eu não era especialmente masculino quando era mais novo”, ele acrescentou, rindo.

“Bem, você é muito homem agora”, Emily replicou, com um sorriso. Ela foi até onde Daniel estava deitado, relaxado como um gato, com a pele salpicada pelos raios do sol e por sombras. Ela se deitou ao lado dele e descansou a cabeça em seu peito, sentindo-se sonolenta, quase desejando tirar um cochilo ali. “Quando você esteve no Tennessee?” ela perguntou.

“Não foi um período muito bom na minha vida”, Daniel disse, sua voz revelando que ele se sentia muito desconfortável ao falar sobre o assunto. Daniel sempre foi muito reservado, falando pouco sobre si mesmo. Ele era mais uma pessoa de ação, alguém prático. Conversar, sobretudo sobre assuntos de forte carga emocional, não era seu forte. Mas Emily compartilhava isso com ele. Expressar-se era algo com o qual ela também lutava. “Eu era jovem”, Daniel continuou. “Vinte anos. Eu era burro”.

“Algo aconteceu?” Emily perguntou, gentilmente, cuidadosa para não assustá-lo. Sua mão estava sobre seu peito, acariciando seus músculos sob o tecido de sua camiseta.

Quando Daniel falou, ela podia escutar através do ouvido dela que descansava sobre o peito dele, e sua voz enviava vibrações que reverberavam por todo o seu corpo.

“Eu fiz algo do qual não me orgulho”, ele disse. “Foi por um bom motivo, mas isso não é desculpa”.

“O que você fez?” Emily perguntou? Ela tinha certeza de que, não importava o que ele dissesse, não diminuiria de forma alguma os sentimentos que começava a nutrir por ele.

“Eu fui preso no Tennessee. Por atacar um homem. Eu tinha uma namorada. Mas ela tinha um marido”.

“Ah”, Emily disse, percebendo aonde esta conversa poderia levar. “E imagino que o marido era o homem que você atacou?”

“Sim”, Daniel replicou. “Ele era violento. Ameaçava-a, sabe? Ela o havia deixado muito tempo antes de eu conhecê-la, mas esse cara continuava rondando. Estava ficando assustador. Os policiais não estavam fazendo nada”.

“O que você fez?” Emily perguntou.

“Bem, quando ele apareceu novamente, ameaçando matá-la, eu lhe dei uma lição. Garanti que ele nunca mais apareceria na porta dela. Dei-lhe uma surra. Ele foi parar no hospital”.

Emily estremeceu ao pensar em Daniel esmurrando alguém com tanta força que ele teve que ser hospitalizado. Ela quase não podia conciliar todas as versões sobre ele que abrigava até agora em sua mente: o fotógrafo em fuga, sensível e mal-compreendido; o brutamontes jovem e burro, e o homem que plantou um jardim de rosas multicoloridas. Mas a pessoa que ela havia sido há apenas alguns meses, enquanto namorava Ben, era completamente diferente de quem ela era agora. Apesar do velho ditado afirmar que as pessoas nunca mudam, sua experiência de vida mostrava o oposto: as pessoas sempre mudavam.

“O fato é”, Daniel falou, “ela acabou comigo depois disso. Disse que eu a assustava. Seu ex-marido fez o papel de vítima e ela voltou para ele. Ele a controlava tanto que, depois de tudo, foi capaz de manipulá-la e trazê-la bem para o ponto onde a queria. Eu me senti muito traído”.

“Você não deveria se sentir traído. Ela voltar para ele teve muito mais a ver com o controle dele sobre ela do que com o amor que ela sentia por você. Eu sei. Eu...” Emily não pôde continuar. Ela nunca havia falado para alguém o que estava prestes a dizer a Daniel. Nem mesmo para Amy. “Eu sei como é”, ela finalmente disse. “Eu já estive num relacionamento emocionalmente abusivo uma vez”.

Daniel parecia surpreso.

“Não gosto de falar sobre isso”, Emily acrescentou. “Eu também era jovem, ainda era adolescente, na verdade. Tudo ia muito bem, até eu ter que ir embora para cursar a faculdade; achei que o amava. Estávamos juntos há mais de um ano, o que parecia muita coisa na época. Mas quando eu disse que queria estudar em outro Estado, algo nele mudou. Ele se tornou muito ciumento, parecia estar convencido de que eu o trairia assim que partisse. Eu terminei com ele por causa da maneira terrível como estava se comportando, mas ele ameaçou se matar se eu não o aceitasse de volta. É assim que começa a manipulação. O controle. Eu terminei ficando com ele por medo”.

“Ele fez você desistir de sair do Estado para ir à faculdade?”

“Sim”, ela disse. “Eu abri mão de um sonho, apesar de ser tratada como lixo por ele. E você está ciente que o que está acontecendo é loucura, mas você prega todas essas peças psicológicas em si mesmo, reescrevendo situações que você sabe, em seu coração, que não são certas, mas dizendo a si própria que é um sinal do quanto você é amada. Para todo mundo que vê de fora, parece loucura. Quando acaba, parece loucura para você também. Mas quando você está lá, vivendo aquilo, encontra maneiras de fazer com que tudo faça sentido”.

“O que aconteceu com ele, afinal?”

“Bem, ironicamente, *ele* me *traiu*. Fiquei devastada na época, mas não levou muito tempo para eu ver o quanto aquilo era uma bênção disfarçada. Eu tremo só de pensar no que teria acontecido se ele não tivesse terminado comigo. Eu ficaria com ele pelo tempo que me quisesse por perto, e qualquer dano que ele já tinha me feito só iria piorar”.

Ambos ficaram em silêncio. Daniel acariciou o cabelo dela.

“Quer ir até os penhascos à beira-mar comigo?”, ele disse, de repente.

“Claro”, Emily concordou, um pouco surpresa com a sugestão, mas animada ao mesmo tempo. “Como chegamos lá?”

“De moto”.

“De moto? Com sua moto?” Emily balbuciou.

Emily nunca havia andado de moto. Ficou ao mesmo tempo animada e assustada.

Eles saíram do canteiro de rosas e caminharam até os fundos da casa. Daniel pegou sua moto na garagem, um dos prédios anexos que felizmente havia sobrevivido à tempestade. Enquanto ele preparava a moto para a viagem, Emily foi conferir se Mogsy e seus filhotes estavam bem. Chuva ainda estava lutando pela vida. Ela o levou até a teta de sua mãe e

acariciou a cabeça da cadela. Mogsy olhou para ela com olhos grandes e gratos, e então lambeu sua mão. Parecia que estava agradecendo a Emily por resgatá-la da tempestade, ao mesmo tempo em que se desculpava por ter latido para ela com medo, quando pensou que Emily estava roubando seus filhotes. Emily sentiu como se houvesse um momento de entendimento entre elas, e pela primeira vez desde que resgatou o animal, achou que talvez pudesse cuidar dela. Talvez, cuidar de outro ser vivo fosse exatamente a peça que faltava na sua vida.

“Você está indo muito bem”, ela disse para Mogsy. “Agora, durma um pouco. Volto em breve”.

Mogsy fez um barulho de satisfação, e então deixou sua cabeça afundar entre suas patas dianteiras.

Enquanto Emily fechava suavemente a porta da sala de estar, ela ouviu o som de um motor dando a partida e correu para o lado de fora. Daniel estava lá, sobre a moto, sorrindo para ela. Emily pulou na garupa e abraçou-se a ele. Daniel girou o controle do acelerador e a moto partiu, rugindo.

*

O vento sacudia o cabelo de Emily. Ela se sentia livre e viva. O brilho do sol aquecia sua pele. O litoral rochoso do Maine era lindo, oferecendo um ângulo totalmente novo de Sunset Harbor, que ela nunca havia visto antes. Ela estava adorando estar aqui em cima, sentindo o gosto do ar marítimo, sentindo o perfume das árvores em flor, ouvindo as ondas quebrarem ao longe.

“Isto é incrível!” Emily gritou, sentindo-se tonta de tanta felicidade.

Daniel a levou por toda a estrada ao longo da falésia, e em seguida começaram a subir a encosta, correndo numa velocidade tão alta que fez o estômago de Emily revirar.

Eles percorreram todo o caminho ao longo da estrada que margeava a costa, e então pararam na marina. Assim que a moto parou, ele a ajudou a descer.

“Foi divertido?” ele perguntou, apertando sua mão.

“Emocionante”, Emily respondeu, com um sorriso. “Eu nunca estive aqui antes”, ela disse.

“É aqui que guardo meu barco”, Daniel disse. “Venha”.

Ela o seguiu ao longo do caminho da marina, passando por barcos a remo e lanchas, que estavam amarradas. Bem no final, havia um barco pequeno e enferrujado, que parecia abandonado e precisando de manutenção.

“Este é o seu?” Emily perguntou.

Daniel fez que sim com a cabeça. “Não é muita coisa, eu sei. Nunca consigo começar a consertá-lo para devolvê-lo à água.

“Por quê?” Emily perguntou.

Daniel não falou por um longo tempo. Por fim, disse apenas: “Não tenho ideia”. Então, olhou novamente para ela. “Acho que deveríamos voltar para casa. Eu posso consertar a porta da cozinha para você”.

Emily tocou suavemente no braço dele. “Você me deixará ajudá-lo? Com o barco? Posso usar um pouco das minhas economias.”

Daniel parecia sinceramente surpreso – e emocionado.

“Ninguém nunca se ofereceu para pagar algo para mim antes”, ele disse.

Pensar nisso a deixou triste.

“Obrigado”, ele disse. “Isso significa muito para mim. Mas não posso aceitar”.

“Mas eu quero”, Emily garantiu. “Você tem me ajudado tanto. Quero dizer, você poderia estar consertando seu barco agora mesmo ao invés de vir para minha casa consertar minha porta! Por favor. Deixe-me ajudá-lo. Do que precisa? Um motor novo? Uma camada de pintura? Poderia ser nosso próximo projeto. Primeiro, consertar a casa, e então consertar o barco?”

Daniel desviou os olhos, sem querer encará-la. Emily notou que ele estava refletindo. Ele deu de ombros e colocou as mãos nos bolsos. Então, olhou de volta para a moto, como se indicando silenciosamente que estava pronto para deixar este lugar, que ele já estava farto de pensar no seu barco e no estado de abandono que permitiu que o barco se encontrasse.

Finalmente, ele falou, suspirando longa e pesadamente:

“Eu só não sei se a casa ou o barco bastarão para consertar nossas vidas”.

Capítulo Catorze

Com os braços cheios de compras, Emily chegou até o carro com esforço e jogou tudo na mala. Era a noite da festa. Vinte pessoas haviam confirmado presença e Emily descobriu que estava ansiosa para recebê-las. Ela havia acordado cedo naquele dia, para preparar o ensopado de carne na panela elétrica. As sobremesas já estavam prontas; ela as havia preparado na noite anterior e estavam na geladeira, para endurecer durante a noite. O que significava que, quando chegasse em casa, tudo o que teria a fazer era decorar e finalizar a opção vegetariana de risoto, uma hora antes da chegada dos convidados.

Ela sorria satisfeita enquanto dirigia de volta para casa, saboreando a oportunidade de organizar e planejar, algo que ela tinha se privado de fazer durante os sete anos de namoro com Ben.

Ao entrar no caminho que levava à casa, notou que Daniel não estava em lugar nenhum no jardim. Ela pegou as compras da mala e entrou, e então as colocou sobre a mesa da cozinha. Prestou atenção nos sons ao redor, mas não pôde ouvir as batidas do martelo e o ruído da furadeira vindo de lugar nenhum da casa. Era estranho Daniel não estar por perto, mas Emily não deu tanta importância e começou a decorar os ambientes. Ela colocou velas em todo lugar, e então pôs flores frescas nos vasos, tanto na mesa de café quanto na de jantar, os dois cômodos em que planejava realizar a festa, mas também fez questão de arrumar a cozinha, sabendo como as pessoas tendiam a migrar ao redor desse cômodo em festas, sobretudo em busca de mais bebida. Ela pendurou bandeirolas ao redor da sala de estar, colocou uma grande tigela de *potpourri* no banheiro, e arrumou a mesa com a sua prataria mais elegante – peças de valor que havia garimpado das montanhas de lixo. Ela colocou vinho tinto nos lindos decantadores de cristal que encontrara num armário da cozinha.

Emily realocou os filhotes no quarto dos fundos da área de serviço, para poder usar a sala de estar para a festa. Seu plano era socializar e servir os aperitivos na sala de estar, e, em seguida, servir os pratos na sala de jantar.

O relógio marcou 17h, então, ela começou a trabalhar no risoto. Ao entrar na cozinha, o cheiro do ensopado que havia cozinhado em fogo baixo o dia todo chegou às suas narinas e lhe deu água na boca. Ela havia perdido o hábito de cozinhar quando namorava com Ben – ele preferia sair para jantar – e estava adorando fazer isso agora. Mas, vinte pessoas era muita gente para alimentar, então, foi um pouco estressante estimar as quantidades e o tempo necessário. Mas, com a ampla cozinha e todos os seus equipamentos à sua disposição, não foi tão ruim como ela pensava que seria. Ela apenas se perguntava onde Daniel estava. Ele deveria estar aqui, ajudando-a a preparar o jantar; ele era o auto-proclamado *chef*, afinal. Mas toda vez que espiava pela janela, Emily não via sinal dele. Nem no terreno ao redor da casa, nem na antiga garagem, que estava às escuras.

Quando ela terminou, foi para seu quarto e mudou de roupa. Pareceu estranho se arrumar após tantos meses sem usar nem mesmo um delineador, mas ela gostou dos antigos rituais. Escolheu um visual ousado, com lábios vermelhos e rímel preto, que realçavam a cor dos seus olhos. O vestido que ela havia escolhido era de um azul elétrico e que realçava as curvas do

seu corpo. Ela usava saltos que combinavam com o look, e então finalizou o conjunto com um bracelete de prata. Depois de pronta, deu um passo para trás e se admirou no espelho. Havia se transformado completamente e riu com prazer.

Faltavam quinze minutos para as sete, então, Emily acendeu todas as velas perfumadas, dando ao seu perfume tempo para se espalhar pela casa, e então foi conferir o ensopado e o risoto.

Depois que tudo estava pronto, Emily foi procurar por Daniel novamente. Ela foi até a casa dos fundos, mas ele não estava lá. Foi quando notou que a moto não estava na garagem. Ele deve ter saído para outro passeio.

Momento perfeito para isso, ela pensou, olhando para o relógio. Ele deveria estar aqui. Ela não queria ser pegajosa, mas não podia deixar de se preocupar, sobretudo quando Daniel ainda não havia voltado e os primeiros convidados começaram a chegar.

Emily teve que tirá-lo da mente e colocar sua máscara social sobre o rosto.

Ela abriu a porta e viu Charles Bradshaw, do restaurante de frutos do mar, e sua esposa, Barbara, nos degraus. Ele deu a ela uma garrafa de vinho tinto; ela lhe deu flores.

“É muita gentileza de vocês”, Emily disse.

“Nem posso acreditar no que vejo”, Charles disse, olhando ao redor. “Você restaurou a casa lindamente. E rápido”.

“Ainda não está terminada”, Emily disse. “Mas, obrigada”.

Ela pegou os casacos deles e os dirigiu até a sala de estar, que despertou novos elogios e expressões de admiração. Antes de ter a chance de oferecer-lhes algo para beber, a campainha soou novamente. As pessoas em Sunset Harbor pareciam ser bem pontuais.

Ela abriu a porta e viu Birk de pé, sozinho. Ele se desculpou pela sua esposa, que estava se sentindo meio indisposta. Então, ele falou, “É verdade mesmo. Não foi seu fantasma que veio me visitar em meu posto de gasolina. Você realmente ficou aqui sozinha!” Ele começou a rir e apertou a mão dela.

“Eu também mal posso acreditar”, Emily falou, rindo. Ela ia acrescentar que não estava fazendo tudo sozinha, que Daniel a estava ajudando, mas já que ele não estava lá, as palavras de alguma forma não saíram de sua boca. Ela percebeu então que se sentiu decepcionada com a audiência dele.

Emily levou Birk até a sala de estar. Ela não precisou apresentá-lo; ele já conhecia Charles e Barbara.

A campainha tocou novamente e Emily abriu a porta para Cynthia. Ela tinha uma pequena livraria na cidade. Seus cabelos encaracolados eram de um vermelho vivo, e ela sempre usava roupas que se chocavam terrivelmente com eles. Naquela noite, estava vestindo um estranho conjunto verde-limão e roxo que não fazia nada para disfarçar seus quilinhos a mais, com batom vermelho e esmalte verde nas unhas. Emily sabia que Cynthia tinha a fama de ser desbocada e um pouco escandalosa, mas a havia convidado de toda forma, por boa vontade. Talvez ela oferecesse um pouco de entretenimento para os outros convidados, se realmente fizesse jus a sua fama!

“Emily!” Cynthia exclamou, sua voz tão estridente que chegava a doer.

“Olá, Cynthia”, Emily replicou. “Muito obrigada por vir”.

“Bem, você sabe o que dizem em Sunset Harbor. 'Não é uma festa sem Cynthia'”.

Emily suspeitou que uma frase assim nunca havia sido dita por ninguém em Sunset Harbor. Ela fez um gesto para Cynthia, indicando-a o caminho para se juntar aos outros na sala de estar, e então ouviu um grito animado enquanto ela saudava os outros convidados com igual entusiasmo e volume.

A campainha tocou de novo e, quando Emily abriu a porta, viu a Dr^a. Sunita Patel e seu marido, Raj, no batente. Um pouco atrás, Serena ajudava Rico a caminhar ao longo do jardim.

“Eu vi a árvore em seu gramado”, Dr^a Patel falou, beijando Emily no rosto e dando a ela uma garrafa de vinho. “A tempestade também nos atingiu feio”.

“Ah, eu sei”, Emily respondeu. “Foi bem assustador”.

Raj apertou sua mão. “É um prazer conhecê-la. Eu sou paisagista, aliás, então, se quiser que eu cuide daquela árvore caída, ficarei muito feliz. Apareça quando quiser. Sou dono da jardineira da cidade”.

Emily havia passado pela bela loja de jardinagem com suas vitrines exibindo flores lindas e cestas pendentes várias vezes, durante suas idas à cidade. Ela quis entrar em mais de uma ocasião para conferir todas as banheiras para pássaros, relógios de sol e topiários, mas ainda não havia tido a chance.

“Poderia fazer isso?” Emily perguntou, impressionada pela generosidade dele. “Seria incrível”.

“É o mínimo que posso fazer por você nos receber em sua casa”.

Raj e Sunita foram até a sala de estar e Emily voltou sua atenção para Serena e Rico, que quase tinham chegado no batente da porta. Serena estava linda, num vestido preto com um profundo decote nas costas e gargantilha dourada, seus cabelos negros e ondulados soltos, os lábios, num belo tom de vermelho.

“Conseguimos!” ela sorriu, estendendo um braço ao redor do pescoço de Emily, abraçando-a.

“Fico muito feliz”, Emily disse. “Você é a única convidada que eu realmente conheço”.

“Sério?” Serena disse, rindo. “E quanto ao Sr. Bolinho de Carne?”

Emily balançou a cabeça. “Ah, Deus, nem fale nele agora”.

Serena fez uma careta. Emily riu e voltou sua atenção para Rico.

“Obrigada por vir, Rico”, ela disse. “Estou muito feliz em vê-lo”.

“É muito bom sair de casa na minha idade, Ellie”.

“Emily,” Serena corrigiu.

“Foi o que eu disse”, Rico replicou.

Serena revirou os olhos, e os dois entraram no hall. Emily não teve a chance de fechar a porta, porque viu Karen estacionando na rua. Dentre os convidados que Emily achava que não confirmariam presença, Karen era a principal. Mas talvez o fato dela ter feito todas as compras para a festa no seu mercado tenha balançado a mulher e a conquistado. Havia sido uma soma de dinheiro bem grande para gastar numa pequena loja local.

Então, logo atrás de Karen, Emily viu o prefeito. Ele não havia confirmado que viria! Ela

estava chocada dele querer vir para sua humilde festa, mas preocupada, ao mesmo tempo, achando que não teria comida suficiente para alimentar todo mundo.

Karen foi a primeira a chegar na porta, e Emily a saudou.

“Eu trouxe um dos meus pães de orégano e tomate seco”, Karen falou, dando a ela uma cesta com um cheiro delicioso.

“Ah, Karen, não precisava”, Emily disse, pegando a cesta.

“Na verdade, é uma tática de negócios”, Karen falou num tom apressado, pelo canto da boca. “Se este grupo gostar, eles virão até a loja para se abastecer!” Então, piscou.

Emily sorriu e se afastou um pouco para deixá-la entrar. Ela não estava certa sobre Karen, mas parecia que a usual simpatia da mulher havia retornado.

Emily então se voltou para ficar face a face com o prefeito. Ela o recebeu educadamente e apresentou sua mão para ele apertar.

“Obrigada por vir”, ela disse.

O prefeito olhou para a mão dela, e então a puxou num abraço apertado. “Estou feliz por você finalmente estar abrindo seu coração para nossa pequena cidade”.

A princípio, Emily se sentiu desconfortável ao ser abraçada pelo prefeito assim, mas as palavras dele a emocionaram e ela relaxou.

Finalmente, todos os convidados estavam na casa, a maioria, reunida na sala de estar, e Emily teve a chance de se socializar com eles.

“Eu estava dizendo ao Rico aqui”, Birk disse a ela, “que você deveria pensar em transformar este lugar novamente numa pousada”.

“Eu não sabia que costumava ser uma”, Emily replicou.

“Ah, sim, antes do seu pai comprar a casa”, Rico disse. “Acho que foi uma pousada dos anos 50 até meados da década de 80”.

Serena riu e deu batidinhas na mão de Rico. “Ele não pode se lembrar do meu nome, mas se lembra disso”, ela disse, sorrindo com o canto da boca.

Emily riu.

“Aposto que era rentável”, Birk acrescentou. “E é justamente o tipo de lugar que essa cidade precisa”.

Quanto mais ela falava com as pessoas, mais Emily percebia o quanto eram graciosas. A ideia dela transformar a casa numa pousada parecia se espalhar como fogo, e quanto mais pensava sobre isso, melhor a ideia lhe parecia. Quando era mais nova, realmente tinha o sonho de trabalhar numa pousada, mas depois de se tornar uma adolescente ativa, ela perdera a confiança em sua habilidade de se conectar às pessoas. O abandono de seu pai fora um impacto muito grande, e, desde então, havia adotado uma postura reservada e hostil. Mas a cidade a havia abrandado. Será que ela ainda tinha dentro de si o necessário para ser uma graciosa anfitriã?

Era hora de servir os pratos, então Emily guiou todo mundo para a sala de jantar. Houve várias exclamações de admiração quando todo mundo entrou e viu o cômodo renovado.

“Lamento não poder mostrar o salão de baile para vocês”, Emily disse. “A janela foi danificada pela tempestade, então, está tudo coberto por tábuas novamente”.

Ninguém parecia se importar. Eles estavam encantados pela sala de jantar. Tudo foi elogiado, do arranjo floral de Emily até a cor do tapete, assim como a escolha do papel de parede.

“Você tem bastante talento para arranjos de flores”, Raj disse, parecendo impressionado.

“E essas cadeiras não são adoráveis?” Serena brincou, passando os dedos pelas cadeiras da sala de jantar que ela havia ajudado Emily a escolher na loja de antiguidades de Rico.

Levou um bom tempo para acomodar todos em seus lugares. Assim que estavam sentados, Emily foi até a cozinha para começar a servir. O som do burburinho que vinha da sala de estar a fez sentir querida.

Ela foi até a cozinha e rapidamente conferiu como Mogsy e os filhotes estavam, na área de serviço. Estavam todos dormindo com satisfação, como se não se importassem com o resto do mundo. Então, ela voltou à cozinha e começou a servir a comida.

“Quer ajuda?” A voz de Serena veio da porta.

“Por favor”, Emily disse. “Isso está me trazendo lembranças terríveis de meu tempo como garçoneiro”.

Serena riu e ajudou a equilibrar cinco pratos nos braços de Emily. Serena fez o mesmo, e juntas elas foram até a sala de jantar, onde ouviram vários “oohs” e “aahs”, deliciados.

Emily não pôde deixar de se sentir um pouco frustrada. Daniel deveria estar presente para ajudá-la. Ela havia pensado naquele jantar como um tipo de “festa-revelação” para ambos. Ela queria ver como as pessoas reagiriam ao vê-la com alguém local, com um deles. Ela pensou que, no mínimo, iria granjear alguns sorrisos de satisfação. Mas Daniel havia desaparecido, deixando-a sozinha para fazer tudo.

Assim que todo mundo estava servido – e, felizmente, havia justo o bastante para alimentar a todos – o jantar começou.

“Emily, seu pai frequentou uma escola católica, não foi?” o prefeito perguntou.

O garfo que estava a meio caminho da boca de Emily subitamente parou. “Ah”, ela disse, sem graça. “Na verdade, eu não sei”.

“Estou certo de que compartilhamos algumas histórias de freiras más”, o prefeito disse rapidamente, sentindo o desconforto de Emily ao falar sobre seu pai.

Cynthia, por outro lado, parecia distraída. “Ah, seu pai, Emily. Ele era um cara incrível”, exclamou. Ela mantinha sua taça elevada no ar. O vinho tinto dançava precariamente perto da borda toda vez que ela gesticulava, o que acontecia com frequência. “Eu lembro, uma vez, deve ter sido há pelo menos vinte anos, porque foi antes do nascimento de Jeremy e de Luke, quando eu ainda tinha cintura”. Ela parou e gargalhou.

Emily não a corrigiu, explicando que tinha que ter sido há pelo menos vinte anos, mas ela podia dizer, a partir da atmosfera estranha ao redor da mesa e pelo fato dos convidados estarem desviando o olhar, que muitas pessoas estavam pensando nisso e se sentindo mal por causa dela.

“Foi a primeira vez que ele veio à minha loja”, Cynthia continuou, “e estava perguntando por este livro muito específico, uma edição antiga, que estava esgotada. Não me lembro do título, mas tinha algo a ver com fadas das flores. Eu sabia que ele havia se mudado para a casa

na Rua Oeste e eu o havia visto algumas vezes, sempre sozinho. Então, estou olhando para este homem adulto, ficando um pouco nervosa, me perguntando para que ele quer a edição de colecionador de um livro sobre fadas. Continuo a pensar que devo ter entendido errado o que ele disse, e caminho pela livraria mostrando-lhe todos esses livros diferentes com títulos similares, e ele fica dizendo: 'Não, não é este. É sobre fadas'. Eu não tinha, então, tive que encomendá-lo, o que aumentou ainda mais o preço. Ele não parecia ligar nem um pouco, então, começo a achar que estava realmente determinado a obter essa edição de colecionador de um livro sobre fadas. Algumas semanas mais tarde, o livro é entregue e eu ligo para ele, para dizer que já podia vir buscá-lo. Estou um pouco nervosa, mas, quando ele entra na loja, está empurrando uma adorável menininha num carrinho de bebê. Aquela devia ser você, Emily. O alívio que eu senti, você não ia acreditar!”

Houve um momento de silêncio ao redor da mesa enquanto as pessoas olhavam para Emily, tentando descobrir qual seria a maneira mais apropriada de reagir. Quando viram que ela estava começando a rir, eles também riram, aliviados. Houve um momento em que era possível sentir a tensão deles sendo liberada.

Cynthia finalizou sua anedota. “Comentei que achava você jovem demais para ler o livro, mas ele disse que era para quando você fosse mais velha, que a mãe dele tinha uma cópia da obra e que queria que sua filha tivesse uma também. Não é a coisa mais linda que já ouviram?”

“Sim”, Emily disse, sorrindo. “Eu nunca tinha ouvido essa história antes”.

Emily sentiu-se grata por Cynthia dar a ela outra bela lembrança que podia guardar com carinho. Também a havia deixado triste, pois sentia ainda mais a falta de seu pai.

Depois da história de Cynthia, a conversa rapidamente se voltou para a ideia de transformar a casa numa pousada.

“Acho que você deveria fazer isso”, Sunita disse. Transformar este lugar numa pousada. Você teria mais chance de obter sua licença, pois beneficiaria todo mundo na cidade”.

“Verdade”, o prefeito disse. “Também protegeria você de Trevor”.

Emily sorriu. Ela estava tendo a distinta impressão de que a comunidade antipatizava totalmente com Trevor Mann, e que ele não representava mesmo qualquer uma das pessoas que estavam ao redor da mesa de jantar dela.

“Bem”, Emily disse, bebendo um pouco do seu vinho, “é uma ideia adorável. Mas eu só tenho dinheiro para mais três meses antes de ficar sem nada”.

“É o bastante para reformar um dos quartos?” Birk perguntou.

“Bem pensado”, Barbara se juntou à conversa. “A sala de jantar, a de estar e a cozinha já estão prontas. Se você tivesse um quarto, já poderia começar. *Voilà*. Uma pousada”.

Ela tinha razão. Todos tinham. Emily só precisava disso para tirar seu sonho do papel. Uma parte suficiente da casa e do terreno ao redor já estava num nível que os hóspedes iriam gostar. Se ela baixasse um pouco suas exigências de perfeição – apenas para conseguir o primeiro cliente, por exemplo – isso seria possível assim que ela renovasse um quarto. Então, com uma pequena renda entrando, poderia reinvestir no negócio, reformar outro quarto e crescer lentamente, dessa forma.

“Bem, Barbara”, Karen disse, “ela precisaria servir café da manhã também”.

Todo mundo riu.

“Engraçado”, Raj falou, “eu tenho algumas galinhas que preciso realocar. Você poderia ficar com elas e então teria ovos frescos para o café da manhã!”

“E você já prepara o melhor café da cidade”, o prefeito disse. “Sem querer ofender, Joe”.

Todo mundo olhou para o dono da lanchonete.

“Sem problema!” ele riu. “Eu sei que o café não é meu ponto forte. Eu ficaria muito feliz em endossar o negócio de Emily”.

“Eu também”, Birk disse.

“E se você precisar de qualquer conselho”, Cynthia acrescentou, “eu ficaria muito feliz em compartilhar meus conhecimentos. Fui gerente de uma pousada durante meus vinte anos. Não sei como eles pensaram que eu era responsável o bastante para fazer isso, mas o lugar não faliu na minha gestão, então, acho que estavam certos!”

Emily não podia acreditar no que estava ouvindo. Todas essas pessoas estavam dispostas a ajudá-la. Era uma sensação incrível, e ela estava maravilhada pela generosidade deles, assim como por suas palavras gentis. E pensar que ela havia sido tão desatenciosa quando chegou na cidade. Como as coisas mudaram em poucos meses.

Mas a alegria dela não estava completa por uma coisa. Daniel. Ele também vivia na propriedade. A vida dele seria imensamente perturbada se ela abrisse uma pousada. Eles perderiam sua privacidade. Ela não poderia fazer isso sem primeiro falar com ele. De alguma forma, tinha o potencial de funcionar muito bem para ambos. Daniel poderia se mudar para a casa principal com ela e eles poderiam alugar a casa dos fundos como um chalé, ou até como uma suíte nupcial. E o salão de baile seria o local perfeito para realizar casamentos.

Emily começou a divagar. Talvez ela tenha bebido uma taça de vinho a mais, mas foi tomada por um sentimento de otimismo que não sentia há anos. De repente, o futuro parecia promissor, estimulante e seguro.

Ela só se perguntava por que Daniel não estava lá para compartilhar aquele momento com ela.

Capítulo Quinze

Era tarde, e a festa já havia terminado há um bom tempo, quando Emily finalmente ouviu o som da moto de Daniel vindo da rua e entrando no caminho que levava até a casa. Ela saiu da cama e, pela janela, viu quando ele tirou o capacete e caminhou para a casa dos fundos.

Emily se envolveu em seu robe e calçou seus chinelos. Ela desceu as escadas e foi até a porta da frente. A grama estava macia enquanto caminhava pelo gramado na direção da casa dele. Havia luz vindo de dentro, iluminando a grama do lado de fora.

Ela bateu na porta e então recuou um pouco, envolvendo os braços ao redor do próprio corpo para se proteger do frio ar noturno.

Daniel atendeu o chamado. Algo na expressão em seu rosto disse a ela que ele já sabia por que ela estava ali.

“Onde esteve?” ela perguntou. “Você perdeu a festa”.

Daniel respirou fundo. “Por que você não entra? Podemos conversar tomando um chá ao invés de ficarmos em pé aqui, no frio”. Ele segurou a porta para ela. Emily entrou.

Daniel preparou chá para ambos e Emily permaneceu calada o tempo todo, esperando que ele fosse o primeiro a falar, a explicar seu comportamento. Mas ele permaneceu de boca fechada e ela não teve outra opção.

“Daniel”, ela disse, com firmeza, “por que você perdeu a festa? Onde esteve? Eu fiquei preocupada”.

“Eu sei. Desculpe. É que eu não gosto daquelas pessoas, entende?” ele disse. “Foram elas que me excluíram quando eu era criança”.

Emily franziu o cenho. “Isso foi há vinte anos”.

“Para essas pessoas, não importa se foi há vinte anos ou vinte minutos”.

“Você era só elogios sobre elas quando estávamos no porto”, Emily falou. “Agora, de repente, você as odeia?”

“Gosto de algumas”, Daniel contestou. “Mas a maioria é gente de cidade pequena, de mente estreita. Acredite em mim, teria sido pior se eu tivesse ido”.

Emily levantou uma sobrancelha. Ela queria dizer a ele que estava errado, que aquelas pessoas se mostraram gentis e divertidas. Que ela estava começando a considerá-las amigas. Mas a última coisa que queria era ter uma discussão com Daniel quando a fase de lua-de-mel deles tinha acabado de começar.

“Por que você não me disse que simplesmente não queria ir à festa?” ela finalmente falou, forçando sua voz a parecer calma. “Senti-me como uma idiota esperando por você”.

“Desculpe”. Daniel suspirou, arrependido, e então colocou uma xícara de chá na frente dela. “Sei que não deveria ter desaparecido daquele jeito. É que sou tão acostumado a estar só, a não ter alguém a quem prestar contas. É parte de quem sou. De repente, ter todas aquelas pessoas por aqui, é demais para lidar, tudo de uma vez”.

Emily se sentiu mal por ele, pela maneira como ele se sentia mais confortável sozinho. Para ela, isso não parecia um traço particularmente feliz de se ter. Mas ainda não era uma desculpa para seu comportamento.

“Quero dizer, apenas Cynthia sozinha teria sido ruim o bastante”, Daniel acrescentou, com um sorriso levado.

Apesar de tudo, Emily riu. “Você podia pelo menos ter me avisado”, ela disse.

“Eu sei”, Daniel replicou. “Se eu prometer não desaparecer desse jeito novamente, você me perdoa?”

Emily não conseguia ficar com raiva dele. “Acho que sim”, concordou.

Daniel pegou na mão dela. “Por que não me conta como foi? Sobre o que vocês conversaram?”

Emily ficou séria. “Você quer que eu lhe conte o que conversei com pessoas que você acabou de dizer que odiava?”

“Não vou odiar vindo de você”, Daniel disse, com um sorriso.

Emily revirou os olhos. Ela queria ficar com raiva de Daniel por um tempinho a mais para ensiná-lo uma lição, mas não pôde se conter. Além do mais, queria lhe dar algumas notícias em relação à pousada, e não podia mais se segurar. Ela tentou abafar seu entusiasmo, mas não pôde.

“Bem, o principal tópico da conversa”, ela disse, “foi transformar a casa numa pousada”.

Daniel quase cuspiu o gole de chá que havia dado. Ele olhou sobre a borda de sua xícara. “Uma o quê?”

Emily ficou tensa, subitamente nervosa sobre compartilhar com Daniel seu novo sonho. E se ele não a apoiasse? Ele tinha acabado de dizer que estar sozinho era parte de quem ele era, e agora ela estava prestes a dizer a ele que a presença de estranhos de todo tipo perambulando pela propriedade poderia se tornar algo corriqueiro.

“Uma pousada”, ela disse, sua voz mais fraca e mais tímida.

“Você quer fazer o quê?” Daniel perguntou, pondo sua xícara sobre a mesa. “Abrir uma pousada?”

Emily envolveu sua própria xícara nas mãos, buscando apoio, e mudou de posição em sua cadeira. “Bem... talvez. Eu não sei. Quero dizer, preciso examinar os valores primeiro. Eu provavelmente nem mesmo serei capaz de tirar o projeto do papel”. Ela estava gaguejando agora, tentando tornar a ideia menos importante, sem saber o que Daniel pensaria dela.

“Mas se pudesse pagar, o que gostaria de fazer?” Ele perguntou.

Emily levantou os olhos e encontrou os dele. “Era o que eu queria fazer quando era mais nova. Era meu sonho, na verdade. Só que não pensei que seria boa nisso, então, desisti de pensar a respeito”.

Daniel colocou a mão dele sobre a dela. “Emily, você seria incrível”.

“Você acha?”

“Eu sei”.

“Então, você não acha que é uma ideia terrível?”

Daniel balançou a cabeça e sorriu. “É uma ótima ideia!”

Ela subitamente se iluminou. “Você realmente acha?”

“Com certeza”, ele acrescentou. “Você seria uma anfitriã incrível. E se precisar de algum dinheiro para investir, ficaria feliz em ajudar. Eu não tenho muito, mas lhe daria tudo o que

tenho”.

Apesar de emocionada pela oferta dele, Emily balançou a cabeça. “Eu não poderia ficar com seu dinheiro, Daniel. Tudo de que eu realmente preciso para começar é um quarto decente e uma cafeteira. Assim que conseguir o primeiro hóspede, posso reinvestir o lucro diretamente no negócio”.

“Mesmo assim”, Daniel disse. “Se precisar de qualquer serviço de reforma, reparos no terreno e coisas do tipo, você sabe que ficarei feliz em ajudar”.

“Verdade?” Emily perguntou. “Faria isso por mim?” Ela pensou novamente na generosidade de Daniel, e como ele esteve ao seu lado quando ela mais precisou. “Você acha mesmo que é uma boa ideia?”

“Sim”, Daniel reassegurou. “Eu adorei. Qual quarto você reformaria primeiro?”

Durante seus últimos três meses reformando a propriedade, eles não tinham feito muitos avanços no andar de cima. Apenas o antigo quarto dos pais de Emily (agora, dela) e o banheiro haviam estavam terminados. Ela teria que escolher outro dos quartos no qual focar.

“Ainda não sei”, Emily falou. “Provavelmente, um dos grandes, na parte de trás”.

“Um com vista para o mar?” Daniel sugeriu.

Emily deu levemente de ombros. “Tenho que pensar mais a respeito primeiro. Mas não levaria muito tempo para reformar, não é? Eu poderia deixá-lo pronto para a alta temporada. Quer dizer, se eu conseguir uma licença”.

Daniel parecia estar de acordo. Durante seu chá, eles conversaram sobre todos os detalhes, a quantidade de tempo e de dinheiro de que precisariam para aprontar um quarto e um menu juntos a tempo para a chegada dos turistas no verão.

“Seria arriscado”, Daniel falou, se recostando na cadeira e olhando para o papel na sua frente, cheio de números e cálculos.

“Seria”, Emily concordou. “Mas deixar meu emprego e largar meu namorado de sete anos foi arriscado e veja o quanto deu certo no final”. Ela esticou o braço e apertou o braço de Daniel. Ao fazer isso, sentiu uma hesitação da parte dele. “Está tudo bem?” ela perguntou, franzindo o cenho.

“Sim”, Daniel falou, levantando-se e recolhendo as canecas vazias. “Só estou cansado. Acho que vou me deitar”.

Emily também ficou de pé, ao perceber, subitamente, que ele estava pedindo para ela ir embora. A paixão das noites anteriores parecia ter se extinguido inteiramente. O romance de sua manhã no jardim de rosas havia se dissipado. A emoção do passeio de moto pelo topo dos penhascos tinha ido embora.

Apertando mais a camisola ao redor de si, Emily se aproximou de Daniel e o beijou no rosto. “Vejo você depois?” ela perguntou.

“Hum-hum”, ele respondeu, sem olhar nos olhos dela.

Confusa e magoada, Emily deixou a casa dele e fez o caminho frio e solitário de volta para sua própria casa, para passar a noite sozinha.

“Bom dia, Rico!” Emily chamou enquanto entrava na feira coberta de antiguidades escura e entulhada de itens, no dia seguinte.

Ao invés de Rico, foi Serena quem surgiu de trás de uma mesa que estava renovando artisticamente. “Emily! Como está indo com o Sr. Gostosura? Não tive a chance de falar com você sobre isso na festa”.

Daniel era a última coisa sobre a qual Emily gostaria de falar naquele momento. “Se você me perguntasse isso dois dias atrás, eu teria dito que tudo estava maravilhoso. Mas agora não tenho tanta certeza”.

“Ah?” Serena disse. “Ele é um daqueles, é?”

“Daquelles o quê?”

“Mergulham fundo demais e ficam paralisados de medo. Já vi isso um milhão de vezes”.

Emily não tinha certeza de como uma mulher na casa dos vinte poderia ter visto qualquer coisa um milhão de vezes, mas não disse nada. No momento, ela não queria se aprofundar numa conversa sobre Daniel.

“Enfim, estou procurando duas peças específicas”, Emily disse, procurando em sua bolsa pela lista que ela e Daniel haviam feito na noite passada, antes dele expulsá-la da casa dele. Ela deu a lista a Serena. “Não estou pronta para comprar nada ainda, só quero pesquisar alguns valores”.

“Claro”, a moça disse, sorrindo. “Vou dar uma procurada”. Ela já estava se dirigindo para o interior da loja, quando pausou. “Ei, tudo isso é para o quarto. É para...”

“Para uma pousada?” Emily sorriu. “É”.

“Que legal!” Serena exclamou. “Você vai mesmo fazer isso?”

“Bem”, Emily disse, “preciso obter a licença primeiro, o que significa ir para a reunião do conselho municipal”.

“Ah, pfff, isso vai ser moleza”, Serena disse, fazendo um gesto despreocupado com a mão. “Isso significa que você não vai voltar para Nova York?”

“Preciso obter a licença primeiro”, Emily repetiu, com um tom de voz levemente mais sério.

“Entendi”, Serena disse, estalando os dedos. “A licença primeiro”. Ela sorriu e se afastou.

Emily sorriu, feliz em saber que pelo menos uma pessoa parecia sinceramente contente por ela ficar em Sunset Harbor, não apenas pelo lucro que ela traria para a região, mas porque gostava dela.

Ela se dirigiu até a prateleira de maçanetas e começou a dar uma olhada. Rico tinha uma coleção que rivalizava com a do pai dela, apesar das de Rico estarem em condições muito melhores. Ela estava pensando em um azul claro para o esquema de cores do quarto, e queria delicadas maçanetas de vidro para a cômoda.

Enquanto examinava a gaveta de maçanetas e puxadores, ela ouviu as vozes de duas pessoas no momento em que entravam na loja, atrás dela.

“Stella me contou que o viu no topo dos penhascos novamente ontem, dirigindo sua moto

por horas e horas”, uma das vozes falou.

Emily parou e se concentrou no que elas estavam dizendo. Será que estavam falando de Daniel? Ele gostava de dirigir sua moto sobre os penhascos, e havia desaparecido por muitas horas ontem.

“E ele foi ao festival no porto, outro dia”, a segunda voz falou.

“Emily sentiu seus batimentos acelerarem. Daniel havia ido ao festival. Bem, assim como todo mundo, mas ninguém mais dirigia uma moto ao longo da estrada que margeava os penhascos da costa. Ela teve certeza de que estavam fofocando sobre Daniel.

“Você não acha que ele se mudou novamente para a cidade, acha?” a segunda voz falou.

“Bem, Stella acha que ele nunca foi embora”, a primeira disse.

“Meu Deus. Sério? Só de pensar nisso, eu tenho arrepios. Você quer dizer que ele tem vivido na velha casa esse tempo todo?”

“Sim, exatamente. Stella me disse que alguém disse a ela que ele estava na venda de garagem que a garota nova fez lá outro dia”.

Emily sentiu seu corpo todo gelar enquanto as vozes continuavam a fofocar.

“Sério? Deus me livre e guarde. Alguém precisa avisar a ela!”

Certa agora de que as mulheres estavam falando sobre Daniel, Emily emergiu das sombras. “Avisar-me sobre o quê?” ela disse, friamente.

As duas mulheres pararam e olharam para ela como coelhos pegos na estrada, sob as luzes dos faróis.

“Vocês ouviram o que eu disse”, Emily repetiu, “avisar-me sobre o quê?”.

“Bem”, a primeira mulher começou, sua voz, agora, subitamente trêmula. “Foi Stella quem disse que o havia visto”.

“Visto quem?”

“O filho de Morey, eu esqueci seu nome. Dustin. Declan”.

“Douglas”, a outra mulher contou à primeira, confiante.

“Não, é um nome mais exótico. Não é muito comum”, a primeira contestou.

Emily cruzou os braços e levantou uma sobrancelha. “É Daniel. E o que tem ele?”

“Bem”, a primeira mulher falou, “ele tem uma péssima fama”.

“Péssima fama?” Emily perguntou.

“Com as mulheres”, ela acrescentou. “Ele deixou muitas mulheres com o coração partido, esse Declan”.

“Douglas”, a segunda mulher disse.

“*Daniel*”, Emily corrigiu as duas.

A primeira mulher balançou a cabeça. “Não é Daniel, querida. Não consigo me lembrar de seu nome, mas, definitivamente, não é Daniel”.

“Estou dizendo a você, é Douglas”, a segunda mulher disse.

Emily estava começando a se irritar. Ela não queria acreditar que as mulheres estavam falando sobre Daniel – sobre as mulheres em seu passado – mas não pôde evitar a dúvida desconfortável que elas estavam incutindo em sua mente. “Veja, tenho certeza de que tudo isso foi há muito tempo. As pessoas mudam. Daniel não é mais assim e não vou entrar em

discussão sobre isso com vocês. Deviam cuidar das suas próprias vidas, entenderam?”

A primeira mulher fechou a cara. “Não é Daniel! Sinceramente, menina, eu moro nesta maldita cidade há mais tempo do que você. O nome daquele garoto não é Daniel”.

A segunda mulher bateu as mãos uma na outra. “Lembrei. Dashiell”.

“Sim, é isso! Dashiell Morey.”

Nesse momento, Serena reapareceu. Ela parou no meio do caminho quando viu as duas mulheres mais velhas paradas lá e Emily com uma expressão atônita.

“Eu tenho que ir”, Emily falou, virando-se e caminhando para a saída.

“Espere, e sua lista?” Serena falou, enquanto Emily desaparecia.

Assim que saiu da loja, sob o sol da primavera, Emily se inclinou e começou a respirar fundo. Sentiu que estava hiperventilando. Sua cabeça parecia estar girando. Apesar de saber que aquelas senhoras eram apenas duas velhas intrometidas, não pôde deixar de se sentir sacudida pelo que haviam dito, de quão certas elas estavam sobre o nome de Daniel, sobre suas indiscrições passadas com as mulheres. E apesar de Emily ter estado com Daniel em mente, corpo e alma, ela teve a súbita, assustadora percepção de que não o conhecia bem de jeito nenhum, que ninguém podia realmente conhecer totalmente uma pessoa, de toda forma. Seu pai havia lhe ensinado isso. Se um pai de família amoroso podia abandonar sua família e nunca mais ser visto novamente, então um cara que ela conhecia há apenas poucos meses poderia estar mentindo sobre seu nome.

E suas intenções.

Capítulo Dezesseis

Emily dirigiu rápido para casa, com a visão turvada pelas lágrimas. Ela não queria exagerar, mas realmente não via outra opção. Daniel mentiu para ela sobre a parte mais fundamental de seu ser: seu nome. Que tipo de pessoa faria isso? Mesmo que ele tivesse mudado seu nome porque o odiava ou porque tinha vergonha dele, esse era o tipo de coisa que Emily esperava que surgisse no meio de uma conversa, em certo ponto. Ela não usava o nome completo *dela*, Emily Jane, mas havia falado sobre isso com Daniel, e, mesmo assim, durante essa específica conversa sobre nomes, ele não havia dito nada sobre si mesmo. O que a levou a crer que ele estava escondendo sua identidade de propósito.

E se ele podia mentir sobre isso, então talvez o que as mulheres tinham dito sobre os vários corações que ele havia quebrado poderia ser verdade também.

Enquanto ela encostava o carro na entrada da casa, Emily viu que Daniel estava no terreno, podando os arbustos. Ele levantou os olhos, franzindo o cenho, ao som de sua chegada rápida e cantando os pneus, enquanto ela forçava o carro a parar. Ela estacionou de qualquer maneira, num ângulo estranho e, em seguida, saltou do banco do passageiro, deixando o motor ligado e a porta bem aberta. Então, caminhou furiosa pelo gramado, dirigindo-se diretamente para onde Daniel estava.

“Quem é você?” ela gritou, cutucando seu peito ao chegar até ele.

Daniel cambaleou, parecendo chocado e confuso. “Que pergunta é essa?”

“Diga-me!” Emily gritou. “Seu nome não é Daniel, é? É Dashiell. Dashiell Morey.”

Um vinco se formou entre as sobrancelhas de Daniel. “Como...”

“Como eu descobri?” Emily gritou de uma maneira acusatória. “Tive que ouvir de duas velhas no mercado de pulgas. Porque você não teve a coragem de me dizer. Sabe o quanto foi humilhante para mim?” Ela podia sentir seu sangue ferver ao se lembrar daquele momento terrível.

“Emily, veja, eu posso explicar”, Daniel falou, pondo as mãos nos ombros dela.

Emily afastou as mãos dele com força. Você tem mentido para mim esse tempo todo. É verdade. Apenas me diga: Seu nome é realmente Dashiell?”

“Sim. Mas só meu nome mudou. É...”

“Não posso acreditar. E quanto às mulheres? Tudo é verdade também, não é?!” Ela levantou as mãos, exasperada.

“Mulheres?” Daniel perguntou, preocupado.

“Todas aquelas mulheres que você magoou! Você tem uma péssima fama, Daniel. Ou deveria dizer Dashiell?” Ela se virou, lágrimas surgindo em seus olhos. “Eu nem sei mais quem você é.”

Daniel suspirou, abalado. “Sim, você sabe, Emily. Sou exatamente a mesma pessoa que sempre fui”.

“Mas QUEM é essa pessoa?” Emily gritou, levantando o dedo para ele. “Um criminoso violento que bate nos outros até irem parar no hospital? Um fotógrafo sensível fugindo de casa? Algum idiota que usa as mulheres e então as descarta quando está farto delas? Ou você é

apenas o zelador silencioso, balbuciante, que está se aproveitando de mim?”

Daniel ficou boquiaberto e Emily percebeu que havia ido longe demais. Mas não suportava a ideia de ser enganada, ainda mais por Daniel, após tudo que passaram juntos. Ela havia compartilhado tanto com ele – seus sonhos, sua dor, seu passado, sua cama. Ela havia confiado nele, talvez, ingenuamente.

“Isso é um golpe baixo”, Daniel rebateu.

“Quero você fora da minha propriedade”, Emily gritou. “Fora da minha antiga garagem. Saia! Leve sua moto estúpida com você!”

Daniel ficou olhando para ela, sua expressão demonstrava que estava chocado e decepcionado ao mesmo tempo. Emily nunca pensou que ela o veria olhar para ela daquela forma. Sentia como se uma adaga perfurasse seu coração ao ver aquele olhar nos olhos dele, saber que era direcionado a ela e que suas palavras cruéis haviam causado isso.

Daniel não falou mais nem uma palavra. Ele caminhou lentamente para a garagem e pegou sua moto. Então, deu a partida, olhou-a friamente nos olhos e se afastou.

Emily observou-o ir embora, as mãos em punhos bem fechados, seu coração batendo forte, perguntando-se se aquela seria a última vez que o veria.

*

Emily caminhou, abatida, de volta para a sua casa. A briga com Daniel havia sugado suas forças, deixando-a exausta. Ela queria desesperadamente falar com Amy, mas a amiga parecia cada vez mais exasperada com ela. Suas trocas de mensagens de texto haviam se tornado mais curtas, menos frequentes, e dias se passavam sem que tivesse notícias dela. Se ela ligasse para Amy agora, lamentando-se sobre um homem que ela nem sequer conhecia, para dizer que estava namorando, isso provavelmente seria a gota d'água para a amizade das duas.

Enquanto caminhava pelo corredor, ela sentia como se tudo tivesse a marca de Daniel. As gotas de tinta no assoalho ao lado da escada, de quando eles estavam pintando o hall e ele havia espirrado. A moldura levemente torta que eles haviam passado quase uma hora tentando endireitar antes de desistir e concluir que, simplesmente, a parede é que devia estar torta, não a moldura. Todo lugar para onde ela se voltava lhe lembrava Daniel. Mas, no momento, Emily queria distância dele, não apenas fisicamente, mas mentalmente. E foi quando lhe ocorreu que havia um quarto na casa em que ela ainda não havia pisado, que não havia sido tocado por ele. Um quarto que havia permanecido perfeitamente preservado, não apenas pelos últimos vinte anos, mas por vinte e oito anos. Era o quarto que ela e Charlotte dividiam quando pequenas.

Emily subia as escadas tomada pela angústia. Desde que chegara na casa, ela havia evitado o quarto. Era um hábito que aprendera com seus pais, que nunca entraram lá novamente depois da morte de Charlotte. Eles mudaram Emily imediatamente para outro quarto da casa, trancaram a porta do quarto que os fazia lembrar sua filha morta e nunca mais o abriram. Como se fosse fácil erradicar a dor da morte dela.

Emily caminhou pelo corredor, indo diretamente até a porta do quarto. Ela ainda podia ver alguns arranhões e marcas desgastadas na madeira, de quando ela e sua irmã batiam

descuidadamente a porta, passando correndo por ela enquanto brincavam de pega-pega. Ela pôs sua mão sobre eles, perguntando-se se agora era um mau momento pra fazer isto, já que ela se encontrava num estado emocional frágil, ou se ela estava entrando no quarto para punir a si mesma, uma forma de dor auto-infligida. Mas ela queria estar perto da sua irmã. A morte de Charlotte havia lhe privado de alguém em quem podia confiar. Ela nunca pôde falar com ela sobre problemas com garotos ou dificuldades com namorados. Agora, sentia que isto era o mais perto que poderia chegar da sua irmã. Então, pegou a maçaneta da porta, girou-a e entrou num quarto que havia sido preservado no tempo.

Entrar naquele quarto era como desenterrar uma cápsula do tempo ou entrar numa foto de família. Emily foi imediatamente atingida por uma nostalgia esmagadora. Até o cheiro do lugar, apesar de abafado sob o odor desagradável de poeira, despertou lembranças e sentimentos que ela havia esquecido completamente. Emily não pôde conter as lágrimas. Um soluço reverberou por todo o seu corpo e ela cerrou os lábios com força ao dar um pequeno passo à frente, na direção do quarto que continha todas as preciosas lembranças de sua irmã.

Foi dado às meninas o maior quarto da casa. Havia um mezanino numa ponta e imensas janelas que iam do chão ao teto na outra, com vista para o mar. Emily se lembrou de como fazia suas bonecas subirem as escadas até o mezanino, fingindo que ele era uma montanha e que elas eram intrépidas exploradoras. Emily sorriu melancolicamente ao relembrar uma época muito distante.

Ela caminhou pelo quarto, pegando itens que haviam permanecido intocados por quase três décadas. Um cofrinho de moedas no formato de um urso. Um pônei de plástico rosa neon. Ela não pôde segurar o riso ao ver todos os brinquedos espalhafatosos com os quais ela e Charlotte haviam enchido o quarto. A mãe deve ter enlouquecido ao ver que suas filhas tinham o quarto mais bonito e estiloso da casa e que o haviam enchido com polvos nas cores do arco-íris. Mesmo a casa de boneca de madeira no canto estava coberta de adesivos e *glitter*.

Havia um grande guarda-roupa embutido em um lado do quarto. Emily imaginou se as fantasias de princesas delas ainda estariam dentro dele. Ela e sua irmã tinham todas as da Disney. Sua favorita era a da Pequena Sereia, e a de Charlotte era a da Cinderella. Emily foi até o guarda-roupa e abriu a porta. Quando olhou para dentro, descobriu que todas as fantasias de Charlotte ainda estavam penduradas lá, intocadas desde a morte dela.

Subitamente, olhar para as roupas fez Emily ter outra lembrança. Mas essa era muito mais vívida que os fragmentos de lembranças que haviam lhe ocorrido enquanto caminhava pelo quarto. Esta parecia real, imediata e perigosa. Ela se apoiou na parede para não cair enquanto via, com clareza, o momento em que a mão de Charlotte escorregou da sua e a menininha desapareceu, sua capa de chuva vermelha engolida pela chuva cinzenta.

“Não!” Emily gritou, sabendo como a história terminava e querendo desesperadamente interromper o inevitável, o momento em que sua irmã caiu na água e se afogou.

Então, de repente, a visão se desfez e Emily estava de volta no quarto, as palmas de suas mãos escorregadias de suor, seu coração batendo forte. Ela baixou os olhos e viu que estava agarrada a uma manga daquela mesma capa de chuva; sua estampa de bolinhas era inconfundível. Ela deve tê-lo agarrado durante a terrível lembrança.

Espere, Emily pensou de repente, olhando para a minúscula capa de chuva que segurava.

Ela vasculhou o guarda-roupa e encontrou as botas de Charlotte, com o formato de joaninha. Emily sempre acreditou que Charlotte havia caído na água e se afogado porque ela havia soltado sua mão durante aquela tempestade. Mas ali estavam suas roupas. A menos que sua mãe as tivesse lavado e secado depois que o corpo de Charlotte foi devolvido a eles, e então colocado-as novamente no guarda-roupa, junto com todas as suas outras roupas, Charlotte deve ter voltado para casa naquele dia, sã e salva. Será que Emily havia combinado dois eventos distintos em sua mente? Que a morte de Charlotte havia ocorrido após a tempestade? Será que havia sido causada por outra coisa?

Num instante, Emily saiu correndo do quarto e desceu as escadas, até onde estava seu celular, em seu local habitual, ao lado da porta da frente. Ela o agarrou, pesquisou entre os contatos e ligou para sua mãe. O som do celular chamando preencheu seu ouvido.

“Vamos, atenda”, ela balbuciou, quase sem fôlego, querendo que sua mãe atendesse logo.

Finalmente, ela ouviu o som da estática que indicava que a chamada havia sido atendida, e então ouviu a voz de sua mãe pela primeira vez em meses.

“Estava me perguntando quando você pegaria o telefone e se desculparia comigo por ter fugido de Nova York”.

“Mãe”, Emily balbuciou. “Não é por isso que estou ligando. Preciso falar com você”.

“Deixe-me adivinhar”, sua mãe falou, com um suspiro. “Você precisa de dinheiro. É isso?”

“Não”, Emily disse, séria. “Preciso falar com você sobre Charlotte”.

Houve um longo e pesado silêncio no outro lado da linha.

“Não, não precisa”, sua mãe disse, por fim.

“Sim, preciso”, Emily insistiu.

“Foi há muito tempo”, sua mãe falou. “Não quero desenterrar o passado”.

Mas Emily não a deixaria mais dar desculpas. “Por favor”, suplicou. “Não quero passar a vida toda sem falar sobre ela. Eu não quero esquecer. Não temos mais ninguém com quem falar a respeito”.

Com isso, sua mãe pareceu suavizar-se. Mas ela foi ríspida como sempre. “O que a fez decidir, de repente, que queria falar sobre ela?”

Emily mordeu o lábio, sabendo que sua mãe não gostaria da resposta. “Foi o papai, na verdade. Ele me deixou uma carta”.

“Ah, ele deixou, não foi?” sua mãe falou, revelando a amargura em sua voz de maneira inconfundível. “Que gentileza a dele”. Emily tentou não alimentar a raiva da sua mãe. Ela não queria entrar *naquela* velha discussão sobre seu pai. “E o que a carta dizia sobre Charlotte?”

Emily tentou ficar aliviado o nervosismo mudando de posição. Mesmo após meses longe de sua impassível mãe, a velha necessidade de agradá-la ressurgiu, deixando Emily ansiosa e agitada. Ela precisou de um tempo para formular a frase, para exprimir as palavras que precisava dizer.

“Bem, ele disse que não foi culpa minha Charlotte ter morrido”.

Houve mais uma longa pausa no outro lado da linha. “Eu não sabia que você achava que era culpa sua”.

“Como saberia?” Emily falou. “Nunca falamos a respeito”.

“Eu achei que não havia nada a falar sobre isso”, sua mãe falou, na defensiva. “Foi um acidente, ela morreu e pronto. O que poderia ter lhe dado a impressão de que você, de alguma forma, era culpada pelo que houve?”

Emily sentiu sua cabeça girar novamente. Parecia tão estranho para ela estar nesta conversa com sua mãe, após tantos anos de silêncio e tantos meses afastadas. Ela sentiu um estilhaço de dor se alojar em sua garganta enquanto as lágrimas enchiam seus olhos. “Porque eu soltei a mão dela na tempestade”, ela balbuciou através de seus soluços. “Eu a perdi e então ela se afogou no mar”.

Sua mãe deu um suspiro ruidoso. “Não foi no mar, Emily. Não foi assim que ela morreu”.

Emily sentiu que seu mundo estava desmoronando ao seu redor. Tudo que ela acreditava ser verdade estava se despedaçando. Não apenas Daniel traía sua confiança, mas agora ela nem podia confiar em suas próprias lembranças?

“Então, como ela morreu?” Emily perguntou com uma voz baixa, nervosa.

“Você realmente não se lembra?” sua mãe perguntou, parecendo chocada e confusa ao mesmo tempo. “Emily, sua irmã se afogou na piscina. Não teve nada a ver com você ou com a tempestade”.

“Piscina?” Emily repetiu, num torpor.

Mas nem bem as palavras deixaram seus lábios, um enxame de lembranças atingiu Emily num turbilhão. Ela deixou cair o telefone e correu para o escritório de seu pai. Lá, ela pegou o molho de chaves que havia encontrado no cofre. Então, correu pela casa, perturbando os filhotes com o barulho de seus passos pesados, fazendo-os latir com raiva.

Ela passou direto pela porta da frente, sem se importar em calçar seus sapatos, e foi até o celeiro. Raj havia removido a árvore caída do telhado, então, ela teve apenas que caminhar sobre as pranchas quebradas para entrar. Passou pela sala escura destruída e pelas caixas que continuam o que restava das fotos de Daniel arruinadas pela chuva, e então foi até a porta que havia visto na primeira vez em que entrara ali, a porta que dava para lugar nenhum. Ela procurou a chave certa, tentando uma após a outra, até que encontrou uma que entrou na fechadura, girou-a e empurrou a porta, abrindo-a.

A porta bateu na parede ao lado, emitindo um baque surdo que ecoou pelo ar. Emily olhou o interior do ambiente recém-descoberto. E lá estava. A grande piscina vazia na qual Charlotte havia se afogado, e, com isso, mudado o curso da vida de Emily para sempre.

Ela podia vê-la agora, sua irmãzinha vestida em seu pijama dos Ursinhos Carinhosos, com o rosto virado para baixo, na água. As lembranças voltaram a ela com a força de um tsunami.

Seus pais haviam dito que comprariam uma piscina para a casa de verão. Ela e Charlotte ficaram tentando adivinhar onde a piscina ficaria, haviam tentado espiar em diferentes cômodos procurando por ela, e então, finalmente, encontraram-na no celeiro. Charlotte quis nadar imediatamente, mas Emily sabia que elas não podiam fazer isso sem supervisão, e havia lembrado à sua irmã menor que devia manter segredo sobre o fato delas terem encontrado a piscina. Naquela noite, a mãe delas havia saído e seu pai tinha caído no sono no sofá. Charlotte deve ter saído secretamente da cama para nadar. Algo acordou Emily, talvez o silêncio

estranho da falta de Charlotte ressonando na cama ao lado. Ela foi à sua procura e encontrou-a na piscina. Foi ela quem teve que acordar seu pai, que dormia embriagado.

Emily balançou a cabeça, sentindo-se subitamente nauseada. Não queria acreditar. Era por isso que não se lembrava? Porque ver sua irmã morta a havia traumatizado tanto que ela havia bloqueado a visão inteiramente? E sua mente, na tentativa de preencher os espaços vazios, havia se voltado para a culpa que ela sentiu ao ser a pessoa que despertou em seu pai um tipo de culpa diferente, a de uma vergonha acusadora?

Não havia sido a tempestade. Não havia sido culpa dela. Ela havia vivido sob uma nuvem de culpa por todos esses anos por nenhuma razão – apenas porque ela havia aprendido com seus pais a ignorar seus problemas, a esquecer o que ela não gostava sobre seu passado. Por causa deles, havia reprimido o trauma de encontrar Charlotte boiando com o rosto voltado para baixo e sem vida na piscina, vinte e oito anos atrás, e sua mente tentou preencher os vazios para explicar a ausência de Charlotte, escolhendo a lembrança que fazia mais sentido.

Realmente, não foi culpa dela.

Emily colapsou de joelhos no chão na borda da piscina e chorou.

*

Emily despertou com o som dos latidos agitados de Mogsy. Ela levantou os olhos, sem saber por quanto tempo havia ficado ali, ao lado da piscina, olhando para o vazio, mas quando se levantou e voltou para o celeiro, o céu que podia ver através do buraco no teto estava negro. As estrelas brilhavam acima dela e a lua estava encoberta. Foi quando Emily percebeu que, na realidade, ela estava obscurecida por fumaça. Então, sentiu um cheiro de queimado.

Com o coração batendo forte, Emily correu pelo celeiro e pelo gramado. Ela podia ver a casa à frente e a fumaça subindo a partir da janela da cozinha. Mogsy e os filhotes estavam latindo do lado de dentro.

“Ai meu Deus, não!”, ela gritou enquanto corria pelo gramado.

Quando chegou na porta da cozinha, estendeu o braço para alcançar a maçaneta da porta, quando uma força súbita a tirou do caminho. Ela cambaleou, e então levantou os olhos. Era Daniel, aparecendo de repente do meio do nada.

“Foi você que fez isso?” ela gritou, aterrorizada com a ideia dele ter tocado fogo na casa para se vingar.

Daniel olhou para ela, horrorizado pela acusação. “Se você abrir a porta, vai criar uma corrente de sucção. As chamas vão correr na direção do oxigênio. Na sua direção. Eu estava salvando sua vida!”

Emily estava em pânico demais para se sentir culpada. Tudo o que podia pensar era que a casa estava pegando fogo e que os filhotes estavam presos dentro, seus latidos estridentes ecoando em seus ouvidos. Através da janela da cozinha, ela podia ver chamas alaranjadas elevando-se até o teto.

“O que vamos fazer?” ela gritou, agarrando os cabelos em pânico, sua mente paralisada

pelo medo.

Daniel correu para a mangueira que havia ao lado da casa, usada para regar o gramado. Ele girou a alavanca e a água começou a esguichar pela extremidade da mangueira. Então, ele quebrou a janela da porta da cozinha com o cotovelo e se esquivou quando a flama foi atraída pela fonte de oxigênio, disparando acima dele. Ele enfiou a mangueira pela janela e combateu as chamas com água.

“Vá até a minha casa”, ele gritou para Emily. “Ligue para os bombeiros”.

Emily não podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Sua cabeça estava girando, tomada pela confusão e pelo terror. Sua casa estava pegando fogo. Após todo o trabalho que haviam tido, tudo estava literalmente sendo consumido pelas chamas.

Ela conseguiu chegar à casa dos fundos e abriu a porta. Agarrou o telefone e ligou para a Emergência com esforço.

“Fogo!” ela gritou quando a chamada foi atendida pelo atendente. “Rua Oeste!”

Assim que ela deu essa informação, correu de volta para a casa. Daniel não estava mais lá e a porta estava bem aberta. Emily percebeu que ele havia entrado.

“Daniel!” ela gritou, o terror tomando conta dela. “Onde você está?”

Foi então que ele emergiu pela fumaça, carregando a cesta de filhotes latindo, com Mogsy aos seus pés.

Emily caiu de joelhos e pegou os filhotes em seus braços, aliviada por estarem bem. Eles estavam manchados por fuligem. Ela pegou Chuva e limpou as cinzas de seus olhos, e então fez o mesmo com os outros filhotes. Mogsy lambeu seu rosto e balançou o rabo, como se pudesse entender a gravidade da situação.

Foi então que Emily viu fachos de lanterna refletidos no vidro. Ela se virou e viu o caminhão dos bombeiros entrar na rua, geralmente calma, com a sirene ligada. Ele parou bem na sua casa, então, os bombeiros pularam para fora do caminhão e já começaram a agir.

“Há alguém dentro da propriedade?” um deles perguntou.

Ela balançou a cabeça e observou, atordoada e em silêncio, enquanto os bombeiros entravam correndo pela porta da cozinha.

Hesitante, Daniel parou ao lado dela. Ela olhou para ele de soslaio, vendo seu cabelo cheio de cinzas e roupas manchadas de fuligem.

“Eu tinha acabado de consertar esta maldita porta”, ele disse.

Emily deixou escapar uma mistura de soluço e riso. “Obrigada por voltar”, ela disse, baixinho.

Daniel apenas assentiu. Eles voltaram para a casa e observaram silenciosamente enquanto a nuvem de fumaça se tornava nada mais que uma fina pluma.

Alguns momentos depois, os bombeiros emergiram pela porta. O líder caminhou até Emily.

“O que houve?” ela perguntou.

“Parece que sua torradeira estava com defeito”, ele disse, segurando o objeto destruído.

“Os danos foram muitos?” Ela se preparou para o pior.

“Apenas danos causados pela fumaça, por causa do plástico derretido. A fumaça é tóxica”.

Emily estava tão aliviada ao ouvir que a casa havia apenas sofrido alguns pequenos danos

por causa da fumaça que jogou os braços ao redor do pescoço do bombeiro. “Obrigada!” ela gritou. “Muito obrigada mesmo!”

“Estou apenas fazendo meu trabalho, Emily”, ele replicou.

“Espere, como você sabe meu nome?” perguntou, surpresa.

“Pelo meu pai”, o bombeiro respondeu. “Ele gosta muito de você”.

“Quem é o seu pai?”

“Birk, do posto de gasolina. Eu sou Jason, seu filho mais velho. Sabe, da próxima vez que der uma festa, você poderia me convidar também? Eu acho que meu pai nunca se divertiu tanto quanto naquela noite. Se você é uma anfitriã tão boa, não quero ficar de fora”.

“Eu convidarei”, Emily replicou, um pouco atônita pelos eventos da noite, e pela maneira como tudo mundo conhecia todo mundo naquela cidadezinha.

Emily e Daniel ficaram parados, observando o caminhão ir embora, e então entraram para avaliar os danos. Exceto pelo fedor, por uma mancha negra correndo para cima pela parede, e por um pedaço derretido do balcão, a cozinha estava bem.

“Posso pagar pela janela quebrada” Daniel falou.

“Não seja tolo”, Emily replicou. “Você estava ajudando”.

“Não era nem um incêndio. Eu exagerei. Só não queria que Mogsy e os filhotes sufocassem com a fumaça”. Ele pegou Mogsy e a afagou atrás das orelhas, e ela o recompensou lambendo seu nariz.

“Você fez o que era certo”, ela acrescentou. “O fogo podia ter se espalhado rapidamente. Graças à mangueira que você usou, ele não se espalhou”. Ela olhou para Daniel, para sua cabeça curvada e ombros caídos. “O que lhe fez voltar?” ela perguntou.

Daniel mordeu o lábio. “Você não me deu a chance de me explicar. Eu queria limpar meu nome”.

Depois de tudo que ele havia feito para ela, Emily lhe devia essa. “Certo. Vá em frente. Limpe seu nome”.

Daniel puxou uma cadeira e sentou-se na mesa da cozinha. “Dashiel foi o nome que recebi ao nascer”, ele começou. “Mas também era o nome do meu pai. Recebi o nome dele. Então, eu o mudei legalmente quando saí de casa, porque não queria me tornar um alcoólatra caloteiro como ele era”.

Emily se sentiu desconfortável. Seu próprio pai bebia frequentemente. Isso era outra coisa que ela e Daniel tinham em comum?

“Esse pessoal da cidade”, Daniel continuou. “Eles se lembram de mim como Dashiel porque querem que eu seja mau. Querem que eu me transforme nele. Que me torne uma má pessoa”. Ele balançou a cabeça.

Emily se sentiu afundar na cadeira, de tanta vergonha. “E as mulheres?”

Ele deu de ombros. “Todos temos relacionamentos passados, não? Não acho que tive mais do que seria normal para um cara jovem nos dias de hoje. Aquelas mulheres provavelmente desconfiam porque eu nunca me casei. Elas acham que sou um canalha porque namorei, tive alguns relacionamento longos, mas nunca me casei. Eu não sou um monge, Emily. Tive amores no passado. Mas acho que você ficaria mais confusa se eu não tivesse tido ninguém!”

“Isso é verdade”, ela disse, sentindo ainda mais remorso. “Desculpe por deixá-las mexer comigo. Por ter deixado elas me convencerem que você era uma má pessoa”.

“Agora, você vê que eu não sou? Que eu não sou aquele cara que bate nos outros até terem que ser hospitalizados? Que não suporta nenhuma responsabilidade e foge? Que lhe seduziria e poria fogo na sua casa?”

Ao ouvi-lo dizer tudo aquilo voz alta, Emily notou que realmente soava meio ridículo. “Eu percebo agora”, ela disse, envergonhada.

“E você REALMENTE sabe quem eu sou. Eu sou o cara que sentou uma noite com você durante uma tempestade, cuidando de um filhote para que ele se salvasse. Que lhe levou a um jardim de rosas secreto num dia quente de primavera. Que comprou algodão doce para você. Que lhe beijou e fez amor com você”.

Ele esticou a mão na direção dela. Emily olhou para a palma aberta e convidativa, e então pôs sua mão sobre a dele e entrelaçou seus dedos nos dele.

“Não se esqueça de que você também é o cara que me salvou de um incêndio”, ela acrescentou.

Daniel sorriu e assentiu. “Sim. Também sou esse cara. Um cara que nunca lhe machucaria”.

“Bom”, Emily disse. Ela se inclinou e o beijou suavemente. “Porque eu gosto desse cara”.

Capítulo Dezessete

Naquela noite, Emily e Daniel se reconciliaram, e o drama do dia foi esquecido entre os lençóis, o perdão vindo sob a forma de carícias, toda a angústia sendo afastada com muitos beijos.

Quando a manhã chegou, e um sol brilhante de verão passou pelas cortinas, ambos acordaram.

“Acho que não vou preparar café da manhã para você”, Daniel falou. “Agora que a torradeira explodiu”.

Emily gemeu e deixou a cabeça cair novamente no travesseiro. “Por favor, nem me lembre”.

“Vamos”, Daniel falou. “Vamos tomar café da manhã no Joe”. Ele pulou da cama e vestiu sua calça jeans, e então estendeu a mão para Emily.

“Não podemos dormir um pouquinho mais?” Emily replicou. “Foi uma noite muito difícil, lembra?”.

Daniel balançou a cabeça. Ele parecia cheio de energia para alguém que havia acordado tão cedo. “Achei que você queria ter uma pousada”, ele exclamou. “Não poderá dormir até mais tarde quando for a dona da pousada”.

“E é justamente por isso que preciso dormir até mais tarde agora”, Emily falou.

Daniel a puxou da cama, Emily gritando e rindo, e a fez se sentar no banco da penteadeira.

“Ah, parece que você já se levantou agora, de toda forma”, Daniel disse, com um sorriso travesso. “Poderia muito bem se vestir”.

Assim que Emily estava pronta, Daniel a levou até a lanchonete de Joe. Ambos pediram café com waffles, e então começaram a calcular. Ela sempre teve pavor ao pensar na possibilidade de ficar sem dinheiro, e se realmente decidisse ter uma pousada, precisaria usar todas as suas economias. Sua reserva para os próximos três meses seria completamente usada. Se isso desse errado, ela ficaria sem nada. Olhar para a lista de coisas que precisava comprar era desanimador. Analisando desde os itens ridiculamente caros, como restaurar a janela Tiffany no salão de baile, até os mais baratos, como substituir a torradeira que explodiu, Emily não estava certa se poderia fazer aquilo.

Ela descansou a caneta sobre a mesa. “É muita coisa. É muito caro”, queixou-se.

Daniel pegou a caneta. Ele riscou o item mais barato da lista, a torradeira.

“Por que fez isso?” Emily perguntou, franzindo o cenho.

“Porque eu vou até a loja de departamentos após o café da manhã para comprar uma nova para você”, ele disse.

“Você não precisa fazer isso”.

“Tem razão. Eu quero fazer isso”.

“Daniel...” ela avisou.

“Eu tenho minhas economias”, ele replicou. “E quero ajudar você”.

“Mas eu deveria vender as antiguidades primeiro, antes de você começar a se sacrificar por mim”.

“Quer mesmo fazer isso?” Daniel perguntou. “Vender os tesouros do seu pai?”

Ela balançou a cabeça. “Não. O valor sentimental é muito grande”.

“Então, deixe-me ajudá-la”. Ele apertou a mão dela. “É apenas uma torradeira”.

Ela sabia que Daniel não podia ser rico. Apesar da antiga garagem estar decorada com bom gosto, ele morava ali sem pagar aluguel, por vinte anos. Ele não recebia dinheiro algum por trabalhar no terreno ao redor da casa e provavelmente realizava apenas alguns reparos aqui e ali, só para conseguir o dinheiro do gás e da comida, e lenha para a lareira. Apesar dela ficar desconfortável por saber que Daniel iria retirar dinheiro de suas economias, concordou com a cabeça.

“E nunca se sabe”, Daniel disse. “O pessoal da cidade provavelmente poderia ajudar. Meu amigo George disse que ele viria dar uma olhada em sua janela Tiffany e ver o que poderia fazer para restaurá-la”.

“Ele disse?”

“Claro. As pessoas gostam de ajudar. Também gostam de dinheiro. Talvez, algumas pessoas daqui queiram investir em você”.

“Talvez”, Emily falou. “Apesar de não terem nenhuma razão para isso”.

Daniel deu de ombros. “Raj não tinha nenhuma razão para cortar em pedaços aquela árvore caída para você, mas ele fez isso de toda forma. Algumas pessoas apenas gostam de ajudar”.

“Mas quem teria essa quantidade de dinheiro por aqui?”

“Que tal Rico?” Daniel sugeriu, tomando um gole de café. “Aposto que ele tem um monte de dinheiro guardado”.

“Rico?” Emily exclamou. “Ele mal se lembra do meu nome”. Ela suspirou, sentindo-se desestimulada e ansiosa. “Realmente, a única pessoa com qualquer tipo de patrimônio por aqui é Trevor Mann. E todos sabemos o que ele pensa de mim”.

“Provavelmente, deve pensar muito pior agora, depois da visita dos bombeiros à meia-noite”.

Emily gemeu e Daniel apertou o braço dela, para reconfortá-la.

“Não vou mentir, Emily”, ele disse. “O projeto da pousada é arriscado. Mas estou aqui para ajudar, e aposto que o restante da cidade também. Faça o que acha que é certo, mas saiba que, seja o que for que você decidir, não estará sozinha”.

Emily sorriu, seus dedos acariciando suavemente o braço dele, mais confiante depois do que Daniel havia dito.

“Se você pudesse conseguir algum investimento”, ele disse, “o que seria a primeira coisa que faria na casa?”

Emily pensou bem por um bom tempo. “Eu gostaria de uma mesa especial para a recepção. O foyer parece vazio demais no momento”.

“Ah, é?” Daniel falou. “O que você colocaria nele, num mundo ideal, se dinheiro não fosse um problema?”

“Bem, realmente, precisaria de uma peça sob medida”. Emily disse, pegando seu celular e começando a procurar no Google e no Ebay. “Algo assim!” ela falou, mostrando-lhe, na tela, uma peça Art Deco incrível.

Daniel assoviou. “É muito bonita”.

“Sim”, Emily falou. “E olha só o preço. Lá se vão alguns bons milhares de dólares do meu orçamento”. Então, ela levantou os olhos e sorriu para Daniel. “Mas, se um dia você estiver em dúvida sobre o que me dar de presente de aniversário...” Ela pôs o celular de novo sobre a mesa e suspirou. “Enfim, estou me adiantando. Ainda não tenho nem a licença”.

“Tenho plena certeza de que você obterá a licença”, Daniel falou. Então, ele se levantou de repente, afastando seu prato. “Vamos”, ele disse.

“Aonde vamos?” Emily perguntou.

“Para a loja de Rico. Vamos ver se ele tem alguma coisa que você queira comprar”.

Emily havia relutado em voltar à loja dele, em parte porque a casa estava mais ou menos completa, mas também por causa da experiência desagradável que havia tido ontem. O pensamento de voltar lá a irritou e ela não estava com vontade de reviver aquele momento. Mas com Daniel segurando sua mão, talvez não fosse tão ruim.

“Nós acabamos de analisar meu orçamento! Não tenho dinheiro para comprar nada caro!” ela protestou.

“Você sabe como é a loja de Rico. Pode haver alguma joia escondida em algum lugar por lá”.

“Duvido”, Emily replicou. Ela havia vasculhado cada centímetro daquele lugar. Mas a ideia de comprar com Daniel, de dar um pequeno passo para se aproximar de seu sonho, era uma experiência divertida demais para perder. Emily decidiu então que, não importava as fofocas que inventariam sobre eles, ela seria capaz de lidar com todas. Olhou para seu caderno cheio de números e cálculos, e então o fechou com força.

“Vamos”, ela falou.

*

“Ora, se não é meu casal favorito”, Serena disse quando viu Emily e Daniel entrando na loja. Ela estava particularmente linda naquele dia, num vestido de verão florido, manchado, como sempre, por tinta multicolorida. Ela beijou ambos no rosto. “Como está a pousada?”

“Absolutamente incrível”, Daniel falou, passando um braço pelos ombros de Emily. “Emily fez um grande trabalho”.

Emily sorriu e Serena piscou para ela.

“Então, está pronta?” ela perguntou. “Quando será a grande inauguração? Você vai dar mais uma de suas festas? Aquele ensopado estava delicioso. Ah, lembrei. Você pode escrever a receita para mim? Tenho que mandá-la para minha mãe”.

“Você contou para sua mãe sobre meu ensopado?”

“Eu conto tudo para minha mãe”, Serena falou, levantando uma sobrancelha.

Nesse momento, Rico surgiu, vindo de um dos cômodos da parte de trás da loja. Ele parecia mais frágil que o usual, as linhas em seu rosto mais pronunciadas.

“Oi, Rico”, Emily disse.

“Olá”, Rico disse, apertando a mão de Emily. “É um prazer conhecê-la”.

“Esta é Emily”, Serena o lembrou. “Lembra? Fomos jantar na casa dela”.

“Ah”, Rico falou. “Você é a moça da pousada, não é?”

“Bem, ainda não”, Emily disse, sorrindo. “Mas espero abrir uma, sim”.

“Tenho algo para você”, Rico disse.

Emily, Daniel e Serena se entreolharam.

“Tem?” Emily falou, confusa.

“Sim, sim, está comigo há anos. Por aqui”. Rico caminhou mancando pelo corredor. “Venham”.

Dando de ombros, Serena o seguiu, Daniel e Emily acompanhando-a logo atrás com expressões igualmente surpresas. Eles passaram por uma porta e entraram num vasto cômodo na parte de trás. Havia vários lençóis cobrindo grandes móveis. Parecia um lugar misterioso, como um cemitério de móveis.

“O que está acontecendo?” Emily sussurrou no ouvido de Serena, imaginando que Rico havia finalmente ficado demente.

“Não tenho ideia”, Serena replicou. “Eu nunca estive aqui”. Ela olhava ao redor, com olhos arregalados, intrigada. “O que são todas essas coisas, Rico?”

“Hum?” o velho disse. “Ah, são apenas coisas grandes demais para o térreo da loja e especiais demais para serem postas à venda”. Ele caminhou até onde uma capa protetora cobria algo grande e retangular e espiou sob a cobertura. “Sim, aqui está”, Rico disse para si mesmo. Ele começou a puxar o pesado protetor. Emily, Daniel e Serena começaram a ajudar, pegando nos cantos da manta para ajudá-lo.

Ao retirarem o protetor, uma superfície de mármore começou a emergir. Então, a capa protetora deslizou completamente, revelando uma mesa de madeira escura linda, com um tampo de mármore, feita para uma recepção. Parecia sólida e robusta, exatamente o que Emily estava procurando.

Maravilhada, Emily deu uma boa olhada na peça, descobrindo que, conectado ao outro lado, havia um sofá em veludo vermelho, tornando-a uma mesa frontal com assentos combinados. Era um modelo incrível, único.

“É perfeita”, ela disse.

“Isto costumava ficar na entrada principal”, Rico disse.

“Entrada principal de onde?” Emily perguntou.

“Da pousada”.

A boca de Emily se abriu. “Da minha pousada? Esta era a mesa original?”

“Ah, sim”, Rico replicou. “Seu pai a adorava. Ele ficou triste em se separar dela, mas não havia espaço suficiente na casa. Além disso, ele não queria ser injusto com a peça. Queria que alguém a usasse de acordo com a finalidade para qual foi projetada. Então, ele me deu a mesa quando comprou a casa, esperando que eu encontrasse um comprador para ela”. Ele deu batidinhas no tampo de mármore. “Ninguém demonstrou interesse”.

Emily sempre se surpreendia quando Rico falava sobre o passado. Ele parecia ter uma lembrança cristalina de certos eventos, mas, de outros, não se lembrava de jeito nenhum. Foi muita sorte ele ter se lembrado disso, e também foi uma feliz coincidência Emily gostar tanto

da mesa original.

Mas sua alegria durou pouco e seu bom humor desvaneceu. Algo assim deveria certamente custar mais do que ela tinha.

“Então, quanto custa?” ela perguntou, preparando-se para uma decepção.

Rico balançou a cabeça. “Nada. Quero que fique com ela”.

Emily não pôde acreditar. “De graça? Não posso fazer isso. Deve ser tão cara!” Ela estava atônita.

“Por favor”, Rico insistiu. “Não consegui vendê-la em 35 anos. E a maneira como seu rosto se ilumina quando olha para ela já é pagamento suficiente. Quero que seja sua”.

Tomada pela emoção, Emily abraçou Rico e beijou seu rosto. “Obrigada, obrigada, obrigada. Não tem ideia do que isto significa para mim. Vou ficar com ela, mas é apenas um empréstimo até eu juntar dinheiro bastante para pagar, certo?”

Ele bateu de leve na sua mão. “O que preferir. Estou feliz de vê-la ir para um lar amoroso, enfim”.

Capítulo Dezoito

“Acorde”, Daniel sussurrou no ouvido de Emily.

Ela se espreguiçou e pegou a xícara de café que ele lhe oferecia, e então notou que Daniel já estava vestido. “Aonde está indo?”

“Tenho algo a fazer hoje”, ele replicou.

Emily olhou ao redor e notou que o sol tinha acabado de nascer. “Algo? O quê?”

Ele olhou para ela. “É segredo. Mas não um segredo do tipo 'meu nome, na verdade, é Dashiell'. Você não precisa se preocupar”. Ele deu um beijo no topo da cabeça dela.

“Bem, isso é reconfortante”, Emily falou, sarcasticamente.

“Enfim”, Daniel disse, “eu só iria atrapalhar, de toda forma”.

“Por quê?” Emily perguntou, com olhos ainda inchados de sono.

Daniel levantou as sobrancelhas. “Não me diga que você esqueceu?”

“Ah, meu Deus!” Emily exclamou. “A reunião com o conselho municipal. É hoje, não é?”

Daniel assentiu. “Sim. E acho que alguém tem uma reunião com Cynthia às sete da manhã. Faltam apenas quinze minutos para as sete”.

Emily deu um pulo da cama. “Você está certo. Ai, meu Deus. Tenho que me vestir”.

Apesar de estar grata por Cynthia ter se oferecido para lhe ajudar com aspectos administrativos da pousada, ela se lamentou pela mulher ter insistido num horário tão cedo.

“Isso lhe fez se mover”, Daniel disse, com um sorriso. Ele terminou de beber seu café, e então pegou sua jaqueta.

“Só não se esqueça da reunião hoje à noite, está bem?” Emily falou. “Às sete horas, na Prefeitura”. Daniel sorriu. “Estarei lá. Eu prometo”.

*

Cynthia chegou com seus dois poodles de estimação a reboque. Ela vestia um vestido longo fúcsia, a cor brigando terrivelmente com seu cabelo ruivo.

“Bom dia”, Emily falou, acenando da porta.

“Olá, querida”, Cynthia disse. Ela caminhou apressada pelo caminho até a porta.

“Obrigada por se encontrar comigo”, Emily acrescentou, quando a mulher estava mais perto. “Aceita um café?”

“Ah, eu adoraria”, Cynthia falou.

Emily a levou até a cozinha e serviu para as duas uma xícara de café fresco. Enquanto isso, Mogsy pulou na porta de vidro entre a cozinha e a área de serviço. Cynthia foi até lá e olhou pelo vidro.

“Não sabia que você tinha filhotes!” ela exclamou. “Ah, eles são adoráveis!”

“A mãe era de rua”, Emily disse. “Eu não percebi que estava grávida e, então, de repente, havia cinco filhotes”.

“Já encontrou um lar para eles?” Cynthia perguntou, brincando com eles através do vidro.

“Ainda não”, Emily respondeu. “Os filhotes são novos demais para deixar a mãe. E não posso jogá-la na rua. Então, no momento, são meus”.

“Bem, assim que desmamarem, ficarei feliz em adotar um. Jeremy passou nos exames de admissão da St. Matthew e eu quero lhe dar um presente”.

“Você ficaria com um?” Emily perguntou, sentindo alívio. “Isso seria ótimo”.

“Claro”, Cynthia respondeu, apertando o braço de Emily. “Cuidamos uns dos outros nesta cidade. Quer que eu procure mais alguém que queira um?”

“Sim, isso seria ótimo, obrigada”, Emily respondeu.

Emily foi alimentar os cães, e, em seguida, as duas mulheres se sentaram à mesa.

“Agora”, Cynthia falou, puxando uma pasta grossa. “Tomei a liberdade de obter para você alguns dos formulários que precisará preencher. Este é para higiene”. Ela pôs um papel azul na frente de Emily. Em seguida, um rosa. “Gás”. Por fim, ela colocou um amarelo sobre a mesa. “Esgoto e tratamento de água”.

Emily olhou para os formulários com receio. Algo no caráter oficial deles a fez se sentir dolorosamente despreparada.

Mas Cynthia não havia terminado. “Também tenho alguns cartões aqui para você. Nomes e telefones de alguns caras muito respeitáveis. Deixarão tudo pronto para você. Eu precisei dos serviços deles. São muito bons, os melhores, na verdade. Eu poria minha mão no fogo por eles”.

Emily pegou os cartões e os colocou no bolso. “Algo mais?”

“Trevor vai tentar dificultar as coisas para você. Ele sabe os nomes de cada violação de conduta conhecida. Assegure que você sabe o que está fazendo em termos de procedimentos legais e logística, e você ficará bem”.

Emily engoliu em seco. Ela estava se sentindo mais apreensiva do que nunca. “E aqui estou eu, pensando que tenho apenas que dar um discurso sincero”.

“Ah, não me entenda mal”, Cynthia exclamou, tranquilizando-a com um gesto despreocupado, as unhas rosa pink longas como garras. “O discurso vai lhe levar até noventa por cento do caminho. Só não deixe Trevor confundi-la nos outros dez por cento”. Ela bateu de leve com a mão nos papéis sobre a mesa. “Aprenda seu negócio. Fale de maneira a demonstrar que é capaz”.

Emily assentiu. “Obrigada, Cynthia. Agradeço muito por você reservar tempo para falar comigo sobre isso tudo”.

“Sem problema, querida”, Cynthia replicou. “Cuidamos uns dos outros nesta cidade”. Ela se levantou, e os poodles também. “Vejo você depois. Às dezenove horas?”

“Você virá à reunião?” Emily perguntou, surpresa.

“É claro que vou!” Ela deu uma batidinha no ombro de Emily. “Todos vamos”.

“Todos?” Emily perguntou, nervosa.

“Todos nós, que nos importamos com você e com a pousada”, Cynthia replicou. “Não perderíamos a reunião por nada”.

Emily levou Cynthia até a porta, sentindo-se ao mesmo tempo grata e apreensiva. Ela se sentia bem com o apoio das pessoas da cidade. Mas ter todo mundo observando-a, e arriscar

fazer papel de boba na frente de todos era um prognóstico que a atemorizava.

*

À noite, Emily estava terminando de se arrumar quando ouviu a campainha. Ela franziu o cenho, confusa sobre quem seria àquela hora, e foi até a porta para ver. Quando a abriu, ficou chocada ao ver a quem estava à sua frente.

“Amy?!” Emily gritou. “Ai, meu Deus!”

Ela puxou a amiga para abraçá-la. Amy a apertou de volta.

“Entre”, Emily falou, abrindo bem a porta. Ela olhou rapidamente para o relógio. Ainda havia tempo para conversar com Amy antes que tivesse que sair para a reunião do conselho municipal.

“Uau”, Amy falou, olhando ao redor. “Esta casa é maior do que eu esperava”.

“Sim, é imensa”.

Amy franziu o nariz e cheirou alguma coisa. “Isso é fumaça? Sinto cheiro de queimado”.

“Ah, é uma longa história”, Emily falou, balançando a mão. Nesse momento, os filhotes começaram a latir na área de serviço.

“Você tem um cachorro?” Amy perguntou, parecendo chocada.

“Um cão, cinco filhotes”, Emily disse. “Que é outra longa história”. Ela não podia deixar de olhar novamente para o relógio. “Então, o que veio fazer aqui, Ames?”

A expressão de Amy se fechou. “O que estou fazendo aqui? Eu estou aqui para ver minha melhor amiga, que desapareceu há três meses. Quer dizer, eu deveria estar perguntando o que *você* está fazendo *aqui*. E como seu final de semana prolongado se transformou em duas semanas, e então em *seis meses*. E isso sem mencionar a mensagem que você me enviou, dizendo que está pensando em abrir um negócio!”

Emily pôde sentir um traço de desdém na voz da amiga. “O que há de tão maluco na ideia de eu começar um negócio? Acha que não consigo?”

Amy revirou os olhos. “Não foi isso que quis dizer. Só que as coisas parecem estar indo rápido demais por aqui. Sinto que você está se estabelecendo neste lugar. Você tem seis animais de estimação!”

Emily balançou a cabeça, sentindo-se um pouco exasperada e um tanto atacada. “É um cão de rua e seus filhotes. Não estou me estabelecendo. Estou apenas experimentando. Testando as coisas. Aproveitando minha vida, para variar”.

Agora, foi a vez de Amy dar um suspiro. “E estou feliz por você, Emily, estou. Acho ótimo você estar aproveitando sua vida, você realmente merece, depois de tudo que passou com Ben. Mas só acho que você talvez não tenha dedicado tempo suficiente para pensar a respeito. Começar um negócio não é fácil”.

“Você fez isso”, Emily a lembrou.

Amy gerenciava de casa uma empresa de aromatizadores desde que havia saído da faculdade, vendendo seus itens online. Havia levado uma década passando noites sem dormir e

semanas de trabalho de domingo a domingo para ganhar dinheiro suficiente para apenas se sustentar, mas agora o negócio estava prosperando.

“Você está certa”, Amy falou. “Fiz isso. E foi difícil”. Ela esfregou as têmporas. “Emily, se for isso que você realmente quer fazer, poderia ao menos voltar para Nova York por um tempo primeiro, para analisar o assunto adequadamente, com cuidado? Criar um plano de negócios, ir ao banco para obter um empréstimo, encontrar um contador para ajudar com os livros? Eu poderia ser uma mentora. Então, se você estiver realmente segura de ter tomado a decisão certa, pode voltar para cá”.

“Eu já sei que tomei a decisão certa”, Emily falou.

“Como?” Amy falou, exasperada. “Você não tem nenhuma experiência! Pode odiar tudo isso, literalmente! E então? Terá desperdiçado todo o seu dinheiro. Não teria nada em que se apoiar”.

“Sabe, eu espero esse tipo de merda da minha mãe, Amy, não de você”.

Amy deu um suspiro profundo. “É difícil apoiar tudo isso após você me desligar completamente da sua vida. Eu não quero brigar com você, Emily. Vim aqui porque sinto sua falta. E me preocupo com você. Esta casa? Não é você. Não está entediada aqui? Você não sente falta de Nova York? De mim?”

O coração de Emily doeu ao sentir a aflição na voz de Amy. Mas o relógio na parede lhe informava que seu tempo estava se acabando. A reunião com o conselho municipal começaria em breve, uma reunião que determinaria seu futuro. Ela precisava estar lá, e precisava estar calma.

“Desculpe”, Amy falou secamente quando notou que era para o relógio na parede que o olhar de Emily teimava em se dirigir. “Estou atrapalhando alguma coisa?”

“Não, é claro que não”, Emily falou, pegando a mão de Amy. “É que... podemos falar sobre isso mais tarde? Estou com muita coisa na cabeça e...”

“Eu chegar sem avisar nunca foi um problema antes”, Amy rosnou.

“Amy”, Emily avisou. “Você não pode simplesmente perturbar minha vida, me dizer que estou vivendo-a errado, e esperar que eu aja graciosamente. Fico feliz em vê-la, de verdade. E você pode ficar o tempo que quiser. Mas, agora, tenho que ir a uma reunião com o conselho da cidade”.

Uma das sobrelhas de Amy se levantou. “Uma reunião com o conselho da cidade? Pelo amor de Deus, Emily, ouça o que está dizendo! Reuniões assim são para caipiras do interior. Não têm nada a ver com você”.

Emily perdeu toda a paciência. “Não, você está enganada. A garota que eu era em Nova York? Essa não era eu. Aquela era uma mulher tola que seguia Ben por todo lado como um cachorrinho, esperando que ele dissesse a ela que era o bom suficiente para casar. Eu nem reconheço mais a pessoa que eu costumava ser. Será que você não percebe? Esta sou eu. Onde estou agora, parece muito mais verdadeiro para mim do que Nova York jamais foi. E se você não gosta, ou se pelo menos não conseguirá nunca me apoiar nisso, então, não temos mais nada a dizer uma a outra”.

O queixo de Amy caiu. Nunca, em todos esses anos de amizade, elas brigaram daquela

forma. Emily nunca levantara a voz para sua amiga mais antiga e mais próxima.

Amy apertou bem a bolsa junto ao peito e, então, puxou um maço de cigarros de sua bolsa. Com dedos ágeis, tirou um cigarro e colocou-o entre os lábios. “Aproveite sua reunião, Emily”.

Ela saiu da casa e se dirigiu para onde havia estacionado seu Mercedes. Emily observou-a partir, o arrependimento já brotando dentro dela.

Então, ela foi até seu carro, deu a partida, e acelerou pela rua na direção da prefeitura, mais determinada do que nunca.

Capítulo Dezenove

A prefeitura de Sunset Harbor era um prédio formal, mas pitoresco, de tijolos vermelhos. Havia pequenas árvores no gramado e uma placa *vintage* de madeira do lado de fora, com letras em relevo, douradas. Enquanto Emily subia as escadas correndo, quase deixando cair sua pasta, podia sentir os ancestrais da cidade observando-a.

Ela irrompeu pelas portas duplas e correu até a mesa da recepção, onde uma mulher sorria, gentil.

“Oi, estou atrasada para a reunião”, Emily falou, procurando entre seus papéis pela carta que informava em qual sala ela deveria estar. “Não me lembro qual era a sala. É sobre a casa na Rua Oeste”.

“Você deve ser a moça da pousada”, a recepcionista disse, com um sorriso. “Aqui está a etiqueta com seu nome. A reunião foi transferida para o salão principal por causa do alto nível de interesse. Basta passar pelas portas duplas à direita”.

“Obrigada”, Emily falou, grudando a etiqueta com seu nome em seu vestido e se perguntando o que significava um “alto nível de interesse”.

Ela foi até as portas duplas que a mulher havia indicado e empurrou-as. Ficou surpresa ao ver quanta gente havia na sala. Um grande número de moradores da cidade apareceu para a discussão. Ela notou os Patels, Joe, da lanchonete, os Bradshaws e Karen, do mercado. Era óbvio que se sua propriedade seria uma pousada ou não importava para mais pessoas do que ela havia previsto.

Seu coração deu um pulo de alegria quando notou Daniel bem na frente. Ele veio. Ele não a havia decepcionado desta vez. Algumas cabeças se viraram enquanto se dirigia apressada até a parte da frente, para se sentar ao lado dele. Ele apertou o joelho dela e piscou.

“Vai dar tudo certo”, disse.

Neste momento, Emily viu Trevor Mann na fileira seguinte, olhando para ela com uma sobrancelha levantada e um ar de deboche. Ela devolveu a expressão fria dele estreitando os olhos.

Felizmente, ela só havia perdido os primeiros cinco minutos da reunião. O prefeito estava apenas terminando de introduzir as pessoas no painel e revisando a pauta do encontro.

“Então”, ele disse, fazendo um gesto para Emily e Trevor, “Darei a palavra a vocês. Seus argumentos, por favor”.

Trevor não perdeu um segundo. Ele se levantou de um salto e se virou para olhar para a audiência.

“Eu moro no terreno atrás desta casa”, ele começou. “E sou totalmente contra ela se tornar uma pousada. Já temos pousadas na cidade, não há necessidade de mais uma numa rua residencial tranquila como a Rua Oeste. Seria um imenso transtorno para mim”.

“Bem”, Emily disse, com um voz baixa, “tecnicamente falando, você não mora na propriedade. É sua segunda casa, não é?”

“Tecnicamente falando”, Trevor sibilou, “a sua também não é sua casa, de jeito nenhum”.

“*Touché*”, Emily balbuciou, percebendo que Trevor Mann não ia deixar de mencionar nada,

certa de que ele jogaria sujo, se fosse necessário.

Ela afundou na sua cadeira, sentindo-se oprimida pela situação, ouvindo-o desfiar uma série de estatísticas sobre a poluição sonora e o aumento da coleta de resíduos, e sobre como o mercado turístico e os locais vinham sendo prejudicados exatamente por “este tipo de coisa”. Emily tentava falar, mas Trevor nunca lhe dava a chance. Ela começou a se sentir como um peixe fora d’água, apenas abrindo e fechando a boca.

“No fim das contas”, Trevor Mann disse, “estamos lidando aqui com uma mulher sem experiência que não sabe nada sobre dirigir um negócio. Eu, pelo menos, não quero que o terreno de frente da minha casa seja usado em seu projetinho para massagear seu ego”.

Ele se sentou triunfante, esperando ouvir alguns aplausos ou apoio vindo da plateia. Ao invés, foi recebido por um silêncio ensurdecedor.

“Você vai deixar a coitada falar agora?” Dr^a Patel perguntou.

Então, a audiência gritou: “Queremos ouvir, queremos ouvir!” Emily ficou feliz em saber que o pessoal da cidade a apoiava. Pela primeira vez, sentiu que havia feito alguns amigos de verdade aqui, algo de que ela precisava no momento, depois da briga com Amy. Pensar em Amy apertou ainda mais o nó que já sentia no estômago.

Ela se levantou, sentindo que todos os olhos no salão estavam focados nela. Então, pigarreou e começou.

“Primeiro que tudo, preciso dizer a vocês o quanto estou emocionada por terem vindo. Acho que sabem que eu não era muito popular quando cheguei aqui. Eu era desconfiada e cética. Mas esta cidade só me mostrou amor, simpatia, generosidade e amizade. Graças a vocês, aprendi a amar este lugar, e a amar todos vocês. Sinto como quando eu vinha aqui como uma menina. Todos têm sido como pais para mim, como mentores, mostrando como me tornar uma mulher. Meu objetivo não é ficar rica. Quero apenas a chance de poder viver nesta cidade, e encontrar uma maneira de me sustentar enquanto isso. Quero a chance de reformar a casa do meu pai, que significa mais para mim do que tudo no mundo. Ainda não estou pronta para ir embora. E também só quero a chance de retribuir o que recebi para esta comunidade”.

Emily notou vários sorrisos de encorajamento no salão. Algumas pessoas estavam até enxugando os olhos com lenços. Ela continuou:

“A casa na Rua Oeste pertencia a meu pai. A maioria de vocês o conheceu. Eu acredito, das belas histórias que vocês me contaram, que ele era um membro querido pela comunidade”. Ela sentiu que iria se engasgar com a emoção. “Sinto falta do meu pai. Acho que vocês também sentem a falta dele. Restaurar essa casa parece uma maneira de honrá-lo. Transformá-la novamente numa pousada parece uma forma de honrar a cidade que ele adorava. Tudo o que peço é que vocês me deem a chance de deixá-lo orgulhoso, e fazê-los se orgulhar de mim”.

De repente, o salão irrompeu em aplausos. Emily se sentiu tomada de alegria por aqueles ao seu redor, pelo amor e carinho que haviam demonstrado quando decidiu deixá-los entrar em sua vida.

Antes mesmo dos aplausos terminarem, Trevor Mann se levantou novamente.

“Que emocionante, senhorita Mitchell”, ele disse. “E apesar de ser adorável você querer retribuir para a comunidade, tenho que destacar mais uma vez o quanto você é desqualificada

para reformar uma propriedade daquela magnitude, sem falar em ter sucesso em dirigir uma pousada”.

Pronto. A luta havia começado. E Emily estava preparada para ela.

“Ao contrário do que acredita o Sr. Mann”, ela falou, “Eu tenho experiência. Tenho trabalhado na propriedade há meses e, durante esse tempo, eu a transformei completamente”.

“Ha!” Sr. Mann gritou. “Ela explodiu a torradeira ainda ontem!”

Emily ignorou as tentativas dele de colocá-la para baixo. “Eu também obtive todas as licenças necessárias para o trabalho que tem sido feito, e planos para as reformas necessárias para converter a propriedade num negócio”.

“Ah, verdade?” Trevor zombou. “Está me dizendo que você obteve as licenças do encanamento e das instalações elétricas? De profissionais qualificados?”

“Sim, tenho-as aqui”, ela disse, puxando os formulários que Cynthia havia dado a ela.

“Bem, e o formulário sobre o esgotamento sanitário?” Trevor falou, parecendo cada vez mais frustrado. “Você o preencheu?”

Emily retirou alguns outros documentos de Cynthia de sua pasta. “Aqui estão três cópias, como é exigido”.

O rosto de Trevor estava começando a ficar vermelho. “E aquele celeiro, que foi danificado na tempestade? Você não pode deixá-lo daquele jeito, é perigoso. Mas, se for consertá-lo, terá que se adequar às normas de uso do solo”.

“Estou ciente disso”, Emily replicou. “Estas são minhas plantas para a reforma dos prédios externos danificados. E, antes de você perguntar, sim, eles estão de acordo com os Códigos Internacionais de Construção de 2009. E...” ela continuou, levantando a voz para impedir que Trevor a interrompesse, “foram reconhecidos com o selo do Conselho de Arquitetura do Maine”.

Trevor franziu as sobrancelhas.

“Tudo isso é irrelevante”, ele finalmente disparou, sem poder mais conter sua frustração. “Vocês estão esquecendo o elefante branco na sala. Esta casa foi declarada inabitável há alguns anos. E ela está com vários impostos atrasados. Está vivendo lá de maneira ilegal, e, tecnicamente, esta casa nem mesmo lhe pertence mais”.

O salão ficou em silêncio enquanto todos os olhos se voltavam para o prefeito.

O coração de Emily batia forte dentro do peito; aquele era o momento da verdade.

Finalmente, o prefeito ficou de pé, de frente para todos. Ele estava tentando disfarçar seu sorriso afetado, sem sucesso.

“Acho que todos nós já ouvimos o suficiente, não é?” ele disse. “A casa foi declarada inabitável porque ficou vazia por vários anos. Mas todos nós já passamos por isso, e está mais do que habitável agora – está linda”.

A multidão deixou escapar uma leve onda de aprovação.

“E quanto aos impostos atrasados”, ele continuou, “Emily pode pagá-los com o tempo. Eu sei que nossa cidade prefere ter uma residente pagante, mesmo tardiamente, do que não recolher imposto algum. Além disso, as novas taxas e o comércio que uma pousada iria gerar beneficiariam muito mais a comunidade a longo prazo.

Ele se virou para Emily e deu um largo sorriso.

“Estou preparado para conceder a Emily a linceia para converter a casa numa pousada”.

A audiência vibrou. Emily ficou atônita, quase sem acreditar no que acabara de acontecer. Trevor Mann voltou a se sentar em sua cadeira, perplexo e em silêncio.

As pessoas vieram até Emily, apertando sua mão, beijando-a no rosto, dando leves batidinhas em seus ombros. Emily mordeu seu lábio inferior, tomada pela emoção. Birk e seu filho Jason, o bombeiro que Emily havia conhecido, vieram parabenizá-la. Raj Patel a lembrou das galinhas que ele estava tentando realocar.

“Se precisar de alguma ajuda com o encanamento ou a parte elétrica, ficarei feliz em ajudar”, um homem falou, dando a ela seu cartão.

“Barry”, ela falou, lendo o nome. “Obrigada. Entrarei em contato”.

Karen falou que, se ela usasse o mercadinho para se abastecer, poderia conseguir algum tipo de desconto para grandes volumes. Emily estava impressionada pela generosidade e encorajamento de todos.

“Quando você abrir sua pousada, serei a artista residente, certo?” Serena disse, abraçando sua amiga.

Emily respondeu com um sorriso.

Daniel abriu caminho pela multidão, e então a tomou em seus braços e a apertou junto a si. “Estou tão orgulhoso de você”.

“Nem acredito!” Emily gritou, jogando a cabeça para trás e rindo enquanto ele a girava. “Conseguimos a licença! Aposto que você nunca pensou que eu chegaria tão longe quando me conheceu”.

Daniel balançou a cabeça. “Para ser sincero, pensei que você iria fazer algo ridículo, como deixar o gás ligado por acidente e explodir a casa. Naquele tempo, eu a ajudei apenas em interesse próprio”, ele acrescentou, brincando.

“Ah, é?” Emily falou, inclinando-se e dando-lhe um beijo suave nos lábios.

Daniel a beijou com doçura. Emily sentiu seu perfume, pensando sobre como a vida podia ser imprevisível. Não fazia muito tempo que ela beijava Ben, pensando que se casaria com ele. O quanto havia sido estúpida. Como os beijos de Daniel eram completamente diferentes.

Quando ele a colocou de volta no chão, Emily levantou os olhos para olhar para ele e pegou sua mão. As palavras de Amy ainda ressoavam em sua mente, sobre como era realmente difícil começar um negócio. Que a maior parte deles fracassava no primeiro ano. “Agora, começa a parte séria”, ela disse a Daniel. “O planejamento. O investimento financeiro. É um grande, grande risco”.

Daniel assentiu com a cabeça. “Eu sei. Mas por que não celebramos primeiro? Vamos apenas aproveitar o momento”.

“Você tem razão”, ela disse, sorrindo. “Esta é uma vitória. Deveríamos comemorar. Mas é melhor você não beber muito. Precisa acordar cedo amanhã”.

Daniel franziu o cenho, confuso. “Preciso? Por quê?”

Emily olhou séria para ele. “Eu sei para onde você vai quando desaparece”, ela disse. “Para a marina”.

“Ah”, Daniel falou, sentindo-se sem graça. “O que tem isso?”

“Consegui um motor novo para seu barco”.

Os olhos de Daniel se abriram, surpresos. “Como? Mas você não tem dinheiro!”

Ela sorriu. “Você não tinha dinheiro para me comprar uma torradeira, mas comprou de todo jeito, apenas para me animar, quando eu estava completamente para baixo. Então, quis fazer algo para você, em agradecimento”.

Os olhos de Daniel brilharam, e Emily sabia que o pequeno sacrifício financeiro havia valido a pena só pela expressão no rosto dele.

“Certo, isto pede o bar do Gordon!” Daniel falou.

Emily levantou uma sobrancelha. “Sério? Quer ir até a cidade? E todas aquelas pessoas intrometidas sussurrando?”

Daniel apenas deu de ombros. “Não ligo mais para elas. Você é o que importa para mim”. Ele deu um beijo no topo da cabeça dela.

Emily passou um braço ao redor da cintura dele.

Quando se preparavam para ir embora, ela notou alguém de pé, na porta, observando. Era Amy. Emily parou e retesou o corpo. Mas, ao invés de começar qualquer tipo de confronto, Amy levantou o polegar para Emily. Então, soprou um beijo e foi embora.

“Quem é ela?” Daniel perguntou.

Emily sorriu. “Apenas alguém do meu passado”.

Capítulo Vinte

A casa ganhou vida com os trabalhadores, que iam e vinham sem parar. Havia muita coisa a fazer agora que a licença havia sido concedida, e o trabalho começou imediatamente. Muitas pessoas apareceram para oferecer serviços a Emily – forros de gesso, polimento, até a limpeza de janelas – em troca de uma avaliação positiva do serviço, e ela estava mais do que feliz em aceitar suas ofertas generosas. Parecia estranho ter tanta gente circulando pela casa após meses em que era apenas ela e Daniel. Mas Emily sabia que teria que se acostumar; ela havia se disposto a ter interrupções diárias em sua vida ao decidir ir em frente com o projeto da pousada.

Ela supervisionou a entrega da mesa da recepção que Rico havia doado. Ficou incrível no foyer. Barry, o eletricista, trabalhou no andar de baixo, instalando a nova caixa registradora que ficaria sobre ela. Então, Raj apareceu em sua van branca.

“Entrega de cesta de flores!” ele disse, sorrindo.

“Ótimo”, Emily replicou.

Nem bem Raj havia saído de sua van, outra apareceu na frente da casa.

“Temos um tapete longo para o corredor, encomenda para a senhorita Emily Mitchell”, o entregador falou, olhando para sua prancheta. “Onde quer que coloque?”

“Por aqui”, Emily indicou, dirigindo-o pela casa.

Daniel estava na cozinha, preparando café para todo mundo; ela podia ouvi-lo conversar com os cães da cozinha. Emily havia conseguido encontrar um lar para todos os filhotes, com exceção de Chuva, o menor e mais frágil, e Mogsy, a mãe. Cynthia ia pegar um para seu filho Jeremy, Raj concordou em dar a ela os cestos de flores de graça em troca de Trovão, o filhote mais travesso de todos; Jason, o bombeiro, ia pegar um como presente para sua nova filha recém-nascida, e Joe, da lanchonete, avisou que queria ficar com o último. Emily ficou feliz em saber que a cidade estava ajudando-a mais uma vez, e ela sabia que os filhotes iriam adorar suas novas casas.

Emily levou o entregador do tapete pelas escadas até o corredor. “Bem aqui”, ela disse.

Ela observou-o desenrolar o novo tapete creme. Ficou maravilhoso, complementando perfeitamente seu esquema de cores, nos tons cinza, azul e branco.

A casa estava se transformando numa pousada adequada e Emily se permitiu ficar animada com o bom andamento das coisas. Apesar de ainda sentir nervosismo, parecia ser mais pela antecipação do que por medo. Era como se sua vida inteira a tivesse trazido até este momento, e ela finalmente estava onde deveria estar.

Emily agradeceu ao entregador e ele foi embora. Assim que ele partiu, ela caminhou ao longo do novo carpete, sentindo sua maciez como uma criança quando ganha um brinquedo novo. Ela se sentia muito animada com o futuro. Mas então se lembrou de que havia um quarto muito importante que ela ainda tinha que renovar, o cômodo que era, na verdade, o mais importante. Ela o havia evitado até agora, mas, subitamente, sentiu-se capaz de entrar lá e fazer o que era necessário.

Ela caminhou ao longo de todo o comprimento do novo tapete, passando pela miríade de

quartos que um dia se tornariam parte da pousada, mas que, por ora, estavam vazios, e então se deteve diante da porta fechada do quarto que já havia pertencido a ela e a Charlotte. Emily colocou as mãos contra a madeira e respirou fundo. Ela hesitou por um momento, perguntando-se se havia tomado a decisão certa, afinal. Este era o quarto que tinha maior potencial de impressionar, com o mezanino e as janelas que iam do teto ao chão, com uma vista incrível do mar. Além disso, era a parte mais tranquila da casa. Tinha lógica transformar este quarto no quarto de hóspedes. Mas isso significava que Emily não podia mais adiar a tarefa de empacotar os objetos em seu interior por mais tempo. O sucesso do negócio dependia da reforma deste quarto.

Tomando coragem, Emily abriu a porta e entrou. Ela não teve pressa, absorvendo tudo, deixando que as lembranças que ele continha permeassem sua pele. Então, ela se sentou no chão e, cuidadosamente, empacotou todos os livros infantis, brinquedos e roupas, sentindo uma pontada de dor em seu coração. Enquanto fazia isso, sabia que havia tomado a decisão certa. Apesar de sofrer por colocar sua infância em caixas, ignorar o que havia atrás daquela porta também estava machucando-a, mais do que se dava conta. Talvez agora ela pudesse deixar aquela parte de sua vida para trás e seguir em frente.

Ao meio-dia, a casa se acalmou, depois que os trabalhadores saíram para almoçar. Emily ficou de pé e olhou ao redor, o último dos itens do quarto já estava nas caixas e elas foram colocadas em seu lugar especial no sótão: o cômodo estava completamente vazio. Amanhã, o trabalho de renovação começaria. O papel de parede rosa seria removido e o quarto seria pintado de branco. A madeira do mezanino seria pintada de branco também. Emily já havia comprado todos os jogos de cama e móveis no estilo rústico-chique, então, bastava trazê-los para o quarto e arrumar tudo.

Emily se deitou na cama e olhou para a linda vista para o mar e para o céu limpo, sem nuvens, contente por saber que tinha tomado a decisão certa, com toda a certeza. Pela primeira vez em sua vida, ela havia colocado o futuro na frente do passado, e agora olhava para a frente ao invés de se deixar arrastar para trás. Ao escolher este quarto específico para a pousada, Emily sentiu que estava dando a si mesma permissão para dar o passo seguinte em sua vida, que ela finalmente podia se desapegar do passado e da culpa sem sentido que sentia pela morte da irmã.

Ela pegou a última caixa e levou-a ao sótão. Ao chegar na porta, ouviu um som surdo e se virou, percebendo que uma foto havia caído da parede; ela deve ter esquecido de tirá-la. Emily foi até lá e a pegou do chão, colocando-a sobre a última caixa. Então, percebeu que era uma foto dela e de Charlotte, vestidas em suas capas de chuva, com um sorriso largo. Naquele momento, Emily teve certeza de que era um sinal da sua irmã dando-lhe permissão para seguir em frente com sua vida.

Nesse momento, Emily ouviu alguém bater na porta da frente. Ela colocou a última caixa no chão e desceu as escadas. Quando abriu a porta, viu que o gramado estava banhado pelo sol alto do meio-dia, brilhando sobre o belo jardim da casa, iluminando as cores vivas das flores que Raj havia plantado, e dos cestos de flores que combinavam com elas.

Havia um funcionário dos Correios à porta. “Emily Mitchell?”

“Sim, sou eu”, ela disse, pegando a caneta dele para assinar o pacote, animando-se ao perceber o que havia chegado.

“O que é isto?” Daniel perguntou, aparecendo atrás dela.

Emily agradeceu ao carteiro e ele se afastou. Então, ela se virou para Daniel. “É a placa”.

“Já chegou?” Daniel exclamou. “Qual o nome que você escolheu?”

Ela havia trabalhado secretamente no nome, sem querer que ninguém mais influenciasse sua decisão. As pessoas não paravam de dar sugestões, mas ela sabia que o nome tinha que significar algo para ela, tinha que vir dela e apenas dela.

“Nada de espiar”, ela disse, enquanto rasgava o embrulho e examinava a placa. Era linda, num estilo rústico de muito bom gosto, que complementaria perfeitamente a casa.

Com a ajuda de Daniel, ela pendurou a placa no seu lugar. Uma onda de excitação correu pelo seu corpo ao dar alguns passos para trás e olhar para a placa nova e luminosa, que pendia orgulhosa acima da porta.

“A Pousada em Sunset Harbor”, Daniel falou, lendo a placa.

“O que você acha?” Emily perguntou.

“Adorei”, Daniel falou, puxando-a para mais perto dele.

No mesmo instante, Emily ouviu o som de gravetos estalando sob pneus. Ela e Daniel se voltaram e viram um carro desconhecido vindo ao longo do caminho que levava até a casa. Ele parou e então um homem saiu do carro, arrastando uma mala.

“Bom dia”, ele falou. “A senhora do mercado recomendou sua pousada. Você tem algum quarto disponível?”

O coração de Emily deu um salto de alegria. Ela olhou rapidamente para Daniel e sorriu, antes de se virar para o homem e responder, com sua voz mais profissional:

“Acho que podemos achar um para você”.

Em breve!
Livro #2 da série A Pousada em Sunset Harbor

Visite www.sophieloveauthor.com para se inscrever na lista de e-mails e saber quando será publicado!

Sophie Love

Fã de longa data de romances, Sophie Love está muito feliz em publicar sua primeira série de livros: AGORA E PARA SEMPRE (A POUSADA EM SUNSET HARBOR – LIVRO 1). Sophie adoraria ouvir seus comentários, então, visite www.sophieloveauthor.com se quiser enviar-lhe um e-mail, receber eBooks de graça, saber das novidades e manter contato!